

## 3

## UMA EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS NA COMUNIDADE LOCAL

*O Senhor é o Espírito,  
e onde está o Espírito do Senhor, ali está a liberdade.  
E todos nós que, com o rosto descoberto,  
refletimos como espelhos a glória do Senhor,  
nós nos transformamos nesta mesma imagem,  
cada vez mais resplandecente,  
conforme a ação do Senhor, que é Espírito.*  
Paulo  
2Cor 3,17-18

Vimos anteriormente, o quanto o tema da evangelização tem sido abordado nos mais diversos fóruns de reflexão e de formação na Igreja. O Concílio Vaticano II imprimiu um movimento de renovação eclesial e permanecem latentes suas interpelações em favor da integração entre fé-vida-sociedade. A urgência de uma “nova evangelização” tem sido vivida como inquietação, mas também como processo dialógico e de amadurecimento em muitas comunidades eclesiais. É nesse campo de reflexão e debates que se insere o tema da Iniciação Cristã de Adultos, o qual, numa revisão teológica do processo, trata da identidade cristã no mundo contemporâneo.

O tema da Iniciação Cristã não é um tema restrito ao campo da pastoral, da liturgia, ou da catequética. Deve ser pensado como eixo em torno do qual se articulam aspectos fundamentais: a relação entre Deus e a pessoa, entre pessoa e comunidade, entre fé e vida, entre história pessoal e história da humanidade<sup>575</sup>.

A Iniciação Cristã se dá em comunidade. O amadurecimento pessoal e o amadurecimento comunitário caminham em construção dialógica e não como dimensões isoladas<sup>576</sup>.

Pensar a comunidade eclesial como uma situação estável, hierarquicamente superior e separada do processo de Iniciação Cristã significaria desconhecer a própria natureza da economia sacramental da salvação<sup>577</sup>.

<sup>575</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 78.

<sup>576</sup> Cf. ALBERICH, E. Catechesi adulta en una Chiesa adulta. In: *Orientamenti Pedagogici*. Rivista internazionale di scienze dell'educazione. Gardolo: Erickson, 1991, n. 38, p. 1373.

<sup>577</sup> A economia sacramental diz respeito ao tempo da Igreja que, pelo dom do Espírito Santo, Cristo manifesta, torna presente e comunica sua obra de salvação pela liturgia. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Loyola; Ave Maria e Petrópolis: Vozes, 1993, n. 1076; Cf. ROCCHETTA, C. *Como evangelizar hoy a los cristianos*. El Rito de Iniciación

Vejamos algumas questões que nos auxiliam nesta reflexão: Qual o modelo de comunidade que se deseja promover e estimular? Quais os aspectos eclesiológicos que devem orientar a ICA? Podemos pensar em um horizonte eclesial não apenas no sentido da atuação pastoral, mas enquanto comunidades que promovam a renovação e transformação da Igreja e de sua missão evangelizadora? É possível construir caminhos comunitários eclesiais que dialoguem com suas realidades e, ao mesmo tempo, mantenham os critérios e exigências da comunhão eclesial? O caminho da Iniciação Cristã orientado pela mistagogia de Cirilo de Jerusalém seria um caminho fecundo e possível para os tempos atuais? Como promover esse resgate fontal e dialogar com as questões presentes na evangelização atual?

Na direção de um discernimento teológico quanto a estas questões relevantes para a ICA, estabeleceremos neste capítulo uma aproximação com a prática pastoral. As etapas anteriores - a originalidade da Iniciação Cristã e desafios deste processo no mundo contemporâneo, as orientações do Magistério e a experiência mistagógica em Cirilo de Jerusalém -, são os pontos balizadores que orientarão nosso olhar epistemológico. Sem deixar de lado as fontes provenientes do Magistério e as reflexões teológicas atuais, nossa matriz teológica para o estabelecimento deste diálogo será a mistagogia em Cirilo de Jerusalém.

Nesse caminho de investigação e atenção aos sinais dos tempos<sup>578</sup> localizamos uma experiência de ICA, em uma comunidade eclesial local, na qual identificamos um caminho mistagógico<sup>579</sup>. A partir de um diálogo teórico-pastoral com a experiência local, verificaremos a possibilidade concreta de um resgate desta experiência catecumenal das origens da Igreja, como referencial para a ICA nas comunidades atuais.

A mudança eclesiológica do Concílio Vaticano II é decisiva no que diz respeito à concepção central da comunidade como Povo de Deus, profético, ministerial e missionário. Supera-se a ideia de Povo de Deus como simples *destinatário* da missão e avança-se para a dimensão de Povo de Deus como

---

Cristiana de Adultos como propuesta tipo para una nueva evangelización. Bilbao: EGA, 1994, p. 78.

<sup>578</sup> Cf. EN 75.

<sup>579</sup> Apesar de ser uma afirmação ousada, nos percebemos conduzidos pelo Espírito para conhecer e observar a experiência desta comunidade em particular. Nela encontramos uma Igreja aberta ao Espírito, vivendo uma dinâmica mistagógica que nos fez descobrir e valorizar a possibilidade de experimentarmos uma mistagogia viva em plena sociedade contemporânea.

*sujeito* da missão: um povo comunhão-comunidade, no qual cada batizado tem um carisma próprio e ao qual deve responder como vocação profunda. Na eclesiologia de comunhão, o protagonismo é de cada fiel e da comunidade como um todo, conduzindo à maturidade cristã que a todos envolve, interpela e envia. Esta concepção constitui uma perspectiva eclesial na qual *diakonia* e missão caminham juntas e, cada batizado em Cristo é vocacionado e co-responsável. Todos mergulhados no mistério pascal e orientados para um mesmo fim<sup>580</sup>.

A comunidade eclesial é comunidade sacramental, imbuída da própria dinâmica da Salvação, deixando-se permear e interpelar pela voz que ausculta e convida à conversão existencial. É sacramento vivo. É Igreja, sacramento de Jesus Cristo no mundo, como exorta o Concílio Vaticano II e resgata o Documento de Santo Domingo.

Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que plenifica o universo, o Povo de Deus procura discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações de nossos tempos, quais sejam os sinais verdadeiros da presença e dos planos de Deus. A fé tudo ilumina com nova luz e manifesta o plano divino sobre a vocação integral do homem<sup>581</sup>.

As Igrejas particulares têm como missão prolongar para as diversas comunidades “a presença e a ação evangelizadora de Cristo” já que estão “formadas à imagem da Igreja universal nas quais e, a partir das quais, existe uma só e única Igreja Católica<sup>582</sup>”.

A comunidade eclesial local é *locus theologicus*, espaço vivo e fecundo da dinâmica salvífica, sacramento para o mundo. Na medida em que a comunidade é ouvinte da Palavra e espaço hermenêutico e prático que responde à Palavra, ela encarna a fé com contornos bem nítidos, tornando-se comunidade viva. A comunhão eclesial não é uma teoria teológica, mas vivência concreta no seio de comunidades vivas.

É com este embasamento que a Iniciação Cristã passa a ser sinalizada como um *estado de ser Igreja*<sup>583</sup> e não como um estágio de passagem na formação cristã. Com relação à ICA. E. Alberich apresenta o desafio de que a ICA seja

<sup>580</sup> Cf. ROCCHETTA, C. op. cit., p. 28.

<sup>581</sup> GS 11.

<sup>582</sup> DSD 55.

<sup>583</sup> A Igreja é a matriz da Iniciação Cristã e, ao mesmo tempo, é o campo de sementeira. A Iniciação Cristã não é apenas uma etapa na formação cristã, mas é o estado constante de seguimento de Jesus no qual todo o Povo de Deus caminha. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *La Iniciación Cristiana*, op. cit., p. 223.

assumida como tarefa fundamental da Igreja, “permitindo a todos uma autêntica e estimulante experiência de Igreja, que possa ajudar a interiorizar e amadurecer o sentido de pertença e de comunhão, e que tenha como sujeito a base eclesial”<sup>584</sup>.

Neste capítulo, constituiremos uma aproximação entre duas experiências de ICA distantes historicamente – a experiência mistagógica em Cirilo e o caminho catecumenal na *Casa de Oração Batismo do Senhor*<sup>585</sup>. Duas experiências eclesiais com características diversas, contudo, a primeira experiência é fonte de sabedoria e inspiração para a Igreja de todos os tempos. É a partir desta experiência que elencamos os elementos da mistagogia que se tornaram nossa referência, na observação e análise para o caminho catecumenal com adultos nessa comunidade particular.

Enfim, neste encontro entre a Igreja dos primeiros tempos e a Igreja contemporânea, temos presentes dois pressupostos básicos. Em primeiro lugar, o princípio de que a Iniciação Cristã é dinamismo fecundo que dá sentido à Igreja e, em segundo lugar, o lugar teológico da igreja particular na caminhada eclesial de todo o Povo de Deus.

### 3.1

#### A comunidade da Casa de Oração Batismo do Senhor

Segundo K. Rahner, o Concílio Vaticano II anunciou uma nova experiência de Igreja: a Igreja como acontecimento em uma comunidade local de altar, de palavra e de amor<sup>586</sup>. Os textos conciliares não apenas firmaram as bases para uma eclesiologia de comunhão, mas favoreceram o crescimento de experiências locais e abriram as portas para novas experiências. Esta porção do Povo de Deus, congregada pelo Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitui a Igreja particular.

<sup>584</sup> ALBERICH, E. op. cit., p. 1374.

<sup>585</sup> Na seção a seguir apresentaremos a Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, localizada no bairro de Vila São Luis, município de Duque de Caxias, cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>586</sup> K. Rahner, poucos meses antes da conclusão do Concílio Vaticano II, resume sua opinião sobre este grande acontecimento eclesial em um artigo publicado na revista *Geist und Leben*, com o título *Das neue Bild der Kirche – A nova imagem da Igreja*. Citado por GARZÓN, J. J. op. cit., p. 88.

A Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor* se insere nesta dinâmica, assim como diversas experiências que surgiram e amadureceram seus projetos.

A ação do Espírito em todos os membros da Igreja faz dela uma comunhão no Espírito Santo (2Cor 13,13), já que todos confessam Cristo como Senhor na força do mesmo Espírito (1Cor 12,3), todos são ungidos pelo Santo (1Jo 2,20) que lhes proporciona autêntico ‘sentido da fé’ (LG 12), todos são agraciados com carismas diversos em vista da ‘edificação comum’ (1Cor 14,26). Daí serem todos os membros da Igreja chamados a testemunharem Jesus Cristo, a participarem ativamente de sua ação missionária, a realizarem a vocação universal à santidade (LG 40), a constituírem um ‘sacerdócio comum’ (LG 10)<sup>587</sup>.

Segundo os critérios de eclesialidade firmados pelo documento da CNBB, *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*, e o reconhecimento do episcopado local, a Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor* é uma comunidade eclesial local, situada em uma Igreja particular, em unidade com a Igreja universal<sup>588</sup>. Sob o dinamismo do Espírito, a comunidade experimenta o discernimento nas orações, reflexões, diante da Palavra e da Eucaristia. É uma comunidade que reconhece em seus membros o sacerdócio comum que procede do Batismo, como sacramento que chama todos os fiéis a participarem ativamente na comunhão e na missão da Igreja.

Pois o Espírito respeita a diversidade das pessoas e, ao gerar comunhão (unidade), gera igualmente a catolicidade (universalidade que abarca a diversidade) e não a uniformidade. Toda a comunidade é sujeito da construção eclesial ao proclamar o Evangelho de Jesus Cristo movida por seu Espírito, ao transmitir para outras gerações o que ela é, o que ela crê (DV 8)<sup>589</sup>.

Nosso olhar teológico identificou uma comunidade que busca responder às orientações mais profundas do mandato missionário, presentes do Ritual RICA e nas reflexões provenientes da implantação do Catecumenato com Adultos numa linha mistagógica: o anúncio querigmático e a formação do discipulado de Jesus Cristo.

<sup>587</sup> COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades*. Subsídios doutrinários da CNBB, São Paulo: Paulinas, 2005, n. 44.

<sup>588</sup> O documento apresenta cinco critérios de eclesialidade: o primado dado à vocação de cada cristão à santidade; a responsabilidade em professar a fé católica; o testemunho de uma comunhão sólida e convicta com o Magistério; a conformidade e participação na finalidade apostólica da Igreja e o empenho de presença na sociedade humana. COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A DOCTRINA DA FÉ, op. cit., n.13.

<sup>589</sup> COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A DOCTRINA DA FÉ, op. cit., n.37.

Para nós, a maior referência desta comunidade é sua atenção à dinâmica que move o processo de Revelação e Fé, conduzida internamente pelo dom do Espírito, e pelos caminhos do Mistério.

No entanto, não pretendemos aqui apresentar esta experiência comunitária como perfeita, isenta de dificuldades, mas como uma comunidade eclesial em processo de escuta e de discernimento, em processo de formação pastoral-teológica, onde a integração entre catecumenato, leitura orante, liturgia e seguimento de Jesus, tornam-se fonte mistagógica e hermenêutica que fecunda a própria comunidade.

Uma experiência que pode se tornar paradigmática por sua orientação mistagógica, que revela enraizamento teológico e pastoral-pedagógico. Enfim, uma comunidade eclesial que trabalha a experiência religiosa cristã de forma dinâmica e vivencial.

### 3.1.1

#### **Histórico e perfil da comunidade**<sup>590</sup>

A Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor* nasceu a partir de um pequeno grupo que se dedicava à formação de lideranças das comunidades da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti e, nesse trabalho experimentava momentos de oração e reflexão da Palavra e celebrações eucarísticas. Esse grupo se sentiu chamado a viver uma experiência comunitária, como resposta à sua vocação batismal e de serviço à Igreja e ao Reino. O grupo teve sua primeira experiência de articulação na preparação do 7º. Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base<sup>591</sup>, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, em 1989<sup>592</sup>. Neste evento, alguns membros deste grupo foram responsáveis pelo bom

<sup>590</sup> Este item foi construído a partir dos documentos e atas disponibilizados pela atual Associação de Fiéis Batismo do Senhor e de entrevistas concedidas pelo orientador espiritual e pelo coordenador adjunto.

<sup>591</sup> As Comunidades Eclesiais de Base foram reconhecidas pelos bispos em Medellín como uma nova experiência de Igreja, como “o primeiro e fundamental núcleo eclesial”, “comunidade de fé, esperança e caridade, e responsável pela fé e culto de seus membros”, “fator primordial de promoção humana e desenvolvimento” e, “foco de evangelização”. Cf. *Medellín*, 1; GALILEA, S. *Evangelização na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1976, pp. 104-112; Anotações pessoais do curso ministrado por Clodovis Boff. CEBs. PUC-Rio, 1986.

<sup>592</sup> O 7º. Encontro Intereclesial das Cebes, em 1989, teve como tema: Cebes, Povo de Deus na América Latina a caminho da libertação. Nele estiveram presentes 2.550 pessoas, entre representantes de 19 países latino-americanos e 12 Igrejas Evangélicas. Refletiu o importante momento que a sociedade brasileira vivia: eleições diretas para presidente da república, depois de

desempenho das equipes de coordenação do encontro e pelas equipes de serviço, incluindo as equipes de Oração e Liturgia. Em sua formação teológica, este grupo estava em diálogo com a Teologia da Libertação<sup>593</sup> e em sua formação espiritual, buscava na Espiritualidade da Libertação<sup>594</sup>, um caminho de oração e mística. Eram pessoas que acompanhavam a formação das CEBs como assessores e como participantes, auxiliavam na formação de lideranças e no movimento popular na Baixada Fluminense.

A primeira característica deste pequeno grupo é sua própria configuração. Ele era formado por homens e mulheres, casados e solteiros, leigos e religiosos. Enfim, um grupo que constituía sua identidade não como um grupo somente de leigos ou de religiosos, de homens ou de mulheres, mas na sua orientação fundamental<sup>595</sup>, qual seja, uma experiência comunitária com duas referências principais: a liturgia e o monaquismo<sup>596</sup>. Uma segunda característica é de que

---

20 anos de silêncio. Cf. Secretariado do 10º Intereclesial. Disponível em: <<http://ospiti.peacelink.it/zumbi/memoria/10cebs/histor.html>> Acesso em: 6 de maio de 2008.

<sup>593</sup> A Teologia da Libertação foi tema de intenso debate entre os anos 60 e 80, e muitos estudiosos a ele se dedicaram no sentido de analisar, compreender seu histórico e relevância, com também os pontos de confronto no campo teológico e eclesial. No vento soprado pelo Concílio Vaticano II, no seu trato consciente com as questões do mundo contemporâneo, passando pela Conferência de Medellín e, em seguida, de Puebla, emerge a necessidade de responder aos desafios da evangelização no continente latino-americano. Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo, Segundo Galilea, Lucio Genra e outros teólogos protestantes e católicos trabalham no discernimento e elaboração de uma teologia onde a fé cristã e a realidade latino-americana dialoguem postulando ações pastorais que ajudem a caminhada dos oprimidos. Cf. BOFF, L. e BOFF, Cl. *Da libertação. O teológico das libertações sócio-históricas*. Petrópolis: Vozes, 1979; ANDRADE, P.F.C. *Fé e eficácia. O uso da sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1991; FUSSEL, K. *Teologia da Libertação*. In: EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 1993, pp. 865-870.

<sup>594</sup> A Espiritualidade da Libertação é uma espiritualidade fundamentada na experiência do seguimento de Jesus, na sua ação solidária em favor de todos. Deseja estar inserida no processo de libertação no qual os povos da América Latina estão engajados, vivendo a partir do dom da fé, esperança e caridade que tornam o ser humano disponível ao Senhor e sua ação libertadora no mundo. Quer ser uma espiritualidade que no encontro com Jesus, se identifica com os mais pobres. Cf. GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço. Itinerário espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, p. 17. Este grupo refletia especialmente os trabalhos de Segundo Galilea. Cf. GALILEA, S. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975 e *Evangelização na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1976.

<sup>595</sup> Andres Torres Queiruga desenvolve uma reflexão teológica sobre o tema da vida religiosa, repensando a sua intenção profunda de uma vivência integradora dos pólos pastoral e contemplativo e a identidade da missão. Neste rumo caminham grupos conhecidos como ‘comunidades mistas’, nas quais religiosos e leigos experimentam juntos a oração, os estudos e o apostolado. Cf. QUEIRUGA, A.T. *Por el Dios del mundo en el mundo de Dios*. Sobre la esencia de la Vida Religiosa. Santander: Sal Terrae, 2000.

<sup>596</sup> Este grupo procurava compreender e experimentar o monaquismo ocidental de origem beneditina, numa dimensão comunitária, buscando a harmonia entre a oração e o trabalho cotidianos, o que requer uma conversão constante. O Papa Paulo VI, em seu Decreto sobre o Ecumenismo, *Unitatis Redintegratio* exorta os cristãos a conhecerem esta experiência de sabedoria: “Também no Oriente se encontram as riquezas daquelas tradições espirituais, que o monaquismo sobretudo expressou. Pois desde os gloriosos tempos dos santos Padres floresceu no

alguns membros deste grupo eram assessores na Diocese de Caxias e apoiados pelo bispo Dom Mauro Morelli<sup>597</sup> no serviço de formação teológica e na evangelização das comunidades locais. A terceira característica fundamental para demarcarmos sua originalidade é a centralidade de uma inspiração monástica<sup>598</sup>, em torno da qual gostariam de configurar a comunidade, como um pequeno mosteiro inserido na realidade urbana<sup>599</sup>.

Participa desta gênese um padre que assume de modo particular o projeto do monaquismo comunitário: o Pe. Domingos Ormonde. Em 1991, após retornar de seus estudos na área de Liturgia, em São Paulo, mantém a assessoria na formação litúrgica da Diocese, e na implantação de grupos de oração com o Ofício Divino das Comunidades<sup>600</sup>. É uma pessoa imprescindível na avaliação

---

Oriente aquela elevada espiritualidade monástica, que de lá se difundiu para o Ocidente e da qual a vida religiosa dos latinos se originou como de sua fonte, e em seguida, sem cessar, recebeu novo vigor. Recomenda-se, por isso, vivamente que os católicos se abeirem com mais frequência destas riquezas espirituais dos Padres do Oriente que elevam o homem todo à contemplação das coisas divinas”. Cf. PAULO VI. Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo, 1964, n. 15. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 12 de maio de 2008.

<sup>597</sup> Dom Mauro Morelli foi ordenado sacerdote em 1965. Em 1974, foi nomeado bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo onde permaneceu até 1981. Em maio deste mesmo ano, foi nomeado pelo papa bispo da diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até março de 2005, quando sua renúncia foi aceita pelo Papa João Paulo II.

<sup>598</sup> A espiritualidade monástica é experiência mística e sapiencial dos Padres da Igreja do Oriente e que se estendeu para a Igreja Ocidental. Está centrada em dois termos: a Palavra e a Eucaristia. A resposta pessoal e o fato eclesial e comunitário caminham juntos, mesmo para os monges eremitas. A partir desta dinâmica, a espiritualidade monástica observa procedimentos e atitudes que corroboram para este caminho, como oração contemplativa, a paternidade espiritual, a importância do silêncio, a dialogia entre orar e trabalhar. Este é um tema de imensa riqueza e profundidade, o qual não ousaremos apresentar em uma simples nota. Sobre o tema da espiritualidade monástica conferir COLOMBÁS, G. *O Monacato primitivo*, Madrid: BAC, 1974; VOGUE, A. *Les règles des saints pères*. Paris : Du Cerf, 1982; TILLARD, J.M.R. *Religiosos, vivência e evangelho*. São Paulo: Loyola, 1978; CODINA, V. e ZEVALLOS, N. *Vida religiosa: história e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1987; PANIKKAR, R. *Elogio de la sencillez*. El arquetipo universal del monje. Estella: Verbo Divino, 1993.

<sup>599</sup> O grupo tem conhecimento da experiência das Fraternidades monásticas de Jerusalém. Nascidas em Paris, como uma experiência de monaquismo no coração da cidade, em 1974. Em 1975 contava com os doze primeiros irmãos; em 1989 comportava irmãos cenobitas, irmãs, eremitas urbanos masculinos e femininos, familiares e fraternidades laicas (essas últimas estão atualmente com mais ou menos seiscentos membros). A experiência avançou para outras cidades da França, para a Itália, Alemanha, Bélgica, Estados Unidos, Japão, Argentina e Portugal. Os irmãos e irmãs partilham seu tempo entre a oração (pessoal e liturgia), o trabalho (externo à Fraternidade), o acolhimento e o silêncio. A essência da experiência reside no monaquismo urbano, no coração do mundo tal como ele é, inseridos na cidade sem nela se diluírem e aí vigiar sem dela se distanciarem. “Estar no mundo sem ser do mundo”. (Jo 17,15) Neste espírito, o grupo de iniciantes de Duque de Caxias, procura buscar uma experiência com esta identidade e inserida na vida urbana e simples do povo. Neste rumo, os dois pólos da experiência religiosa se confluíram: o pólo pastoral e o pólo contemplativo. Cf. QUEIRUGA, A.T. op. cit., pp. 19-41. Sobre as Fraternidades monásticas de Jerusalém ver *Jerusalém. Livro da Vida*. Comunidades orantes no coração da cidade. Braga: Editorial A O., 1989 e no site: <http://jerusalem.cef.fr>

<sup>600</sup> O Ofício Divino das Comunidades (ODC) nasceu como uma tentativa de fazer chegar ao povo as riquezas estruturais da Liturgia das Horas. Sua aceitação por parte das Comunidades

dessa gênese, um elemento nuclear na fundação do projeto, no amadurecimento da espiritualidade monástica e na prática orante desenvolvida em conjunto com este pequeno grupo<sup>601</sup>.

Em 1997, surgem as primeiras reflexões em torno de um projeto de vida monástica alternativa, de caráter diocesano e urbano, incluindo sacerdotes, religiosos, leigos<sup>602</sup>. A ideia inicial era uma reapropriação do monaquismo comunitário, prorizando a experiência da liturgia das horas, da liturgia eucarística, da convivência e revisão de vida<sup>603</sup>. O projeto vislumbrava a moradia em comum de alguns membros e a abertura à vivência comunitária para outros membros que morassem no mesmo bairro. Todos compartilhariam da espiritualidade monástica por meio de orações comunitárias semanais, momentos de leitura da Palavra e trabalho manual.

Acolhido pelo bispo diocesano, Dom Mauro Morelli, e pelo Conselho Presbiteral<sup>604</sup>, o projeto amadurece em um contexto no qual a oração e a escuta ao

---

particulares, no Brasil, exigiu que a primeira edição sofresse muitas reformas, incluindo novos ofícios para os Tempos Litúrgicos, um desdobramento do Ofício dos Santos com festa dos Apóstolos, memória dos Mártires e Santas Testemunhas e ampliação do hinário. Cf. ISNARD, C.J.C. Apresentação da 7ª. edição do ODC, São Paulo: Paulus, 1994.

<sup>601</sup> Ao descrever o histórico do projeto, tanto o padre-monge como o coordenador adjunto, não mencionam este detalhe como fundamental na fundação da *Casa de Oração*. Contudo, com o olhar ‘estrangeiro’ daquele que chega e observa a gestão, identificamos esse padre como fundador, a partir do qual se enraíza e estrutura o projeto do Mosteiro inserido na vida urbana. Como muitos fundadores, o Pe. Domingos Ormonde descreve esse histórico como um caminho de discernimento comunitário e eclesial, e não reduzido à sua inspiração e orientação. Neste trabalho respeitamos sua prática discursiva, mesmo porque não é nosso objetivo analisar essa experiência monástica (o Mosteiro) e sim o grupo de Catecumenato com Adultos que ali se encontra e desenvolve sua trajetória.

<sup>602</sup> Pedido para o monaquismo alternativo em consonância com o serviço à Paróquia (catedral) como primeira opção, ou, como segunda opção, a dedicação ao projeto da Vila S. Luis. O projeto do monaquismo alternativo pretende ser diocesano e urbano. Inclui padres e leigos, leigos celibatários e não celibatários. No caso de casais, o projeto prevê a inclusão dos filhos do casal na convivência fraterna. O projeto inicial já contava com a participação de mulheres leigas e contemplava a possibilidade de mulheres virem a participar da vida diária do mosteiro. Carta do Pe. Domingos Ormonde ao Bispo Dom Mauro Morelli, datada de 16/04/1997.

<sup>603</sup> O pequeno grupo dedicou-se aos estudos do monaquismo antigo, comunitário, na linha de São Bento, e nas reflexões contemporâneas de Raimon Panikkar sobre o monaquismo. R. Panikkar defende um arquétipo de monge, à essência da vida monacal para a qual todo homem e toda mulher são chamados e encontram sua realização. Quer dizer que o arquétipo é um produto de forças e fatores, conscientes e inconscientes, individuais e coletivos, que entram na configuração de um perfil humano particular. Abre caminhos para que a experiência monástica seja interiorizada na pessoa em sua aspiração mais profunda, mediante a renúncia e o desapego de tudo o que não seja necessário e uma orientação fundamental no único e singular objetivo: a busca do Absoluto, rompendo todos os obstáculos que se coloquem no caminho em seu peregrinar até Deus. Cf. PANIKKAR, R. op. cit. pp. 15-44

<sup>604</sup> O Conselho Presbiteral é formado por um grupo de sacerdotes que, representando todo o presbitério da diocese, auxilia o Bispo no governo da mesma, visando promover o bem pastoral, em caráter de co-responsabilidade nas funções de ensinar, santificar e apascentar o Povo de Deus. Cf. CÓDIGO de Direito Canônico. CIC cân. 495, §1. São Paulo: Loyola, 1983; PAULO VI. Carta

Espírito do Senhor era uma constante. Naquele momento, buscavam uma igreja de referência para as orações comunitárias e o serviço eclesial e pastoral de acolhimento e aconselhamento. O pequeno grupo<sup>605</sup> discernia a importância de manter um eixo em torno da espiritualidade monástica em diálogo com as necessidades da vida urbana como, por exemplo, a solidariedade junto ao povo de rua. Os participantes também desejavam dar continuidade à sua experiência eclesial e colocá-la a serviço da comunidade local, como, por exemplo, a iniciação cristã, os ministérios de aconselhamento e da bênção e a formação litúrgica.

Em 1999 o projeto dá mais um passo no seu amadurecimento. Um espaço físico no bairro de Vila São Luis, em Duque de Caxias é o primeiro local onde os membros religiosos e alguns não-religiosos começam sua experiência concreta, com moradia e vida de oração, contemplação e solidariedade com os sofredores de rua. Neste espaço iniciam uma experiência monástica concreta, seguindo a Regra de São Bento como orientação primeira. Define-se como uma comunidade na qual se cultivaria o seguimento de Jesus através de uma espiritualidade de inspiração monacal e da solidariedade com os pobres e culturas oprimidas. Seguindo esta proposta, a pequena comunidade se torna um espaço diocesano de celebração, oração, meditação, discernimento e vida comunitária. Os membros poderiam ser residentes ou não, mas todos deveriam adotar a mesma espiritualidade e o estilo de vida próprio de sua condição, (leigos e religiosos) comprometidos com a vida e a missão do projeto de mosteiro<sup>606</sup>.

Nesta etapa a comunidade é composta por membros da Igreja diocesana, e está aberta à acolhida de pessoas de outras dioceses que se identifiquem com sua proposta. As orações da manhã e da tarde são abertas à participação dos vizinhos e visitantes. O projeto sugere ofícios específicos para grupos de animadores de comunidades e de pastorais e celebrações próprias para os jovens. Além disso, a comunidade poderá oferecer momentos semanais de oração, encontros de

---

Apostólica Motu Próprio, *Ecclesiae Sanctae* 15, §1º. AAS 58 (1966), pp. 757-787. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 05 de abril de 2008.

<sup>605</sup> Este grupo inicial era formado por 8 fundadores: um sacerdote, um diácono, um seminarista, um casal de leigos, e três leigos solteiros. Outras pessoas acompanhavam a formulação do projeto com simpatia e desejo de integrá-lo.

<sup>606</sup> Documento – Vida e Missão no Mosteiro Diocesano, datado de maio de 1999.

espiritualidade, hospedagem, acompanhamento para pequenos grupos e retiros de formação para aprofundamento na espiritualidade cultivada no mosteiro<sup>607</sup>.

No que concerne aos simpatizantes à vida consagrada por votos públicos, o projeto propõe um caminho especial de conversão e formação inicial, seguido de discernimento da comunidade, apresentação ao bispo diocesano, acolhida e um novo período de formação até a consagração à diocese. Todo o processo seria orientado e vivenciado pela comunidade monástica.

No ano de 2002, a comunidade já havia iniciado sua caminhada e experimentado novas reflexões diante da experiência local. Neste sentido, diante da realidade local e da nova comunidade que começou a se formar em torno da proposta, teve início um processo de revisão do projeto inicial. É neste período que o Jornal da Igreja diocesana menciona o surgimento de uma pequena comunidade monástica no coração da diocese, em comunhão e serviço com a Igreja em Duque de Caxias<sup>608</sup>.

A Comunidade se estabelecia em um prédio muito simples, no qual organizava sua vida de oração e missão e amadurecia sua vocação de inspiração monástica. Em uma capela singela e acolhedora, com altar feito com peças de cimento e pedra encontrados no próprio terreno e com alguns bancos de trem cedidos por outra comunidade da Diocese, realizavam-se os ofícios litúrgicos e celebrações eucarísticas. A estética da pequena capela era marcada pela simplicidade e centralidade no Mistério Pascal. Neste mesmo período foram iniciadas algumas obras em função da preparação do espaço físico para acolhimento de pequenos grupos para encontros e cursos de formação.

Alguns membros das comunidades vizinhas passaram a participar das orações da manhã e da tarde e do clima de oração próprio da comunidade, criando um ambiente de escuta a Deus ao longo de todo o dia. Iniciava-se também a produção de material artesanal voltado para os ritos litúrgicos, como vestes, estolas, casulas; e também para uso pessoal, como camisetas, bolsas e bijuterias.

---

<sup>607</sup> Carta a Dom Mauro Morelli pedindo reconhecimento da pequena comunidade monástica, datada de 28/09/2001.

<sup>608</sup> “Está sendo formado um mosteirinho na Vila São Luis, em Duque de Caxias. Um grupo de irmãos está morando junto, procurando seguir Jesus e se dedicar ao louvor cotidiano de Deus. É o começo de uma pequena comunidade monástica como outras que vêm surgindo no Brasil afora. Nascida no coração da diocese com membros de São João e Caxias, pretende ficar unida e a serviço da vida da Igreja”. “Festa no Mosteiro da Vila São Luís”. Notícia do Jornal “O Pilar”, fevereiro de 2002.

Vejamos como o Jornal da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti - O Pilar -, noticia a dinâmica cotidiana da Casa de Oração, integrando espiritualidade, estudo e trabalho comunitário.

*No mosteiro as orações da manhã e da tarde costumam ter a participação de irmãos da vizinhança. Antes desses ofícios cantados, há um bom tempo de silêncio para oração pessoal. No começo da tarde é feita uma oração breve, em comunhão com os trabalhadores, desempregados, aflitos e doentes. As manhãs são reservadas ao estudo e uma parte para a conservação da casa. As tardes são de trabalho de produção e reforma. O desejo da comunidade é, aos poucos, criar um ambiente de escuta de Deus, durante o dia todo<sup>609</sup>.*

Esta produção artesanal contava com a orientação artística e criativa do padre-monge e era realizada em conjunto com algumas mulheres da comunidade e outras, profissionais, residentes no bairro<sup>610</sup>.

É importante explicitar que, neste momento, podemos perceber quatro grupos que se aproximam e passam a configurar a comunidade. A origem de cada um desses grupos demarca sua identidade. O grupo inicial, já citado anteriormente, era formado por religiosos e leigos que buscavam a experiência do monaquismo comunitário. Outro grupo estava em processo catecumenal de adultos desenvolvido na Paróquia local, Imaculada Conceição, na Vila São Luís. Um terceiro grupo era formado por pessoas que trabalham junto ao povo de rua, no serviço de acolhimento e promoção humana, oriundo da formação catecumenal na mesma Paróquia. E um quarto grupo, de pessoas das comunidades vizinhas.

Na páscoa do ano de 2003, inicia-se um processo catecumenal com adultos da comunidade e com participantes da paróquia do bairro. A orientação dos documentos da Igreja - especialmente do ritual: RICA -, e o diálogo com a realidade do grupo de adultos é o eixo para o planejamento dos encontros de formação. Este pequeno grupo de adultos faz seu caminho de Iniciação integral<sup>611</sup>

<sup>609</sup> Ibid.

<sup>610</sup> Ainda a mesma notícia comenta a produção artesanal na comunidade: “A comunidade está produzindo uma série de objetos para a liturgia e uso pessoal: ícones, cruzes de procissão, círios pascais, sacrários, vestes litúrgicas, estolas tecidas a mão, castiçais de ferro, agenda bíblico-litúrgica, cartões, oratórios, banquinhos de oração, mosaicos, camisetas, bolsas, além de licor de café e conserva de legumes. No horário de visitas esses produtos podem ser adquiridos na lojinha do mosteiro”. Jornal “O Pilar”, datado de fevereiro de 2002.

<sup>611</sup> Chamaremos de ‘caminho de iniciação integral’ o processo experimentado por esse grupo, pois dos quatorze integrantes, apenas um deles não era batizado, portanto os demais já participavam da Iniciação Cristã.

no seio desta comunidade e realiza os sacramentos de Iniciação na Páscoa de 2004 e 2005, conforme o estágio dos participantes<sup>612</sup>.

Todo o processo da comunidade foi acompanhado pelo bispo diocesano e pelo Conselho Presbiteral, principalmente a partilha de situações de decisão, de re-planejamento em função da adaptação do projeto à realidade de seus participantes ou às demandas pastorais. No ano de 2004, Dom Mauro Morelli declara positiva a experiência e exorta a comunidade a ser dom do Espírito para a Igreja: “Faço votos que esta associação, pelo testemunho de todos os membros, possa crescer, sendo dom do Espírito para a Igreja, como personalidade jurídica”<sup>613</sup>.

Neste mesmo ano, a comunidade discerne quanto ao projeto do monaquismo alternativo e percebe que o nível de dedicação que este projeto exige não pode se tornar um mandato para os participantes, e sim um convite para aqueles que se sentirem chamados a viverem esta espiritualidade. Assim sendo, chega a uma síntese de que o projeto comum deve priorizar a oração, a fraternidade e a solidariedade com os mais pobres, sob influxo da espiritualidade monástica. Contudo, para a experiência especificamente monacal, cada membro deve sentir-se convidado e aderir livremente a esse processo, na medida em que se sentir chamado.

Em janeiro de 2005, o espaço no qual a comunidade se agrega passa a ser conhecido como *Casa de Oração*. A capela é dedicada a Deus pelo bispo diocesano, sob o título do mistério do *Batismo do Senhor*, em Celebração Eucarística com a presença da comunidade e amigos. Nesta mesma Celebração foi reconhecida a comunidade de cristãos que ali se reúne para o louvor diário a Deus e para a celebração do dia do Senhor. No dia seguinte à dedicação da Capela, o presbítero e o irmão residentes fizeram os votos públicos da vida monástica<sup>614</sup>.

A *Casa de Oração*, já adaptada para o acolhimento de grupos para encontros e retiros, assim como para retiros individuais, manteve a simplicidade evangélica e a perseverança na oração. O nome da comunidade - *Batismo do Senhor* - reflete seu carisma e a história da Diocese que, em unidade com seu

<sup>612</sup> Este pequeno grupo de catecumenato com adultos, iniciado em 2003, foi nosso campo de observação e análise durante 2 anos de processo catecumenal.

<sup>613</sup> Decreto, assinado por Dom Mauro Morelli e pelo chanceler da Diocese de Duque de Caxias, Pe. Paulo Reis, com validade de 3 anos. Datado de 3/09/2004.

<sup>614</sup> Notícia no Jornal “O Pilar”, com a manchete – “Diocese reconhece Casa de Oração”, datada de fevereiro de 2005.

primeiro bispo, Dom Mauro Morelli, fez do batismo e da crisma a principal fonte de compromisso de suas filhas e filhos com a vida da Igreja e a causa dos mais pobres. A passagem de Jesus pelas águas do Jordão, solidário com o povo que busca perdão, cura, pão e alegria, continua sendo inspiração para a vivência cristã que se realiza dentro e ao redor dessa casa: “*Banhados em Cristo, somos uma nova criatura. As coisas antigas já se passaram, somos nascidos de novo!*”. (Gl 3,27)

### 3.1.2

#### Metodologia da pesquisa de campo

Até esta etapa nosso trabalho teve como embasamento a análise teológica do processo de ICA em duas vertentes: com relação à reflexão contemporânea, os documentos do Magistério e as reflexões de teólogos pastoralistas e catequetas; e com relação à fundamentação patrística, a obra de Cirilo de Jerusalém, especialmente, suas *Catequeses Mistagógicas*.

Na fase a seguir, nosso campo privilegiado de observação e análise será a experiência da Iniciação Cristã de Adultos da comunidade eclesial local. Esta dimensão prática do trabalho teológico exigiu clareza diante do objeto de pesquisa, assim como das categorias teológicas presentes na observação.

A relação entre teoria e prática na teologia em muito pode colaborar para o discernimento e busca de novos caminhos para o processo de evangelização. Esta não é uma novidade metodológica, mas é o coração mesmo do trabalho da teologia<sup>615</sup>. É a relação entre os fundamentos e orientações teológicas e os processos vitais, comunitários, eclesiais em sua busca de respostas e linguagens em cada momento existencial e histórico.

Os pesquisadores sociais percebem a importância da construção do saber como um processo ativo e metódico<sup>616</sup>. Nesse sentido, afirmam que o trabalho

<sup>615</sup> A relação ortodoxia-ortopraxis foi estudada em 1969 por Schillebeeckx ao dar-se conta da insuficiência da hermenêutica teológica baseada no conhecimento do passado e nas limitações que possui a análise linguística aplicada à teologia. A mensagem cristã se dirige à práxis. A teologia, de um lado, cria modelos operativos, é teoria crítica desde a fé sobre o homem, a sociedade e a Igreja. Por outro lado, toma metodicamente a práxis da comunidade cristã, ou a experiência vivida nesta práxis, como ponto de partida para sua própria reflexão. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología Práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*. Salamanca: Sigueme, 1991, p. 200.

<sup>616</sup> Segundo Louis Pinto o processo de pesquisa social consiste, ao mesmo tempo, em acumular e classificar informações e elaborar uma análise e reflexão com base bibliográfica e contextualizada,

científico caminha em duas direções: por um lado, se defronta com as teorias, com o método e princípios, e identifica questões e resultados e, em outra direção, o pesquisador interpela, ratifica e cria caminhos, abandona pré-compreensões e reconstrói novas compreensões, até mesmo orientando-se para inovações e direções privilegiadas. Nesse percurso entram os critérios de historicidade e de cooperação, da tradição e da comunidade, da dogmática e da complexidade, em uma dinâmica na qual o conhecimento é sempre aproximativo e construído<sup>617</sup>.

Dentre os métodos apontados pelos pesquisadores sociais<sup>618</sup>, aquele que melhor respondeu ao nosso projeto foi o de ‘pesquisa participante’ com a Comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, especificamente com a equipe que participou da ICA nos anos de 2004 e 2005. A metodologia da pesquisa participante fundamenta-se, “na prática do diálogo, na problematização do real, na interrogação, na aprendizagem da análise crítica, sistemática e aprofundada, na recusa de conceitos deterministas e na determinação de transformar a realidade em função das pessoas”<sup>619</sup>.

Neste período, estivemos presentes na comunidade local, não apenas como observadores do processo de planejamento e formação catecumenal, mas também atuamos através da assessoria teológica e acompanhamento do Catecumenato com Adultos.

A pesquisa participante é um processo dialético. Ela conta com os diversos elementos presentes no campo de observação e análise que formam uma rede de informações e práticas discursivas<sup>620</sup>. Vejamos detalhadamente estes elementos:

---

apontando também os limites inerentes ao próprio processo de observação e análise. Cf. PINTO, L. Experiência vivida e experiência científica de objetividade. In: CHAMPAGNE, P. e outros. *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 13; CHAMPAGNE, P. A ruptura com as pré-construções espontâneas ou eruditas. In: CHAMPAGNE, P. e outros, op. cit., p. 171.

<sup>617</sup> MINAYO, M.C.S. (org.) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994, pp.12-13

<sup>618</sup> Os pesquisadores sociais apontam para dois critérios básicos: os relacionados aos fins e os relacionados aos meios. Em relação aos fins, uma pesquisa pode ser: exploratória, descritiva, explicativa, metodológica, aplicada e intervencionista. E quanto aos meios, ela pode ser: pesquisa de campo, de laboratório, documental, bibliográfica, experimental, participante, pesquisa-ação e estudos de casos. Cf. GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.

<sup>619</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1999.

<sup>620</sup> A partir de Michel Foucault (Arqueologia do Saber: 1969), não se falará mais tanto de discursos e mais de práticas discursivas. Por práticas discursivas Foucault compreende regras anônimas, constituídas no processo histórico, ou seja, determinadas no tempo e delimitadas no espaço, que, em uma época concreta e em grupos ou comunidades específicas e concretas, vão definindo as condições que possibilitam qualquer enunciação. Portanto, todo discurso é uma prática social, uma construção social, não individual, e que só pode ser considerado em seu contexto histórico-social.

1. O pesquisador não é um participante do grupo de observação, em nosso caso, não faz o caminho do Catecumenato. Portanto, traz em sua bagagem estruturas objetivas, coletadas nas fontes bibliográficas e sistematizações conceituais. Além dessas estruturas objetivas, o pesquisador também traz estruturas subjetivas, representações pessoais, pré-compreensões e limites. São estruturas que demarcam seu olhar epistemológico e o levam a selecionar os pontos de observação e interpretação<sup>621</sup>.

2. Ainda sobre o pesquisador, após 3 meses de acompanhamento do grupo de participantes do Catecumenato, estabeleceu-se um diálogo com relação ao próprio processo de ICA que vivenciavam. Diálogo no qual, pesquisador e grupo, juntos diagnosticaram o caminho feito, selecionaram aspectos e conteúdos a serem buscados, como também perceberam falhas e dificuldades neste processo.

3. Desde o momento de contato, o grupo de participantes do Catecumenato conheceu os objetivos da pesquisa, acolheu e abriu-se ao processo, desejoso de contribuir com sua própria experiência para a caminhada eclesial.

4. O grupo de participantes do Catecumenato foi convidado a explicitar suas representações, sua compreensão de diversos aspectos que vivenciavam no processo catecumenal, a fim de não interferirmos com nossa pré-compreensão quanto aos conteúdos e trajetórias que realizavam.

Tenhamos presente que, tanto o pesquisador como o grupo observado, não se definem como faces isoladas do projeto, mas em relação constante, sofrendo interferência mútua e conservando as peculiaridades de seus papéis no grupo. Assim sendo, nossa metodologia possibilitou um olhar cumulativo sobre o objeto de pesquisa. Os métodos - dedutivo e indutivo - não foram trabalhados como polaridades, mas em seu dinamismo<sup>622</sup>. Ou seja, tanto o embasamento nos princípios teológicos extraídos da mistagogia de São Cirilo e aqueles trazidos pela revisão bibliográfica, como a própria realidade da comunidade, sua trajetória, sua

---

Cf. IÑIGUEZ, L. A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In:\_\_\_\_. *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 92.

<sup>621</sup> A pesquisa social corrobora com a epistemologia científica considerando a não-neutralidade do pesquisador, contra “o mito de uma comunicação transparente e desprovida de pressupostos”. Lembra que toda relação social envolve condições sociais de possibilidades e efetua-se segundo modalidades que exigem ser consideradas como socialmente determinadas. Cf. PINTO, L. op. cit., p. 40; CHAMPAGNE, P. op. cit., p. 207; MINAYO, M.C.S. op. cit., p. 19.

<sup>622</sup> O método dedutivo é aquele que parte dos princípios abstratos e idéias e verifica sua aplicabilidade na realidade. O método indutivo parte dos fatos concretos, da empiria, da experiência como fonte de conhecimento, é a ciência fundamentada na observação. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología Practica*, op. cit., p. 200.

forma de encaminhar a Iniciação Cristã e responder aos desafios de seu contexto, se tornaram pressupostos para a análise e elaboração dos dados observados. Trabalhamos com a aproximação destas duas experiências em um movimento dialético<sup>623</sup>: investigando a estrutura da prática catecumenal nesta comunidade e verificando sua aproximação com a mistagogia de Cirilo de Jerusalém.

Essa aproximação é a que melhor responde ao nosso eixo referencial da pesquisa, qual seja, a dinâmica da Revelação entre Deus e seus filhos e filhas. Não é, portanto, uma escolha entre outras, mas uma escolha que comanda toda a atividade de coleta de dados e seleção do material e, por conseguinte, a construção do próprio objeto de pesquisa, assim como estabelecimento da correspondência entre as estruturas presentes no material bibliográfico e na comunidade particular<sup>624</sup>.

As comunidades eclesiais existem em um determinado espaço cuja formação social e configuração congrega unidade na diversidade. São compreendidas como comunidades locais, no âmbito da Igreja particular<sup>625</sup>, no tempo presente e como Povo de Deus a caminho, tradicionalizadas, participantes da trajetória passada e futura da humanidade. São identidade e dinamismo, tradição e provisoriade, enraizamento e abertura.

Não se trata, portanto, de um trabalho de investigação a priori, no qual o pesquisador-teólogo percebe e identifica a eclesialidade e caminhos vividos e anunciados nesta comunidade eclesial. É um trabalho de hermenêutica comunitária, no qual as próprias pessoas, membros ativos nesta dinâmica, dão significado e intencionalidade às suas ações e construções<sup>626</sup>.

<sup>623</sup> Essa metodologia se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior aos sujeitos da pesquisa, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados. Busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade constitutivas dos fenômenos. Partilham desta metodologia muitos pesquisadores sociais, entre eles, Minayo, Geertz e Clifford, Giddens. Cf. MINAYO, M.C.S. op. cit., pp. 24-25.

<sup>624</sup> Cf. PINTO, L. op. cit., p. 15.

<sup>625</sup> O Vaticano II definiu Igreja particular como “a porção do povo de Deus confiada a um Bispo (...) que aderindo a seu pastor e por ele congregada no Espírito Santo, mediante o Evangelho e a Eucaristia. Nela reside e opera a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo.” É definida em termos de diocese, onde está assegurada a unidade com a Igreja universal. As igrejas particulares não são distintas da Igreja universal, mas esta última somente existe nelas e por elas. A Igreja particular é Igreja em comunhão com as demais Igrejas. Cf. *LG 23, AG 38, CD 11*.

<sup>626</sup> As estruturas objetivas e subjetivas do pesquisador não se impõem no trabalho de campo, mas são apresentados como categorias epistemológicas e abertos ao diálogo que o próprio processo estabelece. Nesse sentido, a comunidade interpretativa constrói um novo discurso, pela interação social e verbal, a partir da complexidade de elementos que a constitui e renova incessantemente. Cf. ROSENTHAL, P. A. Construir o ‘macro’ pelo ‘micro’: Fredrik Barth e a ‘microstoria’. In:

Em nosso projeto, o pesquisador-teólogo se inseriu no grupo com um papel específico, foi afetado em seu olhar epistemológico e em sua elaboração<sup>627</sup>. E assim também o grupo de participantes do Catecumenato entrou na dinâmica da pesquisa, compreendeu seu próprio processo de iniciação, tornando-se elemento ativo no processo. Enfim, não trabalhamos sozinhos, contamos com este grupo em uma etapa da construção desse processo. Mais adiante, distanciados do campo de pesquisa, pudemos confrontar os dados anteriores com a realidade pastoral observada e experimentada, quando procuramos analisar, do ponto de vista teológico, o processo de ICA que ali se desenvolveu. Reunindo os dados coletados e observações realizadas, uma nova fase amplia a observação de campo, que consiste na recolocação dos dados em um universo mais amplo, retomando as reflexões teológicas anteriores, assim como as orientações pastorais próprias da realidade da Igreja no Brasil.

Os dados recolhidos no trabalho de campo, em especial os depoimentos do grupo de participantes do Catecumato, foram obtidos através de entrevistas - individuais e grupais -, e anotações de campo<sup>628</sup>. As entrevistas foram elaboradas a partir de um roteiro específico e pré-determinado, a fim de não nos afastarmos dos objetivos da pesquisa. Contudo, o roteiro não foi seguido mecanicamente, mas dependeu das histórias de vida e de temas novos que emergiram da conversa. Isto permitiu que temas novos fossem incorporados e que também fossem desenvolvidas outras questões, que não estavam presentes originalmente.

O roteiro pré-determinado<sup>629</sup> procurou coletar dados que auxiliassem na percepção das motivações de cada pessoa:

1. como experimentou o processo do Catecumenato na vida pessoal e comunitária;

---

REVEL, J. (org.) *Jogos de Escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp.156-158

<sup>627</sup> A atividade reflexiva necessita de uma disciplina e organização precisa de dados. É atividade científica de observação que não pode se tornar uma objetivação que prescindia dos dados socialmente construídos e nem mesmo tomá-los como simples confirmações das hipóteses formuladas. Exige-se uma descentralização intelectual, como condição de acesso aos pontos de vista 'estranhos' ao olhar inicial do pesquisador e uma atividade organizada dos mesmos para a fase de reelaboração de hipóteses e reconstrução dos conceitos iniciais. Cf. PINTO, L. op. cit., p. 43; LENOIR, R. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, P. e outros, op. cit., p. 59. CHAMPAGNE, P. op. cit., p. 222. Ibid.

<sup>628</sup> Apesar de privilegiarmos as práticas discursivas das entrevistas realizadas, não foram descartadas as conversas informais e a observação direta, atenta e participativa no grupo do Catecumenato com Adultos. As impressões colhidas durante as atividades foram anotadas em um caderno de campo a fim de se tornarem objeto de nossa análise.

<sup>629</sup> Ver Anexo I.

2. qual o significado da experiência sacramental;
3. como a liturgia foi percebida dentro do processo;
4. qual o significado da figura do catequista e do introdutor;
5. como percebe de uma maneira mais ampla o Catecumenato com Adultos;
6. quais as dificuldades que diagnostica.

Do grupo de quatorze pessoas, foram consideradas as entrevistas de nove participantes do Catecumenato<sup>630</sup> e um catequista<sup>631</sup>. Todos os nomes dos entrevistados foram alterados com a intenção de se guardar o anonimato dos mesmos. Cada pessoa escolheu o seu pseudônimo: Paulo, Rosa, Valéria, Maria, Nanci, Rute, Miriam, Afonso, Ana Maria e, o catequista, Augusto.

As entrevistas são elementos fundamentais em nossa pesquisa de campo. São elas que apresentam o universo conceitual dos participantes do grupo, sua pré-compreensão e teias de significados presentes na dinâmica da Iniciação que experimentam. Registram as representações construídas antes, durante e depois do processo catecumenal. Colaboram para que a observação não se reduza à associação entre as pré-noções do pesquisador e sua percepção imediata.

As entrevistas grupais também seguiram um roteiro pré-estabelecido<sup>632</sup>, este foi construído juntamente com o catequista, e teve como objetivo recolher, em ambiente comunitário, as impressões e conclusões do grupo de participantes, com relação ao caminho catecumenal trilhado. Por isso mesmo foram realizadas nas etapas finais do Catecumenato deste grupo.

Os dois contextos nos quais as entrevistas ocorrem – o individual e o grupal – também são marcados por diferentes formas de interação. Na entrevista individual, a relação que se estabelece é entre pesquisador-entrevistado, na qual as possibilidades de interação estão reduzidas a estes dois participantes do processo, assim como as práticas discursivas que se desenvolveram. No campo das

<sup>630</sup> Neste grupo de entrevistados, apenas um membro ainda não havia participado do sacramento do Batismo. Os demais estão no processo catecumenal em função da reiniciação, pois já haviam recebido este sacramento da Iniciação. Ao longo do capítulo, usaremos a expressão ‘participante do Catecumenato’ sempre que nos referirmos a um dos nove participantes, independente de seu estágio no processo de Iniciação Cristã.

<sup>631</sup> Ao todo foram entrevistados dez integrantes deste Catecumenato e, para os fins deste trabalho, consideramos a categoria de cooperação em pesquisa social como critério seletivo diante do material acumulado. Este critério procura reunir os seguintes dados: a quota de informação, a qualidade e confiabilidade da contribuição informativa, a relevância quanto ao tema central da pesquisa e a forma como o conteúdo é expresso, no caso, capacidade de ordenação, expressão, clareza. Cf. IÑIGUEZ, L. A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In: \_\_\_\_\_. op. cit., pp. 70-71.

<sup>632</sup> Ver Anexo 2.

entrevistas grupais, há um outro processo de interação, do qual participam entre dez a quatorze pessoas, estabelecendo um outro exercício discursivo, de maior circularidade interpretativa. Os elementos trazidos neste segundo momento são compartilhados, compartilhados, sofrem alterações e complementos durante as falas pessoais. Nos dois momentos estamos diante de práticas discursivas intersubjetivas, no entanto, cabe ressaltar suas variações contextuais, a fim de melhor precisar nossa análise.

Tendo presente esta rede de elementos, que reúne estruturas objetivas e estruturas subjetivas, iniciamos a análise dos discursos<sup>633</sup>, dentro de seu contexto e das representações e significados presentes no grupo de participantes deste Catecumenato.

Para nossa análise dos discursos e das práticas do grupo de Catecumenato com Adultos trazemos os pressupostos que fundamentaram a construção do objeto de pesquisa e serviram como critérios para a pesquisa participante:

1. o processo de interiorização das estruturas objetivas - a meta a ser atingida pelo grupo de adultos, o espaço físico-simbólico onde os encontros se realizaram;
2. as disposições que foram geradas e reconstruídas dinamicamente no campo social – a mudança de espaço, a reconfiguração dos objetivos, a nova metodologia para os encontros;
3. as categorias de percepção do pesquisador-teólogo, do orientador-catequista e dos participantes do grupo;
4. a escala produzida entre a fundamentação teórica e a experiência da comunidade interpretativa<sup>634</sup>.

---

<sup>633</sup> A análise dos discursos é uma seleção metodológica e também uma perspectiva em nosso projeto, pois acredita, juntamente com muitos pesquisadores sociais, que esta é uma das áreas que melhor representa a inclusão da linguagem na compreensão desses processos. Cf. IÑIGUEZ, L. A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: IÑIGUEZ, L. op.cit., p. 105.

<sup>634</sup> Escolher uma escala consiste em selecionar um conteúdo que seja pertinente com o nível de organização a ser estudado, é a relação entre a matriz teórica e determinado modelo histórico, considerando as chaves comuns, os referenciais constantes e também o dinamismo que relaciona os dois pontos de observação e análise. Cf. LEPETIT, B. Sobre a escala na história. In: REVEL, J. op. cit., p.90.

Ainda para fins de metodologia de nosso trabalho, apresentaremos as análises dos discursos do catequista do grupo e dos participantes do Catecumenato. São duas formas de inserção no processo catecumenal bastante diferenciadas: aquela do catequista - alguém que coordena, planeja, orienta, tem formação e visão para além do processo presente – e as práticas discursivas dos participantes - iniciantes no caminho, observadores atentos, mas também e principalmente, o foco do processo catecumenal. Durante a análise incluiremos nossas observações e anotações de campo já procurando demarcar os indicadores das categorias mistagógicas presentes ou ausentes nesta experiência catecumenal.

### 3.2

#### **O Catecumenato com Adultos na Casa de Oração Batismo do Senhor**

Iniciaremos nosso processo de apresentação e análise do grupo de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor* relembrando três aspectos que fundamentaram o processo de pesquisa e, portanto, a construção desse objeto.

Em primeiro lugar, o encontro de uma experiência comunitária que se aproximava em muitos aspectos das estruturas objetivas trazidas pelo pesquisador-teólogo. No caso, um processo de ICA, no qual o eixo referencial mistagógico era percebido em muitas dimensões. Em segundo lugar, a verificação dos dados coletados na pesquisa bibliográfica em confronto e diálogo com a realidade de uma comunidade local, viva, fecunda, aberta à dinâmica da Revelação e situada em contexto próprio, sócio-histórico-econômico. Em terceiro lugar, a experiência concreta com esta comunidade, de participação e observação, a pesquisa participante em si e o processo catecumenal acontecendo, em sua dinâmica real, cotidiana<sup>635</sup>.

Tenhamos diante de nós os elementos da mistagogia de Cirilo de Jerusalém enquanto elementos-fontais. A partir deles buscaremos estabelecer um diálogo teórico-pastoral com a experiência local, verificando a possibilidade

---

<sup>635</sup> Segundo Floristán Samanes, este é um método que deve ser explicitado. Em sua dialética ele viabiliza a articulação destes três aspectos. Ao experimentar a realidade, ela mesma transfigura e concretiza os dados teóricos. Os fatos e as atividades concretizam a experiência de Deus que se dá na realidade, desembocam na vivência concreta do compromisso apostólico e, só a partir daí, conduzem ao movimento teórico que consiste no diálogo, muitas vezes reformulador, das teorias provenientes da leitura teológica. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. op. cit., p. 201.

concreta de um resgate da experiência catecumenal das origens da Igreja como referencial para a ICA nas comunidades atuais<sup>636</sup>.

Em nosso diálogo teológico com as *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém elencamos os seguintes elementos presentes no processo de Iniciação Cristã de Adultos:

1. A Iniciação Cristã desenvolve-se com base na Palavra de Deus, na liturgia como experiência mistagógica, no compromisso explicitado na mudança de vida e no testemunho pessoal e comunitário;

2. A liturgia ocupa lugar central na experiência cristã, e a sua relação com a vida sacramental é de integração;

3. A Iniciação Cristã é compreendida como processo, itinerário iniciado pela ação salvífica de Deus na história, na vida pessoal e comunitária;

4. Há uma integração entre o processo pessoal e o processo comunitário;

5. O mistagogo é aquele que conduz pela mão pelos caminhos da Revelação, é pedagógico nos encaminhamentos e pai espiritual, inserido na família eclesial;

6. Na Iniciação Cristã se articulam a atitude contemplativa e a dimensão interpretativa da experiência de Deus;

7. Em termos de eclesiologia são constantes desse processo: o vínculo entre a Tradição e o Magistério, o sentido de pertença eclesial, de sacerdócio comum e de Povo de Deus eleito e a caminho.

O teólogo pastoralista Floristán Samanes sinaliza a complexidade e alcance do Catecumenato com Adultos como ação pastoral de toda a Igreja: “o Catecumenato com Adultos não é simplesmente uma classe com aulas de religião especialmente preparadas e dadas aos adultos, mas toda uma ação pastoral, uma

---

<sup>636</sup> Para estabelecer o diálogo entre o catecumenato atual e as fontes da Tradição poderíamos trazer como base para a análise o documento do Magistério, o RICA, elaborado com base nas fontes patrísticas dos séculos III e IV, formação e sistematização do catecumenato. Contudo, nos ateremos às fontes de Cirilo de Jerusalém, e será a partir delas que buscaremos o diálogo com a Iniciação Cristã de Adultos hoje. Para conhecer mais profundamente as relações entre o RICA e a ICA atual consultar RIBAS, L.F.O. *O Itinerário da Iniciação Cristã da fé de adultos em contextos urbanos: da pastoral de conversão à catequese de iniciação*. Dissertação de Mestrado em Teologia, Rio de Janeiro: PUC, 2005.

verdadeira ação de catecumenato, uma obra de toda a Igreja, muito mais completa”<sup>637</sup>.

É neste sentido que iniciaremos a análise das práticas discursivas do catequista e do grupo de Catecumenato com Adultos que se formou na *Casa de Oração Batismo do Senhor*, como comunidade viva, como uma nova experiência eclesial, que contempla as orientações do RICA. Mas antes, se mostra atenta ao primado da Graça de Deus na vida pessoal e na própria comunidade que se configura, o que, a nosso ver, visibiliza seu caminho mistagógico.

### 3.2.1

#### **Gênese e formação do grupo de Catecumenato com Adultos**

A Diocese de Caxias experimenta o Catecumenato com Adultos segundo as orientações do RICA desde o ano de 1986. Vejamos brevemente o histórico deste processo de implantação do Ritual na Diocese.

Em 1973, o Ritual foi traduzido para o português. Nove anos depois foi criada a Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, quando o bispo Dom Mauro Morelli coloca nas mãos dos presbíteros exemplares do RICA e incentiva sua implantação. Nos anos seguintes, o Catecumenato começou a ser organizado na Paróquia de Xerém, área rural da Diocese, sob a orientação do Pe. Domingos Ormonde e do Pe. Armando Cellere. Em 1986, o Sínodo Diocesano aprovou o Documento “Batismo na Vida e na Missão da Igreja”, com as diretrizes para a adoção integral do RICA em toda a Diocese<sup>638</sup>.

Em 1998, se iniciou a implantação do Ritual na Paróquia Imaculada Conceição, na Vila São Luis, quando ofereceu aos seus agentes de pastoral uma formação específica e iniciou este processo. Segundo J. Amado, a equipe pastoral inicia essa experiência como uma resposta eclesial ao aumento do número de jovens e adultos em busca dos sacramentos da Iniciação Cristã e, ainda, de uma outra demanda, de aprofundamento na fé cristã.

<sup>637</sup> FLORISTÁN SAMANES, C.F. e ESTEPA, J.M. *Pastoral de hoy*. Barcelona: Nova Terra, 1966, p. 262.

<sup>638</sup> Cf. 1º. SÍNODO DIOCESANO. *Batismo na Vida e na Missão da Igreja*. Diretrizes Pastorais para o Batismo de Adultos. Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti. Natal de 1986, São Paulo: Loyola, 1986.

O processo catecumenal proposto pelo RICA respondia às questões pastorais diagnosticadas nas comunidades locais, como a necessidade do acompanhamento pessoal, a metodologia dos encontros, o eixo catequético-litúrgico. Enfim, iniciava-se uma nova experiência na tentativa de oferecer uma Iniciação Cristã verdadeira e fecunda. A fim de nos situarmos melhor, vejamos o histórico apresentado por J. Amado<sup>639</sup>.

O Catecumenato Paroquial da Iniciação Cristã de Adultos teve uma história recente, com início no ano de 1998, quando a equipe pastoral (dois padres e um leigo) iniciou a implantação das etapas do catecumenato, conforme indicado no RICA. O trabalho continuou durante o ano de 1999, encerrando-se na Vigília Pascal de 2001. Em 2002, iniciou-se uma segunda experiência<sup>640</sup>.

Nessa perspectiva, é importante assinalarmos que a experiência de ICA que encontramos é fruto da intenção de implantação em toda a Diocese de Caxias. Não constitui uma experiência inovadora ou isolada, mas em consonância com o Magistério eclesial e recomendado pela Conferência Episcopal Latino Americana<sup>641</sup>.

O liturgista D. Ormonde<sup>642</sup> sublinha que no RICA subjaz a compreensão de que em todo o processo catecumenal se realiza a mistagogia, pois em cada tempo se realiza, processualmente, a introdução no Mistério de Cristo e da Igreja vivido no ano litúrgico, nos ritos do próprio Catecumenato, nas celebrações da Palavra, na liturgia, de modo geral, e na oração pessoal<sup>643</sup>. Na interpretação de D. Ormonde, a mistagogia é compreendida pelo RICA como eixo teológico. É dela que nascem sua estrutura e suas práticas rituais e litúrgicas.

<sup>639</sup> Não detalharemos aqui a realidade da Diocese de Duque de Caxias neste período. Para tanto ver o fundamental artigo de Joel Portella Amado, no qual o autor descreve a realidade socioeconômica da Diocese de Caxias, apresenta e analisa o processo catecumenal, em seus eixos teológico e pastoral, apontando valores e limites da experiência. Cf. AMADO, J.P. *Iniciação cristã de adultos em ambiente urbano: relato de uma experiência*. In: *Magis*, Centro Loyola de Fé e Cultura: Rio de Janeiro, 2001.

<sup>640</sup> AMADO, J. P. op.cit., p. 174.

<sup>641</sup> A 2ª. Conferência do Episcopado Latino Americano de Medellín (1968) contempla a preocupação com a diversidade na formação religiosa na América Latina (evangelização dos batizados, re-evangelização dos adultos, nova forma de catecumenato na vida adulta; recomenda uma educação da fé profunda e madura, em dimensão pessoal e comunitária. (*Medellín* 6,8) A 3ª. Conferência, em Puebla (1979) afirma que a catequese deve conduzir a um processo de conversão e de crescimento permanente e progressivo da fé. (*Puebla* 998).

<sup>642</sup> O liturgista citado é o padre-monge que orienta a *Casa de Oração Batismo do Senhor*.

<sup>643</sup> Cf. ORMONDE, D. O tempo da mistagogia. In: *Revista de Liturgia*, 182, março-abril de 2004, p.24.

Nossa análise dos discursos seguirá um roteiro de elaboração, com base nos elementos da mistagogia de Cirilo de Jerusalém e nos principais eixos do RICA. Contudo, o grupo entrevistado, enquanto comunidade viva e lugar teológico, também trouxe temas novos, que não estavam contemplados inicialmente nessa pesquisa, e serão incorporados em nossa reflexão teológico-pastoral.

Na etapa seguinte, daremos início ao processo de diálogo crítico com a comunidade local, ouvindo suas práticas discursivas e elaborando a reflexão teológica na qual reside a meta deste trabalho: o resgate da mistagogia fontal, em Cirilo de Jerusalém, como proposta para a Iniciação Cristã de Adultos atual.

Recordemos que estamos diante de práticas discursivas, que adquirem seus significados dentro do contexto em que são construídas. As palavras são densas de representações e significados, e, no caso dos entrevistados, observamos que também carregam análises e sínteses, ou seja, não são apenas descritivas, mas reflexões de pessoas conscientes do processo do qual participam<sup>644</sup>.

O grupo de adultos que acompanhamos não é originário da *Casa de Oração*. Resultou de um processo de organização do Catecumenato com Adultos na paróquia local, onde o Pré-Catecumenato reunia quase quarenta participantes. Três catequistas trabalhavam juntos, tendo noções básicas do RICA. Nesta etapa sentiram a necessidade de dividir os participantes em três grupos. Um destes grupos foi convidado a se congregar na *Casa de Oração Batismo do Senhor*, pois a Casa contava com um espaço disponível para os encontros, e os outros dois se mantiveram na Paróquia Imaculada Conceição, na Vila São Luis.

Neste primeiro dado nos encontramos com o processo de ICA em sua primeira etapa. O tempo de Pré-Catecumenato é uma orientação do Magistério da Igreja, de acordo com o RICA. Segundo este Ritual, o Pré-Catecumenato é o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia Jesus Cristo. Esse tempo deve ser de ajuda para que os simpatizantes reconheçam a

---

<sup>644</sup> As entrevistas foram transcritas por uma especialista, segundo os critérios de convenção de transcrição estabelecidos com base em Atkinson e Heritage e Tannen, mantendo a maior fidelidade possível nas entonações, pausas, silêncios, receios, risos, enfim, na tentativa de compor um texto vivo. Cf. ATKINSON, J. M. e HERITAGE, J. *Structures of social action*. Studies in conversation analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1984 e TANNEN, D. *Talking Voices. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

presença de Jesus Cristo na própria vida e, no encontro com Ele, iniciem um diálogo próximo, íntimo e de confiança<sup>645</sup>.

Este grupo é orientado pelo catequista Sr. Augusto, agente de pastoral ativo na Diocese, na qual desempenha vários ministérios: como Introdutor e como Catequista, como ministro da Palavra, da Bênção, dos Enfermos. Além disso, vem atualizando sua formação teológica dentro da Diocese na busca de atender à realidade da comunidade, com base bibliográfica e nas orientações eclesiais.

Vejamos como Sr. Augusto apresenta o processo inicial de formação do grupo de participantes do Catecumenato que se tornou nosso foco de análise.

*Aí a turma tinha uns 40 mais ou menos pra dividir pra três... Aí o que eu fiz...? Tinha a Miriam e o Alex no mesmo grupo. No primeiro ano, o Alex trabalhava comigo. No segundo ano, veio a Miriam... Era um encontro... não deixava de ser um encontro, só que a gente dizia assim “nós estamos arrumando as malas, que nós vamos fazer uma viagem muito grande... então, nós estamos nesse tempo, é o tempo que a gente tá arrumando, fazendo a preparação. É o pré-catecumenato. E a gente trocava experiência pra fazer a leitura do Evangelho (...) Depois o grupo foi dividido em três. O Alex ficou com um bocado, a Miriam com outro bocado... e eu trouxe quatorze para a Casa de Oração. (Sr. Augusto)*

Ele constata uma limitação com relação ao quantitativo de participantes no processo: um grupo muito grande dificulta o verdadeiro encontro catecumenal. No entanto, como o processo está em sua fase inicial – o Pré-Catecumenato –, sua sensibilidade pastoral e discernimento o conduz à decisão de dividi-lo em grupos menores.

Em seu relato, observamos que se refere ao Pré-Catecumenato com familiaridade própria de quem já tem alguma formação e experiência no mesmo. O que queremos indicar com esta observação é que a proposta do RICA está incorporada na dinâmica catecumenal como parte do seu planejamento cotidiano. Sr. Augusto demonstra conhecer os principais eixos da proposta e discernimento pedagógico na escolha da linguagem, do método, das melhores estratégias no seu trabalho como catequista.

Ainda dentro deste item, sobre a formação deste grupo específico de Catecumenato, vejamos quais as motivações que se apresentaram para que esse grupo de adultos tenha iniciado o caminho catecumenal.

---

<sup>645</sup> Cf. RICA, 9-13.

Para muitos adultos, talvez para a maioria, a motivação está direcionada aos sacramentos da Iniciação Cristã. Para outros, há uma motivação, ainda não tão presente, que consiste na necessidade de uma atualização na formação catequética, defasada no tempo ou pelo distanciamento da Igreja<sup>646</sup>.

No grupo observado, formado por quatorze pessoas, apenas um adulto não havia recebido o sacramento do Batismo, os demais já haviam participado de uma formação de cunho sacramental, na infância ou adolescência. Contudo, o catequista não diferencia o grupo por estágios de formação cristã ou, como alguns estudiosos, como iniciação e reiniciação<sup>647</sup>. Considera que para todos deve ser estabelecido o mesmo processo, de Iniciação Cristã integral.

*Eles vêm chegando de formas diferentes... eu respeito cada um, com seu jeito... é o Espírito que envia, quem sou eu pra discutir... (risos). Mas se aceitam o convite é porque o Espírito pede, é porque precisam da iniciação, do caminho... (Sr. Augusto)*

O catequista já apresenta nessa fala uma característica da mistagogia. Ele se coloca como mediador em um processo no qual é o Espírito que convida cada pessoa. É o Espírito quem impulsiona e orienta o caminho.

Alguns participantes apresentam uma motivação inicial de ordem pastoral, trazendo elementos de uma busca de sentido existencial e de melhor compreender a fé cristã. Afonso, por exemplo, busca um conteúdo que preencha o seu vazio e algo o leva a crer que o Batismo mudaria este sentimento. No entanto, ele atribui a mudança que experimentou ao próprio caminho catecumenal.

*Talvez, fosse uma neurose minha, mas eu achava que por eu não ser batizado, que eu tava com aquele vazio... Eu acho que o que preencheu o vazio não foi nem o fato de eu ter me batizado... Foi simplesmente o catecumenato que me fez parar, aprender, entregar, sabe? conhecer... aí eu vim.. e foi brotando a semente da fé em meu coração. (Afonso)*

<sup>646</sup> Sobre as motivações mais comuns para a inserção nos grupos de Catecumenato com Adultos ver ALBERICH, E. e BINZ, A. *Catequese com Adultos. Elementos de Metodologia*. op. cit., especialmente capítulo 3; CNBB, *Segunda Semana Brasileira de Catequese*, op. cit., especialmente bloco IV.

<sup>647</sup> A distinção feita pelo catecumenato primitivo entre catecúmenos, neófitos e fiéis é válida onde se dá um catecumenato estrito. No caso desta comunidade local, na qual quase todos foram batizados em sua infância e percorrem o itinerário da fé cristã, o vínculo entre comunidade e catecumenato é um dado, assim como a distinção terminológica dos membros da comunidade. Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*. op. cit., p. 632.

A Iniciação Cristã é caminho que concorre para profundas mudanças na vida pessoal, resulta na configuração de uma nova pessoa que, ao abrir-se para o mistério, responde existencialmente ao convite de Deus.

Também Nanci fala de uma motivação de fundo existencial, relacionada com a busca de sentido em sua vida. Estava insatisfeita com suas relações familiares, fechada para as pessoas, isolada, perdida, e sabia que não queria viver dessa forma. O testemunho de duas amigas e o convite para participar de atividades na Igreja iniciam um processo de mudança para ela.

*A minha vida estava muito vazia... Eu sentai que tava faltando algo, né? Eu, já numa certa idade, a convivência, aqui dentro de casa, também, não era muito boa. Aquelas discussões, eu tava quase entrando numa depressão.... Eu falei: 'Meu Deus! Eu tenho que fazer algo, tenho que procurar algo pra melhorar a minha relação, aqui dentro de casa'. Eu tava me fechando muito comigo mesma, né? Eu tava com aquele medo... das pessoas, de me relacionar, tava me fechando, assim, no meu mundo... Eu não queria... Foi quando apareceu as meninas, né? A Valéria e a Maria... e começou, assim, a me clarear aos poucos pra assistir à missa, participar do grupo de oração, ir ao curso bíblico... Foi quando eu comecei. (Nanci)*

O fato de ser um grupo de adultos a fez considerar a possibilidade de participar.

*Uma amiga me falou, Nanci, participa que você vai ver que vai ser muito bom pra sua vida. Não tenha vergonha, não. Ai eu falei assim: 'Ah, mas eu, velha, já adulta, não!' E aí, quando as meninas falaram que eram todos adultos participando... 'Você vai um dia pra você ver!' Aí eu fui no dia em que elas estavam fazendo um rito, acho que o escrutínio... é assim que se fala? Aí em falei: 'gente, eu vou fazer! Eu vou fazer a minha eucaristia! (Nanci)*

Na fala de Nanci podemos identificar a importância do testemunho das amigas e o fato concreto de poder fazer parte de um grupo de adultos nesta Iniciação. Aqui percebemos mais alguns indicadores do processo mistagógico: o testemunho daqueles que já estão no caminho, a configuração grupal, respeitando o contexto, a faixa etária, a realidade dos participantes do Catecumenato.

Outros depoimentos reúnem duas categorias, de ordem pastoral e teológica, explicitadas na busca de compreensão da celebração eucarística, dos textos bíblicos e da liturgia. É o caso de Valéria e de Ana Maria.

Para Valéria, o Catecumenato é uma forma de compreender sua fé, de alguma forma perdida na infância. Ela percebe um desinteresse, tanto nas pessoas como em si mesma, durante a participação na missa, e considera que esta é uma

forma de retomar o caminho que tinha iniciado na infância, com sua mãe e na preparação para a primeira eucaristia. Também Ana Maria assinala não apenas seu desejo de participar melhor da celebração eucarística, como esta conquista, a partir da liturgia vivenciada na Casa de Oração.

*Minha mãe tinha muita fé... ela ensinou a gente a rezar. A gente rezava o Pai Nosso, Ave-Maria... Depois, já grande, eu ia à missa... mas eu achava muito chato, deixava pela metade, ia embora... Não entendia nada, o que o padre falava, o que fazia com a hóstia... Eu não entendia... Aí eu procurei o catecumenato... através da minha amiga que começou a ir... foi assim, tipo um jeito de voltar pro lugar que eu tava quando era criança... fazer a primeira comunhão e recomeçar, entende? (Valéria)*

*Eu vim pra me preparar, porque eu sabia que tava faltando alguma coisa... Primeiro... apesar da gente ir à missa, participava da missa, entendeu? Mas você não conseguia ver os detalhes pequenininhos que com o catecumenato você passa a ver, né? Você passa a ter uma participação na missa, vamos dizer, melhor, né? Você participa e aquilo parece que abria a tua mente, né? (Ana Maria)*

As duas catecúmenas traduzem insatisfação diante do ritual litúrgico do qual participavam. Esta é também uma das causas do afastamento de muitos fiéis que não experimentam uma liturgia como lugar de encontro, como experiência do mistério do amor de Deus. A mistagogia tem na liturgia um lugar teológico fundante. Palavra de Deus e liturgia caminham juntas na mistagogia dos Padres. Dessa forma, podemos averiguar que a fonte de abertura ao mistério de Deus deve ser ocasião de preparação e renovação, a fim de que fiéis e comunidade cresçam, sempre mais, em comunhão trinitária.

É interessante observarmos que a motivação inicial, tem aspectos comuns, mas ao entrar no processo catecumenal, cada pessoa tem experiências diferentes, e percebe que o caminho vai muito além de um simples aprendizado sobre a fé e sobre a Bíblia. Nos discursos abaixo veremos que tanto Paulo como Maria, imaginavam encontrar no Catecumenato uma formação teórica em função da preparação para os sacramentos de Iniciação, mas se surpreendem com algo diferente do que esperavam.

*Eu fui por iniciativa própria. Eu vi o pessoal é... comungando, né? Aí eu a achei aquilo assim, interessante e queria conhecer, assim um pouco. Eu já era batizado, então... fui assistindo a missa, prestando atenção, e me interessei (...)* *Eu não tinha conhecimento do que era o catecumenato, ficava só na expectativa, né? Ah, conforme o tempo, a gente foi... assimilando o negócio, passamos a ler a bíblia ... de início eu achava que ia ser um curso... ah.. mas não é não. (Paulo)*

*Foi assim ...vontade de saber um pouco mais... eu tava sentindo que os meus conceitos tavam ficando muito ralinhos... porque quando eu fiz catequese da primeira vez, foi aquela coisa muito teórica... a gente não via muita prática, aquele ensinamento num contexto, entendeu? (Maria)*

A motivação constante é o desejo de conhecer a Igreja, mas o acento conclusivo está na dimensão do caminho catecumenal como outra forma de conhecimento, mais integral e concreto. Esta é um elemento da mistagogia, ou seja, a compreensão da Iniciação Cristã como itinerário de abertura ao mistério de Deus e de reorganização pessoal em função das respostas de fé. Estruturado em torno dessa concepção, o caminho catecumenal não se torna uma aprendizagem formal, de caráter apenas teórico, mas estabelece uma relação direta com a vida, com a práxis da fé.

Poderíamos nos perguntar qual a motivação mais constante nesse grupo, no que concerne às duas principais características dos processos de ICA, a busca pelos sacramentos de Iniciação e o retorno à formação já iniciada em algum momento anterior.

Uma das catecúmenas, Ana Maria, tem claro que existem estes dois níveis de formação. Ela chama de Iniciação Cristã para aqueles que buscam os sacramentos. E chama de Catecumenato, a busca pela atualização na fé que já se professa. Ana acredita que a Iniciação Cristã deveria começar em casa, na família, desde a infância.

*O catecumenato seria pra se aprofundar na sua fé. Eu acho interessante, não a iniciação... a iniciação ficaria pra quem buscasse o sacramento. Isso tem que começar lá da raiz, em casa mesmo, com pai e mãe ensinando. (Ana Maria)*

Sua observação é muito interessante para nós, porque Ana identifica que a transmissão inicial da fé como o início do caminho cristão. Ela acredita que a primeira comunidade, a família, deveria ser o berço da experiência de fé. E mais. Essa experiência deveria ser iniciada na infância<sup>648</sup>. É tempo propício para experimentarem o seguimento de Jesus como verdadeiros discípulos, anunciando

---

<sup>648</sup> A abertura para a experiência de encontro com Deus desde a primeira infância é fundamental como construção da pessoa em abertura dialógica e num eixo evangélico. Esta experiência constrói atitudes concretas: de atenção e cuidado com as pessoas e com a natureza, preocupação com atitudes de desumanização e o desejo de transformar essas situações através da solidariedade concreta.

a fé em Jesus e a necessária transformação das atitudes em vista do amor, da alegria, da justiça, da paz, do bem comum.

Todavia, a transmissão da fé cristã em ambiente familiar e na infância não tem sido uma constante na sociedade pós-moderna, na qual a experiência religiosa também é delegada a um plano individual e a liberdade de escolha religiosa aparece como uma defesa dos direitos humanos e não como algo a ser cultivado pela família e comunidade mais próxima. Esta é também uma das causas de muitos buscarem a experiência religiosa apenas na vida adulta.

O depoimento a seguir integra as duas características: a busca pelos sacramentos e a atualização na fé cristã. Ela considera que, inicialmente, pode-se criar uma resistência devido ao tempo de duração do processo catecumenal; muitos podem mesmo desanimar e desistir do caminho. No entanto, ela sublinha que é fazendo o caminho, ou seja, durante o processo catecumenal, que esta concepção se modifica e o Catecumenato deixa de ser direcionado ao objetivo sacramental, e passa a ser um caminho cristão, no qual toda a vida vai sendo reconfigurada. Só aqueles que experimentam o processo é que realmente valorizam este caminho.

*A pessoa só descobre que aquilo ali é um algo a mais do que o próprio sacramento, quando ela faz. E pra ela fazer, precisa de estímulo...Ela vai em busca de uma coisa encontra outra... Aí, que ela valoriza... Eu acho dois anos um tempo bom... eu acho um ano pouco, mas dois anos é um período bom pra pessoa ir se conhecendo dentro da igreja, conhecendo seu papel, conhecendo a importância que ela tem e que o grupo, também tem, entendeu? (Maria)*

As palavras de Maria apontam mais uma vez para o elemento mistagógico do caminho. A mistagogia é abertura processual ao convite que ecoa no coração humano e na realidade, é mudança existencial e conversão de atitudes.

Maria tem um diferencial com relação aos demais entrevistados. Ela é a única que participa do Catecumenato tendo conhecido a proposta do RICA. Antes de entrar no Catecumenato ela recebe o RICA das mãos de seu pai, diácono da diocese de Caxias, e considera ser o caminho que gostaria de trilhar concretamente. Seu interesse em saber mais sobre a fé cristã encontra no próprio RICA uma resposta aos seus anseios.

*Antes de eu entrar, eu recebi aquele ritual, o RICA... Aí, eu achei interessante a proposta...achei que podia dar certo...Era isso mesmo que eu queria... então*

*calhou de começar este grupo ... E eu achei que tinha que ter a minha hora também, entendeu? Eu tinha que participar. (Maria)*

Esta catecúmena demonstra maturidade na escolha deste caminho, contudo não temos como avaliar até que ponto compreendeu a teologia do RICA. O que percebemos nitidamente é que ela se identifica com a proposta da Iniciação Cristã e confirma sua decisão de participar do Catecumenato.

Floristán Samanes avalia que é comum que os participantes do Catecumenato estejam no processo de reiniciação, como cristãos praticantes que “buscam uma Igreja comunitária, de vocação evangélica, pouco burocrática, com uma liturgia viva, capaz de reformular hoje a fé plenamente aberta ao compromisso”<sup>649</sup>.

No século IV, Cirilo de Jerusalém se dirige a grupos de pessoas simples, pagãos ou a grupos provenientes do judaísmo<sup>650</sup>. Neste período, as motivações voltam-se para a questão pastoral e teológica: a adesão e compreensão da nova fé ao qual estavam sendo iniciados. Cirilo tem o cuidado de articular, no mesmo itinerário, os elementos que responderiam à demanda do seu público diverso sem perder de vista os eixos fundamentais da fé cristã. Sua pregação integra primorosamente a Palavra de Deus, a liturgia e a dimensão existencial.

Este diálogo catecumenal promovido por Cirilo é o próprio processo mistagógico. Cirilo leva em conta as motivações de seus ouvintes, a fim de conduzi-los pelos caminhos da Revelação de Deus, respeitando seu contexto pessoal, vivencial.

Retomemos brevemente os elementos mistagógicos presentes em Cirilo de Jerusalém que já emergem nestas primeiras práticas discursivas do grupo de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor*.

1. O catequista se percebe como instrumento de um processo, no qual a iniciativa e a dinâmica é impulsionada pelo Espírito de Deus;
2. O mistério de Deus ecoa no coração humano e convida a uma resposta que envolve toda a existência;
3. O caminho da Iniciação Cristã integral resulta na configuração de uma nova pessoa, aberta à ação salvífica de Deus em sua vida pessoal;

<sup>649</sup> Cf. FLORISTÁN SAMANES, *Teologia Practica*. op. cit., p. 473.

<sup>650</sup> Cf. BIELSA, J.S. In: CIRILO DE JERUSALEN. *Catequesis*. op. cit., pp. 16-17; RIGGI, C. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. op.cit., p. 17.

4. O testemunho dos membros da comunidade é também caminho mistagógico;

5. A liturgia é lugar privilegiado da experiência do mistério do amor de Deus;

6. A Iniciação Cristã não é uma aprendizagem teórica e sim um processo de integração profunda entre a fé e a vida.

Em diálogo com esta experiência particular, acrescentamos outras referências para nossa reflexão teológica, a partir das observações dos participantes do Catecumenato, como também em parceria com os desafios apresentados pelos estudiosos da ICA.

1. O tema da Iniciação Cristã em ambiente familiar e na infância como um diferencial, configurando a experiência religiosa como eixo norteador da pessoa humana;

2. A realidade da vida adulta e a possibilidade de encontrar resistências frente à perspectiva do caminho da Iniciação, que exige perseverança e conversão de atitudes na direção do seguimento de Jesus;

3. As orientações do Magistério através do RICA, estruturado em torno do eixo da mistagogia dos Padres da Igreja.

Depois de firmadas as motivações apresentadas pelo grupo de entrevistados e por seu catequista, vamos prosseguir na análise dos discursos, mantendo como filtro as categorias mistagógicas extraídas da teologia de Cirilo de Jerusalém. O caráter teológico das categorias aqui apresentadas é a chave hermenêutica para a seleção das práticas discursivas, para aplicação das categorias mistagógicas como critério de observação, confronto e reflexão do processo de Iniciação Cristã de Adultos na *Casa de Oração Batismo do Senhor*.

### 3.2.2

#### **Categorias mistagógicas**

No segundo capítulo deste trabalho desenvolvemos uma leitura das *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém e, a partir desta leitura, procuramos identificar quais as categorias que emergiam de suas Catequeses, as quais chamamos de categorias mistagógicas. Para nós, são as grandes referências que demarcam o embasamento teológico e a metodologia pastoral-pedagógica de

Cirilo de Jerusalém ao orientar o processo de Iniciação Cristã de Adultos no seu tempo.

Sem desejar uma transposição daquela realidade antropológica e eclesiológica para o nosso tempo, queremos trazer as categorias mistagógicas de Cirilo de Jerusalém como referências para analisarmos as práticas discursivas e os encontros do grupo de Catecumenato da *Casa de Oração Batismo do Senhor*. Estas serão nossa fonte de sabedoria que nos auxiliará a nos mantermos no eixo mistagógico desse grande Padre da Igreja, como caminho a ser trilhado e como critérios abalizadores para a experiência contemporânea.

Colocamo-nos na dinâmica mistagógica, percorrendo o caminho da Iniciação Cristã de mãos dadas com a comunidade local, ao sopro do Espírito e abertos ao discernimento teológico e pastoral.

Para orientar nossa análise, percorreremos as Categorias Mistagógicas abaixo relacionadas:

1. *Articulação entre Sagrada Escritura e Liturgia*
2. *O catequista como pedagogo da fé*
3. *A construção da experiência de comunidade*
4. *A compreensão da Iniciação Cristã como caminho*
5. *Vida cristã e acompanhamento pessoal*
6. *A oração e o seguimento de Jesus*
7. *Pertença eclesial*
8. *O espaço mistagógico*

### **3.2.2.1**

#### **Articulação entre Sagrada Escritura e Liturgia**

Na mistagogia de Cirilo de Jerusalém, a Palavra de Deus não é uma escolha metodológica, mas a chave da dinâmica da Revelação, o princípio e o fim do anúncio revelado e sempre presente na Criação e Redenção. Cirilo proclama a Palavra criadora, sentido e mistério de Deus revelado. A História da Salvação é o fio narrativo, pelo qual o próprio Deus vai conduzindo seus filhos e filhas na história e para além da história.

O catequista da *Comunidade do Batismo do Senhor* se integra nesta mesma sabedoria recebida da Tradição patrística. A Sagrada Escritura é sabedoria

de Deus revelada a todos nós. É com esta percepção que ele acolhe a orientação do padre da Casa de Oração para que o roteiro do caminho catecumenal seja o próprio ano litúrgico<sup>651</sup>. A liturgia convida, através desta experiência cíclica, cada fiel e cada comunidade a penetrarem no mistério da vida de Jesus, aprofundando, a cada etapa, um aspecto do mistério pascal<sup>652</sup>.

Sr. Augusto nos fala do primado da Palavra de Deus na caminhada do Catecumenato com Adultos.

*Eu acho assim... que a Bíblia é Deus falando, então, é ele quem deve falar nos encontros. Não sou eu. Então, o que eu sou? Eu vou ajudando cada um a entender que aquela Palavra não é qualquer palavra, é Deus mesmo falando pra ele, na vida dele, que conhece ele mais do que ninguém e está ali, sempre esteve aliás.... Sem Bíblia não dá, acho que não se vai a lugar nenhum, ou então se vai mal...(risos) Mas também tem que ser devagar... cada dia um passo, sabe? (Sr. Augusto)*

O RICA orienta que é necessário que no Catecumenato se vivencie o mistério da salvação do qual desejam participar plenamente. Esta vivência é facilitada pelo caminho do ano litúrgico e valorização das Celebrações da Palavra<sup>653</sup>. A Palavra refletida em comunidade, sob a orientação do catequista, recebe intensidade nos seus significados, enraíza na vida e, por isso mesmo, sua comunicação se torna mais eficaz. Os participantes deste Catecumenato valorizam muito esse procedimento, como momentos de conhecer a Palavra, manusear e criar intimidade com a Bíblia. Vejamos como percebem a atuação mistagógica do catequista com relação ao contato com a Bíblia.

*Eu acho que o Seu Augusto fez o melhor caminho, começando pela bíblia... na verdade, pela intimidade com a bíblia. Na verdade... que é uma coisa tão simples, que depois que o catecumenato já estava fluindo, pegando fogo na minha vida... o mais importante pra mim não foi só ler a Bíblia, conhecer a ordem, os livros, as cartas, aquela historia toda bonita... foi mesmo, sabe o que? Foi ver que durante a semana eu lembrava, vinha na minha cabeça, ficava dentro de mim, como a voz de Deus mesmo... me dizendo coisas... nossa, incrível! (Afonso)*

<sup>651</sup> O Ano Litúrgico é um tempo marcado pelo mistério pascal. É o diálogo entre Deus e o tempo, ou melhor, é o momento de Deus no tempo, referendado pela categoria de *kairós* – entendida como tempo favorável, "tempo de graça e de salvação". Através das celebrações, o ano litúrgico nos coloca em um dinamismo que une passado, presente e futuro, em uma dimensão escatológica.

<sup>652</sup> Conforme as orientações do RICA, o catecumenato deve ser distribuído em etapas, relacionado com o ano litúrgico e apoiado nas celebrações da Palavra. Cf. RICA, n.19.

<sup>653</sup> ORMONDE, D. Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato. op. cit., p. 247.

Afonso faz uma retrospectiva do caminho que a Palavra de Deus fez em sua vida e identifica que a Palavra provocou uma grande mudança existencial: ‘a voz de Deus’ ecoava em seu coração e lhe orientava o pensar e o agir. É o mistério de Deus fecundando a vida humana, a partir da Palavra que rompe o silêncio e se faz ouvir<sup>654</sup>.

A integração entre a Sagrada Escritura e a Liturgia é realizada através das práticas do caminho catecumenal como, por exemplo, a leitura, a partilha e interpretação comunitária dos textos bíblicos e a participação nas celebrações eucarísticas. O catequista adota uma dinâmica com características presentes na mistagogia de Cirilo como: a narrativa bíblica, a relação entre a liturgia e a Sagrada Escritura, a pedagogia divina na História da Salvação. Todos estes elementos apresentados sob o fio condutor do processo da Revelação de Deus na história de seus filhos e filhas.

Este processo catecumenal segue as orientações do RICA e, portanto, é marcado por uma série de ritos e celebrações litúrgicas, que convidam ao mistério de Deus e aprofundar a comunhão de cada pessoa em Jesus Cristo, com o Pai e o Espírito. Nessa dinâmica, tanto a comunidade reunida, como cada pessoa, entram em uma participação profunda, fecunda e processual no mistério de Jesus.

Nos depoimentos abaixo, percebemos esta integração fecunda, entre a Palavra e a Liturgia, corrobora na integração da pessoa, em todas as suas dimensões, sem que haja uma dicotomia entre fé e vida.

*Se a gente não faz um bom catecumenato, não vai participar, se entregar a uma missa, aí você não se encontra de corpo e alma, né? Ali você se entrega realmente... Você se entrega à missa, as pessoas vão ali pra gente escutar o que o Senhor nos diz, o que fala e toca mesmo no nosso coração, né? Entra mesmo nos nossos ouvidos e vai até o fundo da nossa alma... Hoje em dia, eu fico esperando cada minuto, o evangelho, a comunhão, tudo é importante agora, pra mim tudo é importante. (Nanci)*

Nas palavras do catequista, os ritos presentes no RICA demarcam que é a Palavra de Deus que tudo fundamenta na ICA.

*No ritual tem momentos importantes do catecumenato... a entrada, os escrutínios... mas tudo tem a Palavra no chão, entende? Não é assim, de qualquer forma, com qualquer palavra, é a palavra certa, que a Igreja escolheu na sua sabedoria... e você vê mesmo, com seus próprios olhos, que aquilo vai*

<sup>654</sup> Cf. LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972, pp. 176-188.

*fazendo uma mudança na pessoa... quase sem ela perceber... mas eu tenho olho clínico, eu vou vendo e na medida que acho que chegou a hora, vou dizendo pra ela, puxando dela... o que está sentindo?... o que está acontecendo na vida... assim, fazendo ela ver que é Deus ali com ela. (Sr. Augusto)*

Sua habilidade pedagógica é evidenciada no depoimento acima. Conhecedor do processo que orienta, Sr. Augusto reconhece na Palavra de Deus o primado do caminho mistagógico e procura estar sintonizado com seu grupo de tal maneira que possa auxiliar na integração entre a fé e a vida.

Ao final de cada tempo litúrgico, este grupo vivenciou um retiro, no qual recapitulou a Palavra proclamada naquele período. Uma das catecúmenas relata sua experiência destes retiros.

*Aqueles retiros eu achava interessante... também porque você achava assim: poxa eu vou esquecer, né?... durante o ano você esquece todas aquelas leituras que teve, mas quando você começava a fazer a retrospectiva, você conseguia lembrar de tudo, aquilo ficou dentro da gente, entendeu? (Ana Maria)*

Ao fazer a retrospectiva do tempo litúrgico vivenciado, retomando seus principais eixos, o grupo está experimentando a mistagogia que brota da Palavra de Deus e convoca a própria vida. Fazer esta revisão em comunidade é ainda experiência eclesial, de uma comunidade constituída pela Palavra<sup>655</sup>.

Na fala dos participantes, a Palavra proclamada no contexto da liturgia tem força sacramental. Se refletida e interpretada no espaço catecumenal recebe densidade, os participantes compreendem melhor seu contexto e sua vinculação com a vida atual. A Liturgia da Palavra é um diferencial tanto para sua formação como para a participação na missa.

*Eu vejo que a partir do momento que você estuda a Palavra, então te deixa mais participativa na missa. Quando eu ia na missa antes de fazer o catecumenato, eu ia, mas sabe o que é você ficar assim?... você participava... você chega lá, aí você lê, aí você não consegue concentrar. Ainda mais que a paróquia é uma igreja grande, então determinadas coisas te tiram a concentração, então você escutava a Palavra e você não conseguia entrar e ficar, entendeu? (Ana Maria)*

Para Ana Maria, a Palavra de Deus proclamada na missa convida ao envio e à missão. Torna-se testemunhal, porque é Palavra acolhida e assumida na vida. A Celebração Eucarística é elemento que nutre e impulsiona sua semana, conduzindo a novas atitudes, a agir como pessoa nova em seu cotidiano familiar e

<sup>655</sup> Cf. BOFF, Cl. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 111.

profissional. Mais do que uma doutrina que é ensinada, ao acolher e viver a Palavra, a comunidade torna-se missionária pelo próprio testemunho.

*Agora eu participo de um jeito interiormente. Eu saio daqui praticamente com a minha semana traçada. O catecumenato te dá uma visão diferente de como são as celebrações. Então você já entra nela com um espírito novo, diferente... aquilo entra em você. Então isso melhorou a minha vida, em todo lugar, até no escritório. Você não sai fazendo o que te dá... você fica mais paciente, ajuda a levar a Palavra para eles, umas coisinhas pequenas... Às vezes até na sua forma de agir também. Você dá testemunho daquilo. (Ana Maria)*

Esta relação entre a Palavra e a Celebração Eucarística é percebida pelo grupo como um diferencial com relação a outras experiências, nas quais a leitura bíblica não está integrada com a liturgia.

Para concluir esta análise observemos qual o lugar mistagógico da Palavra de Deus ouvida, acolhida e interpretada. Para o catequista Sr. Augusto, as narrativas bíblicas devem ser compreendidas a fim de que os participantes possam saborear a liturgia.

*Olha só a diferença é que a gente fazia esses encontros aos domingos, cinco horas da tarde, tá? E a gente trabalhava a liturgia da santa missa. Era fantástico, porque eles passavam a ver um horizonte novo, né? De outro jeito, se você não esmiuçou aquilo, não tornou aquele momento para ele saboroso... não tem como engolir, saborear. Mas quando você descasca aquilo tudo, é como se você descascasse uma laranja. (Sr. Augusto)*

Para ele, a Celebração Eucarística ganha um novo sentido quando a pessoa compreende os textos bíblicos e a liturgia da qual está participando. Mas, o que vem antes e o que vem depois? Qual seria o processo mistagógico? Experimentar o mistério pascal e só depois buscar compreender e interpretá-lo através da Palavra? Ouvir a Palavra e compreendê-la para melhor saborear o mistério do qual participa?

Cirilo tem dois procedimentos, antes e depois da experiência sacramental. Nas *Catequeses Pré-Batismais*, Cirilo prepara os neófitos para o Mistério que irão experimentar através do caminho da Sagrada Escritura. Ela é a mestra, é fonte que revela os conteúdos doutrinários a serem trabalhados. O eixo que dá consistência e orienta a linguagem, os exemplos e o diálogo com a realidade, na direção da inserção progressiva no mistério de Cristo e na Igreja, é a mistagogia. Após os sacramentos da Iniciação, nas *Catequeses Mistagógicas*, Cirilo desenvolve a catequese a partir da experiência litúrgico-sacramental. Trata-se da mistagogia na

liturgia sacramental, momento de imersão da pessoa inteira no Mistério pascal do qual participa.

Na primeira etapa, constatamos que a primazia pertence à Sagrada Escritura, ela é a base sólida para a experiência sacramental. Na segunda etapa, o elemento catequético encontra-se posterior à experiência, e não como uma função preparatória. Aqui subjaz a compreensão da liturgia como experiência fundadora da catequese.

Com relação a esta articulação entre catequese e liturgia, Villepelet defende que “não somos nós que entramos no Mistério da fé cristã, é o Mistério que vem até nós!”<sup>656</sup>. Se concordarmos com esse pensamento, a mistagogia propõe a acolhida do primado da Revelação plena em Jesus Cristo e, por ele, deixar-nos conduzir ao Pai<sup>657</sup>. “Se considerarmos que a liturgia é a ação privilegiada da Igreja pela qual é atualizada, permanentemente, a Páscoa de Cristo, ela se torna um momento estruturador de toda catequese, é uma mediação essencial da mesma”<sup>658</sup>.

Segundo a tradição patrística, quanto mais viva e vivida é a liturgia, tanto mais necessita de catequese. Tem força mistagógica, pois nos conduz para a experiência de aliança e comunhão *no* e *com* o mistério. Ela é acompanhamento, discernimento, compreensão, disposição da pessoa diante do caminho da fé cristã<sup>659</sup>.

Em consonância com a tradição patrística, o RICA também parte do primado da liturgia como participação no Mistério da salvação. Para tanto, prioriza as Celebrações da Palavra como momentos privilegiados de compreensão do seguimento de Jesus Cristo, de experiência de oração pessoal e comunitária, através dos símbolos e atos litúrgicos<sup>660</sup>.

<sup>656</sup> VILLEPELET, D. La liturgie comme médiation de la catéchèse. In: *La Maison-Dieu*. Catéchèse et liturgie en dialogue. Paris, 2003, 234, p 67.

<sup>657</sup> Sobre a articulação entre catequese e liturgia ver o excelente artigo de A.ZANI, *Liturgia e catequese nos Padres: notas metodológicas*, Belém, 2002. Ele propõe uma integração, na qual uma se refere à outra dinamicamente, “a liturgia postula a catequese e a catequese exige a liturgia. A liturgia é catequese porque envolve o ser humano em todas as suas dimensões e, enquanto pedagogia divina, é exercício de fé e comunicação do dom da vida de Deus”.

<sup>658</sup> VILLEPELET, D. op.cit.

<sup>659</sup> A catequese patrística era marcada pela explicação dos ‘mistérios’ da liturgia-sacramental, preocupando-se, sobretudo com a compreensão das realidades litúrgicas na Sagrada Escritura.

<sup>660</sup> Cf. RICA, n.106.

Entretanto, o catequista desta comunidade propõe uma flexibilização das orientações do RICA quanto à participação dos integrantes na Celebração Eucarística.

*A relação de missa com o catecumenato é MUITO importante, MUITO! No RICA, não sei se você se lembra, enquanto eles estiverem no catecumenato, eles só podem ficar na missa até a liturgia da Palavra. Isso, pra mim, é embaraçoso. Me ajuda porque eu não tenho resposta. Acaba incomodando as outras pessoas...*

*É porque, a liturgia da Palavra era só para os catecúmenos que não foram batizados. Nesse caso, o Afonso teria que ir embora... Eu acho que é excludente essa forma porque ele vai sair no meio da celebração e vai se sentir menor.*

*A orientação do RICA é pra criar um processo. Você vai até aqui.. .daqui há pouco você vai até aqui... Mas a gente precisava também de uma flexibilidade por conta do RICA, do ritual, para que nós pudéssemos trabalhar o catecúmeno como parte de uma comunidade em que tá inserido... não só com a vivência dele na fé, mas com o histórico de vida, o testemunho de vida dele, diante da sociedade. (Sr. Augusto)*

O catequista julga constrangedor despedir os participantes do Catecumenato após a liturgia da Palavra e prefere optar pelo convite e permanência dos participantes durante toda a Celebração Eucarística<sup>661</sup>. O que pudemos observar no processo catecumenal deste pequeno grupo é que sua participação na Celebração Eucarística se tornou ocasião privilegiada de encontro com Jesus.

*No encontro de hoje muitos expressaram o quanto a missa tem feito diferença em sua vida, em sua semana. Na verdade, não chegam a verbalizar uma compreensão efetiva das partes da missa, da liturgia, mas expressam em forma de oração, de admiração, de sentimento de presença de Deus em si mesmo, em movimento interior de mudança. (Anotações de campo, 18/10/2004)*

A liturgia vivenciada na *Casa de Oração* faz com que o grupo seja iniciado também na participação no Mistério pascal. Algumas vezes, os

<sup>661</sup> Vale ressaltar que o RICA é um documento de orientações que respeita a dinâmica da comunidade local. Neste aspecto, a orientação para a retirada dos integrantes do Catecumenato após a Celebração da Palavra, é facultada para que seja gradativa, caso seja aceita e não traga dificuldades à comunidade. Cf. RICA, n. 19 e n. 106. H. Bourgeois avalia que este é um procedimento importante, apesar de receber muitas contestações em várias experiências locais. Em primeiro lugar, porque de fato há iniciados e iniciantes, e, é uma atitude de respeito a estes últimos não participarem de expressões da fé para as quais ainda não estão prontos. Em segundo lugar, pelo caráter eclesiológico da Celebração Eucarística, como se para participar da Igreja não fosse necessário um caminho de Iniciação, uma comunidade chamada à vocação, à conversão e ao testemunho; como se fosse possível participar da Celebração de forma integrada e plena. É possível que os participantes do Catecumenato se sintam integrados à Igreja, mas não ocorre o contrário. Cf. BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. op. cit., pp. 171-173.

participantes do grupo fazem referência a uma experiência forte, de mistério, de mudança de vida, de sentir a presença de Deus, de sentirem intimidade com Deus.

*Ali você entende melhor a eucaristia, o pão e o vinho, por causa do jeito que a gente reza a missa, tão juntinhos, e por causa do seu Augusto explicar... eu acho que são as duas coisas juntas... (Valéria)*

Podemos dizer que aqui temos o cerne da mistagogia, a experiência do Mistério, a experiência de abertura para a dinâmica da Revelação, para o encontro com Deus. A vida passa a ser reconfigurada passo a passo, em um diálogo profundo e fecundo entre Deus e a pessoa. Na fala de Afonso encontramos este dado, manifestado no conceito de ‘entrega’<sup>662</sup>.

*Eu acho que o catecumenato vai te levando aos poucos, e você, um pouco sem sentir... vai se entregando inteiro... é, há uma entrega que acontece no catecumenato, é momento muito forte de entrega. Você se entrega... deixa o Espírito Santo agir um pouco em sua vida pra ele tomar as rédeas de tudo. (Afonso)*

A dinâmica dos encontros catecumenais, tendo por base o ano litúrgico, não tornou a participação nas celebrações um momento de adesão intelectual. Ao contrário, após cada celebração, os participantes manifestavam especial compreensão do Mistério de Cristo, valorizando a celebração como lugar de educação da fé por ser ela mesma, a fé em ato, a Palavra viva, o encontro entre Deus e seu povo.

Retomando o percurso desenvolvido nesta categoria mistagógica, vejamos quais os principais pontos a serem destacados na análise das práticas discursivas deste grupo de Catecumenato.

Em primeiro lugar, a articulação entre a Sagrada Escritura e a Liturgia é um dos critérios que orienta o processo catecumenal. Todo o processo se desenvolve tendo por base estas duas fontes apresentadas e refletidas sempre em conjunto: a Revelação que se faz Palavra e a Liturgia como inserção no Mistério revelado a todos nós. As orientações do RICA têm esta mesma base teológica.

---

<sup>662</sup> Na reflexão da liturgista I. Buyst, este conceito de ‘entrega’ tem o mesmo significado que a ‘participação consciente’, é a consciência do fiel de sua inserção no Mistério Pascal e decisão livre de confiar sua vida e suas escolhas ao projeto de Deus. Cf. BUYST, I. e SILVA, J. A. *O Mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 107.

Em segundo lugar, o catequista desta comunidade se insere na sabedoria recebida da Tradição da Igreja numa atitude de unidade e diálogo fecundo, sensível e atento às interpelações apresentadas na realidade deste grupo.

Em terceiro lugar, demarcamos o processo de amadurecimento do grupo durante o processo catecumenal. Por intermédio de nossa observação, convivência e dos testemunhos recolhidos verificamos que, a cada etapa do caminho catecumenal, os participantes do Catecumenato tornavam-se mais sintonizados com a ‘voz de Deus’ que ecoava e provocava sua dinâmica existencial. As palavras-chave que salientamos de seus discursos são – entrega, intimidade, interior, visão diferente, novo horizonte, mudança, envio, testemunho. São palavras que denotam o caminho mistagógico, a inserção progressiva no Mistério revelado e a abertura processual do mais profundo de cada pessoa.

Em quarto e último lugar, destacamos a experiência de Igreja que se realiza, desde o primeiro momento, pela profunda integração entre a Palavra e a Liturgia. O grupo se auto-compreende como Povo de Deus a caminho, em unidade com o povo da Bíblia, com a sua Igreja, em diálogo fecundo com um Deus que é, que fala, convoca, orienta, acompanha e estimula o caminho. O grupo reunido em torno destes dois eixos vai se tornando comunidade sacramental, onde a Palavra é fertilizada e produz os frutos da presença cristã no mundo.

### 3.2.2.2

#### O catequista como pedagogo da fé

Cirilo de Jerusalém é um apóstolo. É assim que compreende sua missão, como resposta ao mandato, como mediação do grande chamado que Deus faz a cada pessoa. Ele fala como alguém que orienta espiritualmente os participantes do Catecumenato para que se abram ao convite que já reside em seu coração e em suas vidas. E, assim, se deixem atrair pelo amor de Deus, que a eles se revela e convida a mudar suas vidas.

*Sois já discípulos da nova Aliança e partícipes dos mistérios de Cristo, agora, por vocação, mas em pouco tempo também como um dom: ‘forjai em vós um coração novo e um espírito novo’ para que se alegrem os moradores do céu<sup>663</sup>.*

<sup>663</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequese 1*, 1. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Introd., trad. e notas de RIGGI, C. Roma: Città Nuova, 2<sup>o</sup>. Edição, 1997.

Pai da Igreja, Cirilo é inspiração para os catequistas que, ao focarem em sua vocação, encontram neste grande doutor da Igreja, um caminho de santidade e também uma doutrina marcada pela originalidade quanto aos caminhos da Iniciação Cristã.

O catequista, Sr. Augusto, não conhece este grande Pai da Igreja. Portanto, não podemos dizer que é diretamente nele que enraíza suas referências teológico-pastorais. Seu grau de consciência é o de quem deseja responder ao chamado de Deus em sua vida com responsabilidade, como compromisso com o serviço eclesial. No entanto, a partir do momento em que se abre para esta vocação e se coloca em unidade com a caminhada da Igreja, se faz aprendiz e testemunha da Tradição.

Sr. Augusto acredita que este chamado deve ser respondido com humildade e responsabilidade, pois Deus confiará a ele ainda muito mais. Ele se coloca à disposição do projeto, não apenas no momento presente, mas se prepara para os ministérios futuros. Em sua observação, quanto ao seu professor, expressa que há sabedoria não apenas nos ensinamentos formais, mas principalmente no testemunho do mestre. Sr. Augusto entende que o mestre deve dar testemunho daquilo que ensina e, enquanto catequista, procura estar atento e pronto para este compromisso.

*É, fui fazer a formação teológica porque tá me ajudando muito, entende? Abriu um clarão, principalmente agora como catequista (...) Nesses dois últimos períodos é Sacramentos. O professor é muito bom, quer dizer... porque o mestre, independente da mensagem, ele tem que viver essa mensagem para que o aluno absorva... Não ficar só na cabeça (...) Então é eu acho que esse curso me ajudou bastante e eu tenho certeza que é por isso aí o Senhor tem um projeto pra mim e eu acho que se eu ainda tô fazendo o curso é porque ainda vou ter muita luta (risos). E ainda tem muito pela frente. (Sr. Augusto)*

Ele tem consciência de que o catequista é um mediador na relação entre Deus e o participante do Catecumenato. Reconhece que o mestre é o Espírito Santo, e se coloca como educador e como testemunha da fé que celebra, professa e orienta.

A partir dos depoimentos dos participantes do grupo, encontramos outros traços marcantes do catequista. Vejamos como Nanci o descreve.

*Você vê as pessoas que estão ali seguindo, é sinal de que ele é um bom catequista, porque se ele fosse um mal catequista... o pessoal fazia por fazer, igual muita gente... Ele é uma pessoa muito legal mesmo. Tem muita fé, muita paciência pra ensinar, explica tudo direitinho, com calma... ele fala da Bíblia com o coração, com amor. Ele é bem preparado. Foi uma pessoa que passou por muita coisa, né? Que nem São Paulo, ele era como se fosse uma outra pessoa, que até atrapalhava o bem, o projeto de Deus, né? Ele não esconde isso, conta pra gente como se converteu e tudo mudou na sua vida. Só Deus mesmo pra fazer maravilha na vida das pessoas... Ele transforma a vida das pessoas... Eu acho que ele foi muito importante na minha vida eu agradeço muito a Deus. (Nanci)*

Este depoimento expressa três características significativas neste catequista: o próprio processo de conversão, a coerência evangélica e a sua qualificação.

O catequista é testemunha de Jesus Cristo e da Igreja, necessita viver a coerência evangélica que ensina ao seu grupo. Como orientador do caminho do seguimento de Jesus deve, também ele, percorrer este caminho. Sr. Augusto é um testemunho vivo e eloquente para esta comunidade, por sua mudança radical e entrega da própria vida ao seguimento de Jesus. Busca a formação teológica e se coloca como aprendiz na dinâmica da Revelação, como ouvinte da Palavra e como alguém que serve à Igreja. Suas ações pedagógicas são ações provenientes da oração, da participação na liturgia da Igreja, do planejamento atento, da escuta da Palavra e do Magistério em diálogo com a realidade de seu grupo.

Observemos como ele se refere a uma passagem em sua trajetória de serviço à Igreja - de introdutor a catequista -, a convite do padre da Casa de Oração. Naquele momento, não se percebia preparado para tanto, mas aceita o convite do pastor como atitude de confiança, como desafio que assume com responsabilidade.

*Era um momento novo da igreja, né? Essa proposta e... acho que ele encontrou em mim alguma confiança pra poder me convidar. Um desafio a gente procura levar e chamar pra nós ..., me parece que ele tem essa confiança em mim, embora ele sabendo que eu não tinha experiência nenhuma...como catequista. Foi muito difícil os primeiros momentos pra... primeiro, eu me adaptar e depois fazer o repasse. O programa ainda era um pouco confuso. Na diocese não tinha orientações detalhadas para um catecumenato. Estava começando aqui na paróquia. Isso é o começo de tudo. (Sr. Augusto)*

É digna de nota a forma como o catequista abraça o convite do padre, como uma convocação ao serviço eclesial, mesmo que numa fase de gestação da nova proposta para o Catecumenato com Adultos.

O catequista tem a função essencial de ser testemunho de Cristo e da Igreja. Será muito difícil ele orientar um processo de conversão se ele mesmo não viver este caminho, como discípulo de Jesus. Como testemunha de Cristo, o catequista também deve ser alguém que suscita testemunhos da experiência de fé entre os participantes do Catecumenato.

Decorrente desta dinâmica do testemunho comunitário, outra característica significativa no mistagogo é o relacionamento pastoral e afetivo, como pai e pastor. Nesta experiência catecumenal, este testemunho não apenas é transmitido, mas se faz presente também no acompanhamento mútuo entre os participantes do Catecumenato. Transcrevemos as palavras do catequista que indicam esta compreensão.

*Esse jeito de se preocupar, eles começam também a viver entre si... E a gente percebe que o amor tem uma essência a mais do que nós somos capazes de imaginar... Independente de tudo ele é contagiante. Se você está, na verdade, vivendo um plano de amor com Deus, os teus também vão estar vivendo esse plano de amor com Deus, embora dentro de algumas limitações, mas vai seguindo, sabe? Aquilo parece que é uma chama que aquece a todos. Não aquece só aquela pessoa... ela irradia. (Sr. Augusto)*

O catequista percebe este aprofundamento nas relações internas do grupo como uma experiência do amor de Deus. As limitações pessoais não são empecilhos para a chama que irradia o calor do amor, pois este vem de Deus mesmo, ele é o princípio ativo e orientador da experiência.

Outra característica presente neste catequista é a sua capacidade de congregação e de motivação dos participantes do Catecumenato. O grupo o considera responsável pela motivação de muitos, assim como pelo acompanhamento, fazendo, muitas vezes, o papel de introdutor juntamente com o de catequista.

*Tem pessoas que chegaram aqui sem nem abrirem a boca e outras que eram atoladas pra tudo. O Augusto fez com que eles se descobrissem, eles foram falando aos poucos, se abrindo, só vendo... Tinha pessoas lá que não falavam nada, eram quietos, e que no final já estavam fazendo orações, já faziam aquilo de dentro pra fora. (Ana Maria)*

O catequista dinamiza o processo de construção das relações de confiança e de abertura dentro do grupo. Ele se propõe a criar o vínculo comunitário-

familiar. E, neste caso, o próprio catequista dá testemunho desse empenho, visitando as famílias dos integrantes do grupo, procurando conhecer e auxiliar nas questões presentes, e, principalmente, sendo uma presença mistagógica, que orienta e conduz a fé não apenas do integrante do Catecumenato, mas também do grupo familiar.

Sr. Augusto está em consonância com a compreensão presente no Catecumenato primitivo, no qual o mistagogo é um orientador espiritual. É aquele que caminha com o participante, no sentido de criar uma disposição para oferecer ao outro o espaço necessário para que faça sua escolha na liberdade<sup>664</sup>. Com relação à orientação mistagógica presente em seu agir catequético, destacamos os seguintes aspectos: a consciência de que nesta dinâmica a iniciativa é de Deus e o catequista é mediador; a disponibilidade da própria vida na resposta ao chamado a servir a Igreja; a unidade com a Tradição e com o Magistério; a perseverança na busca da coerência evangélica; o dom de motivar, congregar e cuidar do grupo como pai e pastor.

Nas palavras de São Paulo, cabe a quem acompanha ser “*diácono do Espírito*”<sup>665</sup>. Imbuído dessa perspectiva mística, a postura do catequista pressupõe respeito à liberdade de Deus e da pessoa a quem acompanha, alguém que orienta e auxilia o participante do Catecumenato a reconhecer os sinais da presença de Deus na sua experiência vital.

### 3.2.2.3

#### A construção da experiência de comunidade

Seguindo a inspiração fontal que a experiência mistagógica nos deixa, reiteramos que a relação comunitária é indispensável. Ela possibilita não apenas o estabelecimento de vínculos afetivos e de amadurecimento no diálogo, mas também a interpretação das situações à luz da Palavra, as vivências celebrativas e sacramentais, o alimento e o dinamismo da fé<sup>666</sup>.

A fé cristã é essencialmente eclesial. Os laços de comunhão que constituem a comunidade fazem parte do caminho mistagógico, pois nascem da

<sup>664</sup> Cf. BUNGE, G. *La paternità spirituale*, Magnano: Edizione Qiquaion, 1991. Disponível em: <<http://www.mclink.it/personal>> Acesso em: 18 de outubro de 2002.

<sup>665</sup> Cf. 2Cor 3,8.

<sup>666</sup> Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 307-308.

sacramentalidade da Igreja, da experiência de comunhão apostólica e eucarística<sup>667</sup>. Voltando nosso olhar para a comunidade local observada, vejamos como este processo foi pensado, construído, e estratégias foram priorizadas no seu processo mistagógico comunitário.

A primeira consideração apresentada pelo catequista, Sr. Augusto, diz respeito à organização espacial dos encontros com o grupo de participantes do Catecumenato. Ele recebe orientação do padre para que os participantes do Catecumenato sejam dispostos em círculo, e parece ter claro que a estrutura física colabora para a experiência do encontro e relacionamento comunitário. A organização estética do grupo catecumenal é seu ponto de partida para explicitar a necessidade do encontro profundo, humano, olhos nos olhos, que favorece a vivência, a experiência, e não uma absorção intelectual de conhecimentos. Vejamos a transcrição de suas próprias palavras com relação a este aspecto:

*Na catequese comum, normal, você se reúne no sentido piramidal, na hierarquia. Há um professor e há alunos voltados para o professor. Ele vai falar na tua cabeça, ele não vai falar no teu coração, ele vai falar pra você aprender, decorar.*

*E o catecumenato ele se reúne em círculos trazendo o sentido de igualdade entre ambos. Na pirâmide eu vou ditar e você vai decorar e aprender. E eu me reunindo em círculo com eles, eu vou vivenciar a experiência. Tem a vivência, você olha nos olhos de cada um, você lida com eles o sentimento de cada um, você percebe quando alguém vem com problema.*

*O padre me orientou assim, ele falou que todo catecumenato é feito assim. Esse jeito da aula de catequese, como se fosse um professor ensinando, eu acho que isso não é catecumenato. (Sr. Augusto)*

Esta referência espacial é determinante de uma dinâmica dialógica no caminho catecumenal. Para Sr. Augusto, ela favorece o encontro interpessoal, a abertura para o conhecimento do contexto da vida pessoal de cada participante do Catecumenato e a troca de experiências. Ele passa a considerar imprescindível, elemento central da Iniciação Cristã com Adultos.

*Eu primeiro via os problemas deles... O que houve? Quer falar comigo em particular, não? Pode ser aberto? Às vezes a pessoa precisava desabafar. Aí desabafava, pronto, chorava e tal, daqui há pouco... pronto, tá pronto.*

*A Palavra vinha iluminar, ajudar não só aquela pessoa, entende? Vinha como uma inspiração para todos eles ... e pra mim, porque a gente sempre aprende cada vez que se coloca diante da sabedoria de Deus.*

*Eu acho que no catecumenato tem uma visão do verdadeiro sentido de amor pelos catecúmenos... então, se você lidar uma vez por semana olhando nos olhos*

<sup>667</sup> Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. La Iniciación Cristiana. op.cit., p. 223.

*de cada um, ao passar três meses você começa a perceber, mais ou menos, quando eles entram aborrecidos, contrariados, tristes, alegres, alegre demais, entendeu?.*

*O catequista precisa de ter uma sensibilidade maior. Por quê? Porque eles buscam na pessoa do catequista... Como um pai, né? Um pai, um pastor. É uma coisa assim, que até pra explicar eu tenho dificuldade. (Sr. Augusto)*

A dinâmica grupal favorece a abertura dos participantes do Catecumenato para uma experiência de confiança, de troca de dificuldades, de transparência. Os níveis de integração pessoa-pessoa, pessoa-comunidade, Palavra-vida, fé-vida estão numa dialética na qual não se identificam prioridades, pois a dinâmica da Revelação é o eixo teológico-pastoral presente.

As palavras utilizadas pelo catequista – amor, sensibilidade, pai, pastor – são palavras densas de significados, que nos remetem a um processo que está longe de ser informativo ou direcionado apenas ao cumprimento de uma meta de aquisição de conteúdos doutrinários.

Os participantes do Catecumenato, mesmo sem ter conhecimento dos eixos referenciais do seu processo de formação, percebiam-nos na metodologia do catequista e eram capazes de identificar e valorizar o caminho que vinham percorrendo. Os relatos transcritos abaixo evidenciam os aspectos presentes na metodologia: cuidado com cada participante, criação de um ambiente de intimidade e confiança, familiar, a presença da Palavra como primado, a relação da Palavra com a vida, a presença de Deus Pai na vida pessoal, o conceito de pecado como fruto do isolamento da dimensão comunitária.

*Sr. Augusto fazia assim: reunia em círculos, se preocupava com cada um de nós... O mais importante era que a gente se conhecesse e criasse intimidade uns com os outros. E ali ele ensinou a gente a ler a bíblia, mas não era uma bíblia de especificação... Era uma bíblia de vida, porque a gente discutia o tempo todo com a vida... Nós sabíamos que ele tinha uma intenção... E ele fez de nós uma família. (Anotações de campo- 11.10.2004)*

*Somos todos filhos de Deus... Ele que nos compreende e sabe o amanhã de cada um, porque... E depois, por que esconder de Deus um problema que ele já conhece? Não tem motivo! Fica difícil você falar assim, que é pra deixar o problema lá fora, quando uma pessoa chega pra frequentar o catecumenato. Ela senta, mas tá tão atribulada, tão cheia de problemas que pode nem ter cabeça. Então, seu Augusto estava sempre ligado, ele não deixava isso assim.. ele ia lá, no particular, ou no grupo mesmo... ele encontrava um jeito da pessoa estar em casa.*

*Se você tem essa liberdade de trazer os problemas pra comunidade, a comunidade te ajuda a refletir. Você não fica solitário com aquele problema... o que, às vezes, sei lá... a solidão pode gerar um pecado, né?(Afonso)*

O relacionamento de confiança constrói laços de solidariedade fraterna, os quais identificam como laços familiares, pois, para este grupo, a intimidade e a confiança mútua são referências de sua concepção de família. O nível de integração dos participantes é percebido de várias formas, e valorizado, por muitos, como ponto central do Catecumenato. O termo 'família' está presente em muitos relatos.

*Aqui é tão bom, termina a missa e a gente continua, não quer nem ir embora, acaba virando uma grande família. O catecumenato faz isso, ele já começa a reunir as pessoas fora da missa, você começa a ter um círculo de amizade grande, aquelas mesmas pessoas vão pra celebração. (Ana Maria)*

*Era mais que um encontro, já éramos uma família. Se alguém faltasse a gente sentia falta... Se passasse mais de uma semana, se procurava saber por que aquela pessoa não foi, se visitava, ia na casa dele. O jeito que o seu Augusto dirigia levava a gente a ficar unido, né? Em segundo, o interesse de cada um, né?(Paulo)*

Este aspecto familiar aparece relacionado com outro, quanto aos conteúdos próprios do processo de Iniciação Cristã. Ao serem interpelados quanto a um planejamento temático para a formação, eles manifestam que muitos assuntos foram tratados, foram fluindo ao longo do processo. Sempre que alguém queria se abrir, trazia seu problema, e era acolhido e tudo conversado com clareza e fraternidade.

*O catecumenato é formado por pessoas, e as pessoas que estavam no grupo eram adultas. Então, diante de nossas possibilidades... tudo era questionado, tudo era conversado. Não tínhamos uma barreira. Quando tínhamos um problema social, que todos estavam chocados, era em cima daquele problema social que gerava uma conversa. Quando alguém, por um motivo ou por outro, que vou colocar aqui um fato concreto, de uma menina nova, engravidou, que tava dentro do catecumenato... Todos nós ficamos grávidos com ela, geramos a criança com ela... e todo mundo tem no menino hoje muito carinho. Era isso que eu queria dizer, eu acho que não se deve definir o que tem que ter, o que não pode ter. A beleza do catecumenato tá em deixar fluir um pouco. (Afonso)*

No relato acima vale a pena sublinhar dois pontos. Em primeiro lugar, o fato de que cada pessoa é considerada na sua originalidade, com sua história e experiências pessoais. A seguir, observamos que o nível de integração com a vida estava presente não apenas como alusão, mas como desafio e busca de respostas comunitárias, à luz do Evangelho. A orientação ética caminhava em consonância

com a espiritualidade, com a prática do amor fraterno, com a experiência comunitária, com as orações e reflexões a partir da leitura bíblica.

Na sociedade moderna, as relações interpessoais estão cada vez mais escassas. As pessoas se sentem sozinhas, anônimas, sem identidade própria; possuem uma grande necessidade de afeto, companhia, amor e, vão buscar nos grupos, uma experiência comunitária de acolhida e solidariedade. A construção desta experiência já favorece à demanda mais existencial, mas, no caso do Catecumenato, a construção dos vínculos afetivos tem sua fonte de unidade e comunhão na experiência de encontro com o Cristo pascal, na Palavra e na Celebração Eucarística.

Decorre que as relações interpessoais se aprofundam no grupo, mas também convidam a um exercício missionário, de partilha e co-responsabilidade social. A práxis evangélica, a conversão de atitudes, a busca de coerência nos ambientes de trabalho, de família, de ação política, emergem como consequência do próprio seguimento de Jesus. É uma consequência coerente com o seguimento de Jesus e imprescindível no mundo adulto no qual, muitas vezes, as dimensões da vida cotidiana, social e política estão desintegradas da experiência de fé<sup>668</sup>.

O planejamento dos dois retiros deste grupo integrou momentos de revisão dos tempos litúrgicos, aprofundamento e oração e, também, momentos de convivência e de lazer, nos quais os membros aprofundaram as relações de amizade.

*Nós fizemos vários encontros diferentes, assim, retiro, fomos pro sítio, fomos em dois lugares muito bons... com tarde de oração, mas também nós nos divertimos, sabe? Piscina, jogamos bola, fizemos muitas coisas boas, também o que aconteceu? Isso dá uma união pro grupo pra não ficar só naquilo, ali fechado, né? (Valéria)*

A experiência de comunidade não é visibilizada como um elemento marcante na mistagogia de Cirilo. O que podemos identificar é a dimensão de pertença eclesial, lembrar que as ações litúrgicas se dão em comunidade, e até mesmo em um vínculo de fraternidade proveniente desta integração com o Povo de Deus de ontem, hoje e sempre. Mas não temos dados para afirmar que, naquela etapa, o Catecumenato promovia uma experiência de comunidade.

---

<sup>668</sup> Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*. op. cit., p. 475.

Na mistagogia de Cirilo, a Iniciação Cristã é um processo comunitário. Seu cuidado pedagógico, a integração entre a catequese, a liturgia e a vida, o sentido de identidade e pertença eclesial, assim como todo o processo de acolhida, entrada e participação dos novos fiéis, é sempre desenvolvido na comunidade eclesial. Ele não explicita uma experiência de construção dos vínculos comunitários, mas em sua eclesiologia transmite a identidade do cristão como participante do povo de Deus, destinatário e sujeito da missão a ele revelada. Da mesma forma, quando Cirilo trata do seguimento de Jesus, refere-se a um caminho pessoal e comunitário.

A comunidade eclesial é o lugar primário de experiência comunitária. É nela que se constroem os primeiros vínculos de identidade, de acolhida, de referência, de fraternidade. Vai além. Através da escuta, partilha, testemunhos, compromissos, é o espaço de exercício dos diversos ministérios e carismas<sup>669</sup>.

Ainda é esta experiência comunitária que oportuniza a circularidade interpretativa fundamental para o amadurecimento, testemunho e missão, no campo pessoal e comunitário. Diante da Palavra, das experiências litúrgicas e da vida prática, a comunidade interpreta a realidade humana atual segundo a dinâmica da fé cristã.

O eixo mistagógico favorece que cada um e todos estejam diante do amor de Deus que se revela a cada passo e que juntos experimentem, compreendam e amadureçam sua fé em comunidade viva, sendo, uns para os outros, mistagogos que auxiliam no passo a passo do seguimento de Jesus.

#### **3.2.2.4**

#### **A compreensão da Iniciação Cristã como caminho**

A categoria do caminho é central na mistagogia. Remete à dinâmica da Revelação e ao processo existencial de resposta ao convite de Deus, um processo de conversão de ideias, atitudes, de configuração em Jesus Cristo. A mistagogia constitui não apenas o iniciante na perspectiva do ‘caminho’, mas também o catequista e a comunidade eclesial, pois todos são iniciados por Deus.

---

<sup>669</sup> BOROBIO, D. Verbete Catecumenato. In: FLORISTÁN SAMANES e TAMAYO, J. (dir.) *Conceptos fundamentales de Pastoral*. Madrid: Cristiandad. 1983, p.115.

Na vida adulta muitas escolhas já foram feitas a partir da história pessoal, da cultura e contexto sócio-histórico. Este é mais um motivo para não esquecermos esta categoria fundante na Iniciação Cristã de Adultos, pois é um grupo que já se colocou diante da vida em um determinado rumo e, diante da abertura e encontro com Jesus, começa a rever suas escolhas. O caminho catecumenal torna-se uma grande revisão de vida, necessita de uma reestruturação respeitosa, atenta e misericordiosa, de inspiração mistagógica.

A perspectiva do caminho é sublinhada em vários trechos dos discursos dos participantes do grupo observado: a mudança, as expectativas, as dificuldades sendo superadas, as descobertas, a necessidade de perseverar, de continuidade. Por isso mesmo, torna-se bastante limitador apontar um ou outro discurso que expresse mais claramente esta categoria central para a mistagogia. No entanto, vamos procurar trazer algumas falas que demarcam esta perspectiva, a fim de observarmos no texto dos participantes do Catecumenato, como constroem este conceito e como verdadeiramente se colocam nesta dinâmica.

No relato a seguir, Afonso traduz seu desejo de ser batizado e, ao mesmo tempo, a resistência em percorrer um processo de catequese na vida adulta.

*Quando eu fui procurar o catecumenato eu falei pra minha esposa que eu queria ser batizado. Ela falou que eu tinha que fazer um curso, e eu achei que era uma catequese, sabe? Eu ia fazer um catecismo lá, vai durar um tempo... Ela falou: dois anos. Falei: 'Caramba! Dois anos?! Vou pra igreja todo dia pra me batizar?' Mas quando fui descobri o catecumenato... Eu acho que no catecumenato eles ensinaram o sacramento, ensinaram parte da liturgia, a bíblia, e tem mais. Ele também é formado por pessoas. Então, há uma união muito grande no catecumenato - havia uma entrega, uma doação entre as pessoas, muito forte.(Afonso)*

O participante fala de suas resistências iniciais, mas também expressa pontos-chave do Catecumenato, que o fizeram descobrir o que realmente significava: o caminho da iniciação, a importância da Bíblia, da Liturgia e o vínculo comunitário. Ele se surpreendeu com o processo do qual participou, visto que sua referência era de uma formação de cunho catequético-doutrinal.

*O catecumenato, ele é uma caminhada - seu Augusto ensinou muito bem - uma caminhada... As pessoas caminhando junto, vão vivenciando os problemas do dia-a-dia. Vão levando a prática que a gente vê na missa, pra você pegar e avaliar, pra você entender, conhecer. Vai levando isso pra dentro do curso, né?...o manuseio da bíblia... Como precisa parar, pensar, analisar, saber em que*

*tempo foram escritas algumas palavras. Essas coisas foram influenciando muito pra você ter uma formação maior. (Afonso)*

Queremos ressaltar na prática discursiva de Afonso a utilização dos verbos no gerúndio – *caminhando, vivenciando, levando, influenciando*. Acreditamos que, nesse caso, a frequência desta forma verbal não é um estilo de linguagem<sup>670</sup>, mas denota exatamente a ideia de caminho, de movimento, de percurso no qual se encontram etapas a serem experimentadas e superadas. Uma formação vivenciada e valorizada enquanto caminho, respeitando os momentos pessoais e grupais, a pedagogia amorosa e misericordiosa de Deus com seus filhos e filhas.

Mais uma vez registramos que este grupo está sob a orientação do RICA, e este promove um processo no qual os encontros, os ritos litúrgicos, as etapas na Iniciação, sugerem uma trajetória, em que pessoa e comunidade se integram na experiência. Este mesmo participante do Catecumenato apreende a riqueza de detalhes das etapas da ICA, a elaboração teológico-pastoral que o fundamenta e os passos fundamentais do processo catecumenal. Enfim, ele se dá conta de que não é acidental a presença dos elementos que, unidos, decorrem no caminho catecumenal, mas que está diante de uma proposta madura da Igreja.

*O catecumenato é cheio de pequenos detalhes... são palavras, são pedaços da Bíblia que parecem casuais, mas você vai vendo que são escolhidos a dedo. São as cerimônias de entrada, de bênção... tanta coisa... é uma caminhada. O seu Augusto fez de uma forma que a gente ia caminhando, crescendo, quase sem perceber que tinha todo um planejamento e um cuidado por trás de cada detalhe.(Afonso)*

Apesar de já havermos apontado o preparo e atualização do catequista, não podemos deixar de confirmar a intuição do participante: o processo da ICA deste grupo está sob forte influxo das mais recentes orientações do Magistério, expressas no RICA. Além disso, o padre que acompanha este processo é atento, principalmente na elaboração do planejamento das etapas do ano litúrgico e dos ritos e celebrações suscitadas pelo caminho catecumenal.

O processo deste grupo permite mais uma observação significativa: eles foram capazes de identificar os elementos presentes em sua formação, diagnosticar avanços e dificuldades e, ainda, propor novos elementos para o

---

<sup>670</sup> Podemos chegar a essa conclusão porque durante a entrevista de Afonso o gerúndio não foi tão frequente quanto neste momento, no qual expressa sua interpretação do processo catecumenal.

caminho catecumenal. Uma das sugestões foi a criação de um espaço para a revisão de vida, de momentos próprios para uma tomada de consciência que os ajude a perceber seu amadurecimento e os caminhos de superação e conversão.

Ana Maria manifesta claramente este desejo de tomada de consciência pessoal.

*Acho que devia ter mais momentos assim, pra você entrar em você, ver se tava sendo bom, se o catecumenato estava te dando força. Porque nem sempre a gente tá indo do jeito que deveria.. e vai levando, meio no automático. Tem o estudo normal, mas de vez em quando isso ajudaria mais. Você se integra, busca Deus lá no fundo. Acho que de vez em quando alguém tem que frear e dizer, 'perai, vamos ver por onde estamos indo?'. Não estou dizendo que isso não acontecia quando líamos a Palavra. Claro que sim... mas estou falando de um momento só pra isso, entende?" (Ana Maria)*

Está presente neste discurso um dos elementos relevantes na trajetória da Iniciação Cristã, ou seja, a dimensão penitencial do processo de conversão. Nas *Catequeses Mistagógicas*, Cirilo ressalta a necessidade de uma atitude constante de vigilância e tomada de consciência como parte do caminho cristão. Os momentos de dificuldade, de tentação, são elaborados nas Catequeses como parte da vida e da orientação fundamental no seguimento de Jesus. A dimensão penitencial é também abertura à graça e à misericórdia de Deus diante de si mesmo e da comunidade. A conversão é atitude responsável, consciente, processo de amadurecimento e mudança progressiva.

Muitos participantes do Catecumenato expressaram que, quando encontraram este caminho, desejavam uma mudança em suas vidas. Vejamos como uma das catecúmenas expressa esta mudança existencial.

*Eu mudei, tudo mudou, mudou até minha relação com o meu marido. Durante o catecumenato eu fui me libertando daqueles medos, né? daquelas coisas, daquele vazio que eu sentia aqui dentro, fui ficando mais calma, meu casamento ficou melhor. É que deitava igual um bicho, acordava igual, né? Não orava, não pedia nada... A gente não tinha essa coisa de fazer oração, né? Hoje em dia, eu e meu esposo rezamos, peço pelos meus amigos, pela minha igreja, por todos... isso foi a religião, a eucaristia, ah! Eu agradeço muito a Deus. (Nanci)*

Nanci expressa uma mudança não apenas pessoal, mas que se refletiu na vida familiar, até mesmo na relação com Deus. O caminho catecumenal torna-se reconfigurador da vida pessoal, das escolhas e atitudes cotidianas. Neste processo, cada participante, ao se deixar interpelar pela voz de Deus em seu coração, além de transformar a própria vida, torna-se testemunha viva do seguimento de Jesus.

Afonso percebe com clareza a mudança existencial provocada pelo processo catecumenal. Ao iniciar, ele busca o sacramento do Batismo, mas o que encontra vai além de suas expectativas, pois, encontra a si mesmo, encontra o lugar da religião da sua vida.

*Eu fui em busca de uma coisa, que talvez não é mínima, mas é uma coisa menor do que eu encontrei. Eu fui atrás de um sacramento, e ao mesmo tempo, encontrei a minha - vamos dizer assim - a minha posição diante da religião, a minha posição diante da minha fé, eu me encontrei, me descobri.*

*Eu só gostaria que essa prática da Igreja antiga não morresse... É porque ela já ficou adormecida anos, e quem não conhece precisa vir a conhecer, explorar mais o catecumenato, pra elas entenderem que é uma caminhada... E, assim, fincar essa bandeira na igreja.(Afonso)*

Em seu depoimento, Afonso se apresenta consciente de que participa de um processo inspirado na sabedoria da Igreja dos primeiros tempos. Um ponto que brota de seu discurso é o desejo de multiplicar a experiência que deu novo sentido à sua vida: um sentimento de descoberta da grandeza do mistério de Deus, da sua importância para a existência humana e a vontade de partilhar com outras pessoas. É a alegria que brota do encontro profundo com Deus. É o mandato missionário que chega ao seu coração e deseja que a novidade do Evangelho se espalhe.

A categoria de caminho é central na mistagogia de Cirilo. A Iniciação Cristã é processo, itinerário, trajetória, caminho. Os cristãos são aqueles que seguem o ‘caminho’ de Cristo. Em Cirilo, tudo é processo, a experiência litúrgico-sacramental não é repentina, mas é vivência profunda de cada etapa que conduz ao Mistério pascal.

Percebemos que esta categoria tornou-se um diferencial para aquele grupo. A mudança de perspectiva - de curso para encontros, de doutrina para seguimento, de prazo a ser cumprido para caminho a ser percorrido - , define uma identidade inusitada para este grupo de participantes do Catecumenato, que se tornou determinante para a sua adesão e reconhecimento. Alguns se referiram a esta perspectiva como a possibilidade de aprender de acordo com cada pessoa, respeitando sua liberdade e contexto. Outros perceberam como um caminho que se inicia e se trilha por toda a vida, sempre em busca do encontro definitivo com Jesus Cristo.

Para finalizar este tema, extraímos das práticas discursivas cinco características que definem a perspectiva do ‘caminho’ neste processo catecumenal.

1. O primeiro ponto a ser destacado, na verdade, o ponto central e norteador desta categoria, é a teologia que a embasa, ou seja, a iniciativa salvífica de Deus e a resposta da fé pessoal e comunitária.

2. Como consequência deste fundamento, a compreensão de que todos são iniciados por Deus, e todos estão no caminho do seguimento de Jesus. Para tanto, o grupo aponta as mediações que efetivam esta relação entre Deus-pessoa-comunidade: a Bíblia, os ritos litúrgicos, a Celebração Eucarística, os encontros comunitários.

3. Uma decorrência do seguimento de Jesus é a atitude missionária, de anunciar a Boa Nova ao mundo.

4. Ainda podemos ressaltar que esta perspectiva altera a postura de participação dos elementos presentes no processo. Se todos estão ‘no caminho’, as atitudes de diálogo, partilha, abertura, pedagogia amorosa, perdão e misericórdia, são as que propiciam esta dimensão.

5. Outro aspecto forte nos relatos é a auto-consciência de que ocorre uma mudança existencial diante do convite de Deus. Por isso mesmo, a dimensão penitencial deve se fazer presente, na escuta comunitária, na pedagogia do catequista e, principalmente, nos ritos que efetivam o perdão de Deus e a perseverança no caminho.

Enfim, diante da centralidade desta categoria para a mistagogia, vejamos mais um elemento relevante da experiência mistagógica vivida neste pequeno grupo de Catecumenato com Adultos.

### **3.2.2.5**

#### **Vida cristã e acompanhamento pessoal**

Em virtude da perspectiva de caminho, de conversão como processo de nova configuração da vida adulta, em sua cosmovisão, escolhas e atitudes é que trazemos mais um elemento mistagógico presente nesta experiência catecumenal: o acompanhamento pessoal e comunitário dos participantes em sua vida cristã.

Para dar início à análise desta categoria, vejamos como o catequista desenvolve uma aproximação com a vida de cada participante do Catecumenato, não apenas nos encontros catecumenais, mas indo até seus espaços familiares, ao encontro das dificuldades e das escolhas que estruturam a vida adulta.

Este não é um aspecto explicitado na prática de Cirilo de Jerusalém, no entanto, já demarcamos que a adequação da linguagem, os ensinamentos relacionados com a vida cotidiana e os esclarecimentos de cunho doutrinário, demonstram sua profunda sintonia com a realidade do grupo. A sensibilidade pastoral e capacidade de diálogo de Cirilo com diferentes culturas refletem proximidade e atenção ao contexto de seus participantes, assim como uma atitude profética e pastoral diante dos desafios que a sociedade daquele tempo apresentava à vida cristã.

No Catecumenato que estamos analisando, o catequista, Sr. Augusto, procurou alternar os encontros no espaço da *Casa de Oração* com visitas às famílias com a intenção de criar intimidade e evangelizar os ambientes familiares. Esta aproximação promoveu a abertura da vida pessoal, a construção de vínculos de confiança e afeto, além de avançar do limite da formação no Catecumenato. A proposta foi levar a experiência de oração comunitária a cada família de participante do Catecumenato, principalmente àquelas que passam por momentos conflitantes ou difíceis.

As visitas foram promovidas como ação testemunhal e missionária do grupo de Catecumenato, um gesto de solidariedade e fraternidade concretos. Transcrevemos abaixo o relato do catequista.

*De vez em quando as reuniões eram na casa de um deles. Primeiro, a gente fazia os encontros nas casas como abertura do catecumenato. E depois a gente fazia visitas periódicas nas casas. É, porque quando você vai de encontro (...) A família, está no habitat dele, é uma reserva, o único lugar em que ele se sente seguro. Então, se ele não quer ouvir a Palavra de Deus, se ele não apresenta muito interesse pela busca da palavra de Deus, quando você se insere dentro da intimidade dele, você entra na intimidade, enfraquece por um lado e fortalece de novo, só que na oração, na intimidade com a Palavra.*

*Porque dentro da casa deles eles são fortes, são donos da verdade, são isso, são aquilo. Então, quando você entra com a oração dentro da casa deles, que não é o hábito, que não é o costume, quebra essa resistência. E você consegue abrir um caminho pra semear... e outra coisa: você consegue também acender na mente de cada um deles a responsabilidade que eles vão ter dali pra frente com a vida daquele que escolheu fazer este caminho no meio deles também. (Sr. Augusto)*

O catequista tem uma metodologia consciente da realidade do mundo adulto, do contexto em que vivem, as questões familiares, as pré-concepções estabelecidas. Ele avalia a necessidade de uma mudança de olhar, de uma experiência que desestabilize e possibilite uma conversão de fato, de dentro da vida pessoal, passando pelos vínculos mais próximos, os familiares. Recorre às visitas familiares como estratégia pedagógica de uma integração entre o participante e sua realidade familiar, para que não haja um hiato e para que a família participe do processo juntamente com seu parente. Realizar um encontro catecumenal neste ambiente é uma atitude pedagógica.

*Antes de fazer o catecumenato eu já tinha essa experiência de oração nas casas. Até porque era o meu primeiro serviço missionário na Igreja. Eu visitava doentes, vizinhos, procurava levar auto-estima e um incentivo, né? pra procurar o caminho... Então, pra mim foi fácil, fazer essa descoberta porque eu já tinha esse gancho, e eu já tinha resultados.*

*O RICA se preocupa com a integração com a liturgia e essa parte a Casa de Oração faz muito bem, não precisa dos meus humildes serviços. Então, me preocupo com algo que sei, tenho certa experiência.com as pessoas, com a vida prática, familiar. (Sr. Augusto)*

O tempo do Catecumenato é especial para vivenciar os valores evangélicos no cotidiano. A condução do processo deve motivar esta experiência proporcionando momentos de partilha da vida e troca de experiências. D. Ormonde reitera a orientação do RICA, de que a formação do Catecumenato é um itinerário espiritual de passagem ‘do velho homem para o novo, que tem sua perfeição em Cristo’, ‘uma progressiva mudança de mentalidade e costumes, com suas consequências sociais’<sup>671</sup>. No entanto, ele alerta para que não se reduza a um propósito de boas ‘intenções’, mas que realmente se implemente a prática cotidiana da caridade e um processo de conversão que vá configurando o participante do Catecumenato em Jesus. Para tanto, o acompanhamento pessoal e da comunidade se torna fundamental<sup>672</sup>. O participante deve ser acolhido e acompanhado pela comunidade eclesial e, sempre que possível, necessita de acompanhamento próximo, íntimo, constante, de sua trajetória pessoal na fé cristã.

<sup>671</sup> Cf. RICA, n. 19.

<sup>672</sup> Cf. ORMONDE, D. Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato. p. 248.

Estamos diante do papel do introdutor, um dos aspectos importantes para o RICA<sup>673</sup>. Neste pequeno grupo, esta se tornou uma questão difícil. Alguns participantes do Catecumenato tiveram introdutores: como uma presença amiga, como uma espécie de padrinho, como alguém que acompanha mais de perto o caminho da fé, ensinando a rezar na vida. Vejamos como o grupo percebeu esta questão.

*Os introdutores são muito importantes, né? mas como é que você faz isso? Deve ter alguma preparação? Mas isso não é nem um convite. Eu não sei nem explicar. Vou explicar porque... Porque quando veio essa última candidata eu falei com o padre: quem o senhor acha que eu devo escolher para ser introdutor dela? Ele me respondeu que não seria ele a indicar, que deveríamos fazer uma reunião e pensar juntos. No princípio, eu trouxe alguns introdutores. O grupo que recebeu os sacramentos, o primeiro grupo, aqueles que eu achei que podiam ajudar, eu falei. O padre acha que esse não é um processo legal porque eles ainda não têm um amadurecimento de fé a ponto de ajudar o candidato. (Sr. Augusto)*

Em algumas situações o papel foi exercido por algum membro familiar ou amigo, ou seja, a introdução foi compreendida como um aconselhamento da parte de uma pessoa já próxima, que estimula, orienta, se faz presente no início do processo de Pré-Catecumenato, e até mesmo durante o Catecumenato em si. Nos depoimentos abaixo podemos perceber que, para alguns, esta presença foi fundamental na sua formação.

*Ele que já participava e passava aquilo pra mim, aquele seguimento todo que a gente tinha. Ele é que me trouxe. Por isso que eu sempre, eu sempre falo que o meu introdutor mesmo foi meu marido, em toda a vida religiosa. (Ana Maria)*

*É importante, principalmente, uma pessoa que tá ali se preocupando com você, no dia-a-dia. Se você faltou, por que você não foi? Se você tá com problema... É importante. Hoje em dia eu gostaria de ser introdutora de outra pessoa, que tivesse perdida, pra passar adiante essa coisa boa, né? Que a gente recebeu, então... deve passar adiante. (Valéria)*

*Ah, ela me ensinou muito, ela sempre tava comigo, me dizendo: 'a gente precisa orar'. Ela me dizia que os obstáculos vinham, as barreiras. Ela é muito meiga, vinha com jeito, me dava conselho, rezava comigo... junto com ela eu me sentia mais forte, com Jesus dentro e no meio, como dizem. (Nanci)*

---

<sup>673</sup> Ministério recuperado pelo RICA em que hoje empregamos o termo 'introdutor'. Difere da figura do 'padrinho' segundo as orientações do ritual, no entanto, D. Ormonde propõe uma adaptação com a finalidade de adequar o documento à realidade das comunidades, dando a esse ministério as funções que o ritual atribui aos padrinhos. Cf. ORMONDE, D. Pontos de partida para um catecumenato em etapas. In: *Revista de Liturgia*, 164, março-abril de 2001, p. 28.

Os depoimentos apontam a presença do introdutor como alguém que dá o primeiro testemunho, que se preocupa com o processo e orienta em situações difíceis, que ensina a orar, experimentar a fraternidade cristã na dimensão pessoal. São características muito importantes neste processo e auxiliam de perto a Iniciação Cristã na vida adulta, criando espaços de intimidade e de oração diferentes daqueles experimentados no grupo de Catecumenato.

Já Afonso, considera que não ocorreu uma formação adequada para os introdutores. Ele percebe que alguns colegas tiveram introdutores e outros não. Alguns se sentiram meio órfãos, mas todos caminharam com ou sem essa presença. Em sua compreensão, o introdutor é alguém que deve acompanhar o Catecumenato e também auxiliar nos esclarecimentos, nas dúvidas do participante.

*Na verdade, eu não tive introdutor. Mas como a minha vontade começou já saciada, minha sede de conhecimento... então, a questão do introdutor... a gente relevou, mas outras pessoas tiveram, né? E foi importante. Mas eu acho que o introdutor tem que ser mais participativo do que o que eu vi. É uma opinião minha. Eu acho que pode esclarecer mais... A pessoa tem que ser esclarecida das coisas... entendeu? (Afonso)*

No Catecumenato primitivo, o participante era acompanhado por toda a comunidade, mas especialmente por um ‘padrinho’ na fé, com quem estabelecia uma relação mais íntima e familiar, aprofundando o conhecimento pessoal e refletindo sua caminhada na nova fé<sup>674</sup>. O papel do ‘padrinho’ nasce da vocação missionária de todo cristão, envolvendo sua responsabilidade com os irmãos na fé, sua resposta ao mandato missionário. São os primeiros missionários: anunciando, despertando e acompanhando a fé de muitos iniciantes<sup>675</sup>. O Catecumenato antigo nascia desse processo, ele antecedia e perpassava o próprio caminho catecumenal, e não o contrário. “O neófito era assistido durante toda sua preparação por um fiel veterano, com quem compartilhava sua experiência da vida cristã e que garantia sua trajetória ante os responsáveis da Igreja”<sup>676</sup>.

<sup>674</sup> Vemos esta menção especialmente na *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma, quando os fiéis devem acompanhar os neófitos no exame, na preparação e acompanhamento durante o catecumenato. Cf. HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, Petrópolis: Vozes, 1971, p. 20 e BUNGE, G. op.cit.

<sup>675</sup> Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*. op. cit., p. 464.

<sup>676</sup> Cf. CABIÉ, R. La iniciación cristiana. In: MARTIMON, A.G. *La Iglesia en oración. Introducción a la liturgia*. Barcelona: Herder, 1987, p. 584.

Alguns participantes deste grupo mencionaram uma pessoa, a quem atribuíram a introdução na vida cristã: a amiga, a mãe, a avó, a esposa, o esposo. Lembramos que o papel do padrinho é legítimo na experiência da Igreja, o encontro entre duas pessoas: uma que orienta e, a outra, que é iniciante. É exatamente o papel do introdutor, de primeiro anunciador e acompanhante, aquele que auxilia na abertura ao chamado de Deus.

Os participantes deste Catecumenato manifestam o quanto essas pessoas foram especiais e determinantes em sua formação. Sublinhamos que, nas observações quanto aos introdutores, apresentam as mesmas características presentes no Catecumenato antigo – anúncio, acompanhamento próximo e fraterno, solidariedade, integração na comunidade maior.

Na mistagogia de Cirilo, esta função específica não é percebida. Podemos apenas deduzir a necessidade do acompanhamento pessoal e comunitário, a partir de seu cuidado mistagógico com cada pessoa que deseja trilhar o caminho cristão. No Catecumenato antigo, este acompanhamento era garantido por um veterano, designado pela própria comunidade.

Este grupo de Catecumenato da *Casa de Oração* tem uma peculiaridade que vale a pena destacar com relação à figura do introdutor. O catequista deles, Sr. Augusto, foi, na verdade, o introdutor no caminho catecumenal. Sua aproximação com cada pessoa é anterior ao momento de formação do Catecumenato, pois, enquanto ministro da bênção, ele já conhecia e acompanhava muitos deles. Sendo assim, apesar de muitos se mostrarem ressentidos da ausência da figura do introdutor no processo catecumenal, seu catequista incorporava, de tal maneira, as características próprias desta função, que foram acompanhados de perto, no encontro com Jesus e nas questões pessoais relevantes para a nova vida de fé.

### 3.2.2.6

#### **A oração e o seguimento de Jesus**

O caminho mistagógico tem como fundamento o encontro profundo com Jesus Cristo, através da Palavra e da Liturgia<sup>677</sup>. É um caminho feito de

---

<sup>677</sup> A V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, realizada em Aparecida, em maio de 2007, exorta para esta missão da Igreja: “confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com

descobertas e também de escolhas fundamentais e cotidianas, no qual se efetiva o seguimento de Jesus. Não é uma precipitada conversão sacramental, e sim um processo de reformulação do próprio existir, do sentido e orientação da vida. Para tanto, a valorização do seguimento de Jesus deve estar sempre diante da comunidade, como experiência prática, de testemunho, missão e conversão, de presença cristã no mundo<sup>678</sup>.

A forma como o catequista trabalha a oração é também uma experiência diferencial neste processo catecumenal. Ele conduz a oração como conhecimento e seguimento de Jesus. Ele acredita na experiência de oração como fundamental, mas, no caso da vida adulta, ele percebe que precisa de algo a mais, que é o encontro com o sofredor, com o rosto de Jesus nos sofredores e conduz à experiência da missão apostólica.

*Eu vejo a oração a Jesus como mais do que um jeito de falar com Ele... vamos ver se você me entende... Eu consigo ver Jesus, embora muitas vezes, ou na maioria das vezes fora da igreja tá? Eu tenho um encontro com Jesus semanalmente na celebração, mas eu encontro com Jesus vivo lá fora, e eu tento levar isso pra eles, no catecumenato... assim, vivenciando com eles. Por exemplo, quando eu fui à casa das meninas<sup>679</sup> com eles eu dizia assim: converse com elas... Antes eu preparo, digo: algumas coisas vocês não devem perguntar pra não levantar uma ferida, uma mágoa. Então, faz perguntas do dia- -dia, mas coisas que você sabe que vai trabalhar a auto-estima delas. Puxa teus olhos são tão lindos! Como é que você se chama? Buscando essas características, porque a gente tá indo pra um campo onde a primeira enfermidade é o isolamento. As pessoas estão isoladas, desse campo que os nossos olhos são capazes de alcançar no cotidiano, nesse caminhar aqui fora em liberdade né? É: essas é que vão acalmar, aplacar a ira daqueles corações, para que eles possam trabalhar uma re-inserção, para que eles possam trabalhar uma forma de reintegrá-las na sociedade. (Sr. Augusto)*

Sr. Augusto conduz esta experiência de encontro com os sofredores como um testemunho de solidariedade fraterna, de superação da situação de sofrimento para uma nova vida, de resgate da auto-estima e reintegração social. Para ele, o participante, em seu caminho Catecumenal, já pode dar testemunho, apoiar outra vida, assumir o seguimento de Jesus. Mais. Ele acredita que esta é uma forma concreta de encontro com Jesus, de oração na vida, de conversão.

---

Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários". CELAM, *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007, n. 11, p. 13.

<sup>678</sup> Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*, op. cit., p. 471.

<sup>679</sup> A casa das meninas, a qual o catequista se refere é um abrigo para meninas que sofreram violência doméstica ou moradoras de rua. A Casa de Ação Social para Moças abriga meninas de 12 a 18 anos incompletos. A Casa pertence à Secretaria de Ação Social de Duque de Caxias.

*Assim a gente vai orientando eles a ver Jesus nessas meninas, ver Jesus no outro. Eu trabalhava muito com o outro deles: vocês precisam descobrir quem é o próximo de vocês. Às vezes vocês estão lá na casa e saem de casa, vêm pra igreja e o próximo de vocês estava lá passando mal, precisando de um bom dia, boa tarde, boa noite, seja o que for. Então, a gente não pode sair de casa deixando um leque de problemas. (Sr. Augusto)*

O encontro com o outro que sofre é uma experiência que marca a trajetória do participante, pois faz com que ele repense suas atitudes com os mais próximos, inclusive com os familiares. Sr. Augusto fala da coerência evangélica, da práxis do amor cristão e alerta para o perigo de uma fé ritualística, defasada com a vida cotidiana.

Os participantes do Catecumenato identificam esta experiência como um momento forte, no qual se perceberam dando testemunho, levando a Palavra de Deus àqueles que precisavam. Citamos abaixo a fala de uma das catecúmenas com relação a essa experiência.

*As visitas... eu acredito que ajuda realmente a pessoa a levar a Palavra. Isso incentiva até a gente, que faz o Catecumenato, a aquilo que você aprendeu tentar passar um pouquinho para o próximo, e tentar fazer com que ele veja como aquilo é gostoso, tentar passar pra ele que é bom, “vem, vem pra cá também!” Você precisa participar também... Como Jesus fazia, como Jesus sofreu, e você junto... com o sofrimento dos outros, você também sofre, porque você também cai...*

*No catecumenato, tá certo que a gente fique ali estudando, mas ainda mais nós adultos... Então você tem que fazer na prática, realmente. (Ana Maria)*

Observemos como, neste comentário, aparece claramente a consciência do processo catecumenal. Não é um comentário de quem é passivo, receptor do trabalho pastoral, mas de quem percebe por onde devem caminhar e quais as escolhas feitas pelo catequista. O participante do Catecumenato adulto é capaz de emitir opiniões que diagnostiquem e avaliem o processo não apenas em termos pessoais, mas comunitários. É uma característica própria do Catecumenato com Adultos, são ativos, participantes do próprio processo, e se tornam colaboradores.

A seguir vejamos mais alguns relatos que confirmam a relevância deste encontro com o sofrimento de outros irmãos. Estes depoimentos manifestam que os encontros tornaram-se momentos de conversão, de aprender a amar o próximo concretamente.

*Naquelas horas eu aprendi muitas coisas, principalmente a pensar mais no próximo, né? Não fico assim dando de ombro mais, eu procuro ajudar, né? E eu também rezo, coloco na minha oração tantas pessoas, e também peço aos amigos pra rezarem por mim. (Nanci)*

*E acho que as visitas levam o evangelho pra prática, pro concreto... O que tem as outras pessoas, o sofrimento das outras pessoas. Eu acho que cada um devia conhecer, assim um pouquinho, pra poder ficar, assim, na cabeça, né? Ou então, mesmo o que a Bíblia fale as coisas que Deus escreve, como amar o próximo e tal, se você prestar atenção, as coisas que tão escritas ali, você também pode ensinar alguma coisa bonita, e você acaba aprendendo, também. (Rosa)*

O marido de Rosa concorda com ela e acrescenta que as visitas levam a teoria para a dimensão da prática, o que aprendem no Catecumenato deve também ser transmitido, como missão, como serviço àqueles que necessitam da Palavra.

*É não é ficar só naquela parte teórica, tem que ensinar na parte prática também... ir lá e sentir o que aquela pessoa é, conversar com ela, sentir com ela a fraqueza dela, né? Onde que ela tá sofrendo e tentar levar a Palavra pra ela também, que nem lá no catecumenato o Seu Augusto ajuda a gente a ver. (Paulo)*

Este último depoimento já traz a dimensão missionária da vida cristã. É uma consequência do seguimento de Jesus: assumir o mandato missionário e levar a Palavra a outros homens e mulheres. O mais comum é que esta atitude seja uma continuidade do seguimento, após os Sacramentos da Iniciação, entretanto, a maturidade cristã deste grupo potencializa que, mesmo durante o caminho catecumenal, sejam capazes de dar testemunho e assumir a missão.

Esta característica do grupo é fruto de sua tomada de consciência do processo pastoral-pedagógico e do estímulo para serem membros ativos na formação, de uma comunidade viva. O estudioso do tema, Floristán Samanes, relembra que a essência de uma comunidade cristã não reside nas pessoas ou mesmo em suas experiências, mas no modo como respondem ao chamado do Deus de Jesus para edificar seu Reino aqui e agora, nas situações mais próximas e concretas. Ele chama de êxodo da própria comunidade, ‘sair de si’ e, enquanto Igreja, viver em estado de missão<sup>680</sup>.

Ainda, no que se refere ao tema do seguimento de Jesus, este grupo vivenciou muitas experiências de oração: a oração inicial e final nos encontros, os momentos de bênção, os ritos litúrgicos próprios do Catecumenato, as visitas aos sofredores, a partilha da Palavra, a oração nas visitas familiares.

<sup>680</sup> Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*, op. cit., p. 633.

No caso de Maria, ela percebe uma mudança significativa no seu jeito de se relacionar com Jesus.

*Eu acho que o meu jeito de falar com Jesus mudou pra melhor, né? A gente ficou mais íntimo... É porque antes, assim, era aquela ideia muito do que não está ao meu alcance, sabe? Era uma coisa distante, Ele tava comigo, mas não tava... E com o catecumenato eu passei a ver um Jesus mais humano, que tava comigo mesmo e dava pra sentir ele ali, entendeu? E nas minhas orações, isso começou a ficar mais presente, mais real... passou, a ser um amigo... Não só o posto da santidade.... (Maria)*

A mudança que Maria relata diz respeito à imagem de Jesus que ela trazia até este momento: um Jesus distante, com o qual não se relacionava naturalmente. Esta relação com Jesus não apenas se modificou, mas amadureceu para uma relação de pessoa-pessoa, de proximidade e confiança.

A experiência de oração é vivida por um dos casais do grupo como prática cotidiana, que se estende em sua semana, na vida familiar. Juntos procuram perseverar na leitura da Bíblia e na oração.

*A gente faz assim, procura ler, separados, cada um faz sua oração individual e depois, aí a gente às vezes fala sobre o que lemos na Bíblia. Tem mais, a gente não sabia como ler a bíblia, que não é só abrir a bíblia, tem que saber ler a bíblia, né?(Paulo)*

Destacamos no discurso acima que há um método nesta prática de oração: a leitura orante é individual, e só depois a partilha em comum. Esta prática é consequência da compreensão de que o encontro com Deus tem uma dimensão pessoal, e os dois respeitam e conduzem esta prática para sua vida familiar.

Os encontros do Catecumenato se passam em um clima de oração, de escuta atenta e diálogo com Deus, através da Palavra, dos fatos da vida, das partilhas, dos ritos litúrgicos. Enquanto processo de Iniciação Cristã, o Catecumenato deve ser espaço fecundo e ativo de uma pedagogia que privilegie sempre a abertura ao mistério de Deus que se revela. Os ritos são prenes desta dinâmica: as bênçãos, os escrutínios e exorcismos. Em Cirilo, o caminho mistagógico é um caminho orante, de atenção e escuta pessoal e comunitária. Nas suas homilias, ao construir uma trajetória de cunho contemplativo, Cirilo convida a uma atitude orante diante do mistério de Deus.

### 3.2.2.7

#### Pertença eclesial

O tema da participação na Igreja está presente na mistagogia de Cirilo e tem sua centralidade na celebração do Mistério pascal. As ações litúrgicas são ações de toda a Igreja, sacramento do Povo de Deus. O sentido de identidade cristã e de pertença eclesial estão extremamente vinculados, assim como suas decorrências, que são as atitudes de conversão, de testemunho e de missão no mundo.

A preocupação pela dimensão eclesial está muito viva no processo catecumenal que acompanhamos. O catequista da comunidade local se mostra atento a uma inserção verdadeira na Igreja, como comunidade eclesial mais ampla. Para tanto, três pontos foram priorizados: o estreitamento dos vínculos fraternos e solidários, a participação nos ritos litúrgicos e o contato com a grande comunidade eclesial.

Este grupo catecumenal se encontra e vivencia a liturgia na *Casa de Oração Batismo do Senhor*. Este é um aspecto a ser ressaltado, pois ali o grupo experimenta uma liturgia que integra a vida, a fé e o Mistério pascal<sup>681</sup>; uma liturgia que conduz cada pessoa a uma nova participação na Igreja, que nasce da participação no Mistério de Cristo na Liturgia. Nas palavras de Floristán Samanes, “a liturgia é a oração viva da assembléia, na qual se responde à realidade deste mundo para transformá-lo em reino de Deus”<sup>682</sup>.

É nesse espírito que muitos participantes do Catecumenato são iniciados nos ministérios e assumem como serviço à Igreja ali reunida. As ações litúrgicas são serviços que os membros da assembléia prestam uns aos outros e, por seu intermédio, é Cristo, o servo de Deus, quem age. É um serviço horizontal na assembléia, mas que expressa a dupla relação vertical, através dos ministros, Deus

---

<sup>681</sup> É frequente experimentarmos momentos de uma ruptura entre o que vivemos, cremos e celebramos; entre o que pensamos e o que fazemos; entre nossas convicções e nossas ações. A celebração eucarística, vivida na sua plenitude, é uma experiência integradora entre Deus e seus filhos, entre a Revelação e a resposta de fé na vida pessoal e comunitária. Cf. ESCOBAR, F. A Celebração do Mistério de Cristo. In: CELAM, *Manual de Liturgia*, vol. II, A Celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005, p. 13.

<sup>682</sup> FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*, op. cit., p. 624.

está a serviço de seu povo e, por outro lado, o povo está a serviço de Deus e de seu Reino<sup>683</sup>.

Transcrevemos a fala de um dos participantes, que expressa esta experiência de horizontalidade na assembléia e de ministérios vistos na dimensão do serviço, sem que haja comprometimento da centralidade do Mistério celebrado, que é Jesus.

*Tem gente que acha que mais importante é o padre na igreja... o padre é importante... o padre é importantíssimo, mas o centro é Jesus. A assembléia é igual, ninguém mais, nem menos. E os ministérios não são pra aparecer, mas... é pra servir, né? Não é pra você se destacar, que você é mais..., mas é pra você servir àquela comunidade.(Afonso)*

Pontuamos outro aspecto significativo quanto a esta dimensão de pertença à grande comunidade eclesial, a Igreja: o processo catecumenal é percebido como um processo de iniciação à vida da Igreja. Maria, uma das catecúmenas, compreende o Catecumenato como uma prática necessária a todos os cristãos.

*Eu vejo o catecumenato como uma porta pra você, assim... se infiltrar melhor na igreja, sabe? participar, ser mais ativo... Não só pra quem quer o sacramento, seria pra qualquer pessoa. Acho mesmo que todo mundo tinha que fazer o catecumenato. (Maria)*

Ela não se refere apenas àqueles que buscam a iniciação sacramental ou uma reiniciação na vida cristã. Sua experiência a conduz para o conceito mais amplo de Iniciação Cristã<sup>684</sup> e para sua importância como espaço de formação permanente<sup>685</sup>.

<sup>683</sup> Cf. GELINEAU, J. Ministérios e Serviços. In: GELINEAU, J. (org.) *Em vossas assembléias. Teologia da Missa*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 69.

<sup>684</sup> Como já vimos no capítulo 1, o conceito de Iniciação Cristã como formação continuada na qual o fiel conhece mais profundamente a fé cristã, participa livre e conscientemente do Mistério revelado na liturgia sacramental e da comunidade. Nesta concepção, o catecumenato é tomado como instituição central e global, como instrumento vital na missão evangelizadora.

<sup>685</sup> H. Bourgeois considera que há duas novas demandas presentes na formação dos grupos de ICA hoje. A primeira se refere ao retorno de cristãos já batizados que desejam dar continuidade à formação recebida no passado e participarem dos demais Sacramentos da Iniciação (confirmação e eucaristia); e a segunda voltada para adultos que retornam à comunidade eclesial para renovação, aprofundamento e vida comunitária, mas que já participaram de todos os Sacramentos de Iniciação. A questão é se esses dois grupos também estariam percorrendo um Caminho Catecumenal; e H. Bourgeois afirma que este continua sendo o caminho pertinente para o processo de ICA, mesmo com características particulares. Cada comunidade deve avaliar e planejar o Catecumenato com Adultos de forma a responder às novas demandas. Deste mesmo pensamento partilha o liturgista da *Casa de Oração*, D. Ormonde, “o catecumenato nas comunidades tende a ser único, ao mesmo tempo batismal e pós-batismal, reunindo não-batizados e batizados. Para alguns será um catecumenato de iniciação, para outros de prosseguimento da iniciação e para

Outro participante evidencia um outro fator deste enraizamento eclesial. Ele acredita que a unidade com a caminhada da Igreja está fundamentada nas fontes apostólicas e patrísticas, na Iniciação Cristã desde os primeiros tempos.

*Você sabe que o ritual existe, que essa prática é milenar. Algumas coisas a gente ainda precisa aprender, continua estudando. Seu Augusto ensinou pra gente que esse jeito, do catecumenato, que essa é uma prática da igreja, lá do início da igreja? Então, eu vejo assim, tem muita sabedoria aí, e é por isso mesmo que dá certo! (Afonso)*

Em sua prática catecumenal, este catequista procura sempre estabelecer a ligação entre o pequeno grupo, a comunidade particular e a grande comunidade do Povo de Deus. É um vínculo firmado a cada encontro, o que faz com o que o grupo não se perceba isolado de um processo muito mais amplo.

Para implementar este vínculo com a Igreja, o catequista proporciona a integração do grupo com momentos da vida da diocese de Caxias e da Igreja do Brasil.

*Isso é a própria vivência com o compromisso diocesano. É a missa do crisma, o retiro dos trabalhadores, é o grito dos excluídos, a romaria do Pilar... Tentando evangelizar num sentido de Igreja, uma igreja maior. Estamos inseridos... Até pra poderem ter consciência da extensão da Igreja que eles estão caminhando nela... que não é nenhum fundo de quintal, né? Não é uma igreja qualquer. E quando eles chegam lá, que veem aquele movimento, aquele movimento monstruoso que arrepiá, aquilo dá um..., sabe? Eles sentem tomados pela emoção de ver tanta gente, de ver a fé sendo posta em prática, se sentirem de verdade o mesmo Povo de Deus... Lembrando sempre que a espinha dorsal deles é a liturgia diária. Uma coisa tá junto com a outra. (Sr. Augusto)*

Sua fala explicita a preocupação com a consciência de que os iniciantes participam de um projeto muito maior do que os encontros catecumenais e as celebrações locais. As estratégias das quais lança mão para desenvolver essa sensibilidade e consciência comunitária indicam um processo amadurecido, de discernimento eclesial e pedagógico.

Observemos, nos relatos dos participantes do Catecumenato, como compreendem sua participação nos eventos da diocese. A partir destas atividades, se percebem como Igreja e não como um pequeno grupo em formação. Apreendem a extensão da caminhada da Igreja e sua pertença ao Povo de Deus.

---

outros de reiniciação cristã. BOURGEOIS, H. op. cit., pp. 67-70; ORMONDE, D. Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato. op. cit., pp. 252-253.

*Eu acho interessante quando vamos lá na matriz, porque nas missas, principalmente nessas celebrações de uma escala maior, te dá uma visão não só desse mundo aqui pequeno, e tem também um outro. Te faz assim... sentir uma Igreja grande, e não uma comunidade familiar só, entende?(Ana Maria)*

*Seu Augusto se preocupa que o catecumenato não fosse só um grupinho, falava dos encontros da catedral pras pessoas sentirem: ‘ eu tô inserido numa igreja, com letra maiúscula, não é só um grupinho...’ Eu sou parte de uma igreja inteira, um mundo, né? As pessoas se sentem dentro do povo de Deus, não é um hiato... Isso é uma preocupação muito dele, né? Ele é muito, é muito cuidadoso, com cada coisa desse caminho. (Paulo)*

Com mais este nível de integração, o catequista auxilia o grupo a perceber sua participação, não apenas na Igreja particular, diocesana, mas também na Igreja do Brasil. É uma resposta madura ao individualismo ainda presente em muitos processos pastorais. Apesar de cientes de que este não é um fenômeno próprio da comunidade eclesial, e sim da sociedade moderna, ele vem sendo reforçado pelo próprio esquecimento de que a Igreja é assembleia, congregação, povo reunido<sup>686</sup>.

É muito marcante, nas práticas discursivas do grupo, o sentimento de pertença, algumas expressões demarcam este significado: “*tem muita sabedoria*”, “*te dá uma visão*”, “*eu sou parte de uma igreja inteira*”, “*eu estou inserido numa Igreja*”. Percebemos que não é um discurso incidental, e sim uma experiência eclesiológica que vai crescendo e da qual se percebem integrantes e co-responsáveis. É uma tomada de consciência da própria identidade cristã como uma identidade comunitária. Mais. Compreendem que as histórias pessoais são também salvíficas, participantes do Plano amoroso de Deus, da História da Salvação de toda a humanidade.

A consciência eclesial é construída pela experiência de participação, de experimentarem concretamente os laços com uma grande tradição, à qual se deve valorização e o respeito de sua caminhada na história da humanidade. Esta é mais uma razão pela qual a prática da liturgia diária é fundamental, pois através das leituras bíblicas o grupo estabelece o vínculo entre o Povo de Deus e o povo de

<sup>686</sup> O Novo Testamento não faz distinção terminológica da Igreja como comunidade local ou como totalidade universal. O vocábulo *ekklesia* – assembleia, congregação, reunião -, indica que os membros da comunidade cristã são irmãos na fé, pessoas livres e iguais que se querem de verdade, com obras e não com meras palavras. Mas, sobretudo, o termo indica que essa reunião ocorre a partir de um chamado exterior a ela mesma, ela é uma assembleia convocada. (At 11, 22; 13,1; 1Cor 14,19.35; Rm 16,5; Ef 5,32) Cf. FLORISTÁN SAMANES, C. *Teología practica*, op. cit., p. 624; SPERA, J. C. e RUSSO, R. A Assembleia Celebrante. In: CELAM, *Manual de Liturgia*, vol. II, A Celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005, p. 111.

hoje, a história do povo da Bíblia e a sua própria história. A participação nos grandes eventos da Igreja não se torna apenas ocasião de encontro, de emoção extática, mas configura mais um passo na experiência cristã dos participantes do Catecumenato.

Na mistagogia de Cirilo de Jerusalém identificamos ensinamentos que se fazem presentes na experiência deste grupo de Catecumenato com Adultos: a experiência de fé vivida em unidade, em comunhão e correção fraterna; a percepção de que se crê em Igreja; o sentimento de estar inserido na grande família eclesial; a consciência da dimensão universal do mistério Pascal; a História da Salvação como passado, presente e futuro.

### 3.2.2.8

#### O espaço mistagógico

Não podemos deixar de registrar que este grupo está inserido em uma *Casa de Oração*, o que é um fator determinante em toda esta experiência. Apesar de ter dado seus primeiros passos no Pré-Catecumenato, na igreja do bairro, ele vivencia o processo catecumenal e os sacramentos da iniciação nesta comunidade, na qual muitos detalhes concorrem para que seja uma experiência realmente mistagógica. Na *Casa de Oração Batismo do Senhor* o grupo de Catecumenato tem a oportunidade de se confrontar com uma prática paradigmática em termos de oração, experiência e formação litúrgica: o espaço físico da capela, o espaço externo de contato direto com a natureza, o ambiente de oração, as práticas orantes da comunidade, a espiritualidade monástica, a presença dos religiosos, a comunidade eclesial que se reúne em torno dessa experiência<sup>687</sup>.

O sentido do espaço mistagógico consiste em não estar reduzido à materialidade dos ritos e sim aos sentidos simbólicos, ou seja, o espaço externo convoca à experiência interior, a serviço da espiritualidade. O templo onde habita a plenitude da divindade é Jesus Cristo. Ele é o verdadeiro lugar de encontro com Deus. Sendo assim, o espaço será mistagógico na medida em que se voltar a esta

---

<sup>687</sup> Nesta abordagem nos limitaremos ao espaço físico da capela da *Casa de Oração*, não nos alongaremos na descrição dos demais espaços da Casa, que também concorrem para o ambiente de silêncio e oração, próprio dos mosteiros.

centralidade radical, na pessoa de Jesus Cristo, no Mistério pascal. Nele se baseia toda a mistagogia do espaço litúrgico<sup>688</sup>.

O espaço físico da capela da Casa de Oração é um espaço mistagógico. Sua organização é direcionada para conduzir a assembléia para dentro do mistério: a distribuição dos bancos, do ambão, do altar, dos objetos litúrgicos, corroboram para conduzir à celebração ativa, consciente e plena do Mistério. Os participantes, Afonso e Valéria, descrevem o quanto este espaço físico se tornou para eles uma referência e os ajudou a se perceberem participantes do mistério de Deus.

*O que acontece... até a distribuição dos bancos na igreja em volta do ambão, o altar... já faz você refletir, sabe? Porque aí deixa centrado o altar, o ambão, né? Faz o conjunto, e você percebe que você tá ali participando, sabe? Enquanto a distribuição nas grandes igrejas, paróquias é diferente, você é quase que assistente, lembra um posicionamento de um cinema. Ali não, eu sou incluído, sou parceiro, somos a assembléia. E isso forma vínculo, vinculação. E catecumenato é liturgia, porque até a arrumação da capela faz a gente se sentir dentro.*

*E ainda tem aquela coisa de silêncio, é uma casa de oração, hoje todo mundo sabe, né? Mas as pessoas ficavam... assim - talvez pelo excesso de felicidade – descobrindo que ali a gente se sentia tão perto de Jesus que tudo o mais se tornava pequeno. (Afonso)*

*Estar ali, no mosteiro, é muito bom, o silêncio é muito bom... Quando você está em oração não vê aquela conversa... Todo mundo concentrado. Não tem aquela conversa como na paróquia existe. Ali as pessoas já sabem que é uma casa de oração. (Valéria)*

O grupo se surpreende diante da estrutura física e da liturgia da Casa de Oração, pois não é algo que já haviam experimentado antes; é muito diferente da estrutura das paróquias locais, onde, a seu ver, a estrutura física não favorece a participação.

Um dos elementos da espiritualidade vivida no cotidiano da *Casa de Oração*, do qual os integrantes do Catecumenato participavam, é a oração do Ofício Divino<sup>689</sup>. Não é um elemento próprio da formação catecumenal, e sim da

<sup>688</sup> O papa Bento XVI, em sua Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, solicita especial atenção a esta dimensão litúrgica: “A este respeito, tenha-se presente que a finalidade da arquitetura sacra é oferecer à Igreja que celebra os mistérios de fé, especialmente a Eucaristia, o espaço mais idôneo para uma condigna realização da sua ação litúrgica; de fato, a natureza do templo cristão define-se precisamente pela ação litúrgica, a qual implica a reunião dos fiéis, que são as pedras vivas do templo”. BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal. *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, Fonte e Ápice da Vida e da Missão da Igreja, n. 41, Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 22 de março de 2008.

<sup>689</sup> Na Casa de Oração, a comunidade reza diariamente o Ofício Divino das Comunidades. Ver nota 588 neste capítulo.

dinâmica desta comunidade. Sendo assim, nem sempre os integrantes do Catecumenato participavam desta prática orante, já que não estava contemplada no momento dos encontros. Apenas alguns, aceitando o convite da comunidade da *Casa de Oração*, aproveitavam o ensejo para viverem esta experiência.

Em sua avaliação do processo vivido, sugerem a oração do Ofício como uma prática que deveria fazer parte da ICA.

*Eu acho que podíamos rezar o Ofício às vezes, acho que ajudaria...porque no ofício tem a meditação da Palavra, tem os Salmos, tudo que leva a interiorizar mais ainda a palavra de Deus, e não só a palavra de Deus, a vivência entre nós. (Ana Maria)*

*O ofício é uma prática que eu não conhecia. A paz, a serenidade, a entrega.... Até eu descobri, realmente uma igreja orante. (Afonso)*

No discurso de Afonso, percebemos que ele considera a prática do Ofício como parte de sua identidade cristã e de sua compreensão de Igreja. Ele possibilita que a comunidade, dentro de seu contexto, se situe na grande tradição litúrgica da Liturgia das Horas. Os elementos do Ofício são caminho mistagógico do qual este grupo de Catecumenato participa e recebe o influxo: o caráter comunitário das orações, a santificação do tempo, a relação com o mistério salvífico, a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento, a santificação do ser humano, a unidade com a Igreja celeste, as orações realizadas em nome de Jesus Cristo.

Na mistagogia de Cirilo, estes mesmos elementos estão presentes nas Catequeses, apesar de não podermos aliar esta prática orante às suas Catequeses, pois não temos notícia de que o próprio Cirilo vivencia a Liturgia das Horas. Contudo, esta é uma possibilidade, já que após a paz constantiniana, a liturgia se organiza nas igrejas locais, em torno do bispo e de seu clero, com as orações comunitárias da manhã e da noite<sup>690</sup>.

A *Casa de Oração* é orientada por um padre-monge, porém, ele não aparece como uma referência frequente na fala dos participantes. Em seus discursos eles manifestam que percebem que há um planejamento do Catecumenato, e que seu catequista recebe orientações do padre, no entanto, sua

<sup>690</sup> A Peregrinação de Eteria a Jerusalém nos informa desta prática, referindo-se ao ofício litúrgico com salmos, orações dos fiéis, cantos e hinos. Ela provavelmente estava em Jerusalém no ano de 384, quando Cirilo ainda era bispo, entretanto nunca menciona seu nome. Cf. PEREGRINAÇÃO de Eteria. *Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 24; DRIJVERS, J.W. *Cyril of Jerusalem. Bishop and City*. Boston: Brill, 2004, p. 67; LODI, E. *Liturgia della Chiesa*. Bologna: EDB, 1981, pp. 1307-1308.

presença nos encontros foi pontual, em momentos-chave dos retiros, algum esclarecimento com relação à leitura orante ou aos ritos do Catecumenato.

Para Paulo, a forma como o padre se relaciona com a comunidade também demarca uma forma de relação que auxilia no caminho do Catecumenato.

*Pra mim tem um ponto fortíssimo, que é a aproximação do padre com a comunidade né? A gente fica muito próximo dele... então, a gente sente aquela devoção dele, o dar dele... Uma pessoa super atenciosa... Com cada um que vai procurar ele... ele sempre tá à disposição... E isso ajuda a gente a frequentar, ainda mais vezes. (Paulo)*

Uma outra catecúmena acredita que o padre da comunidade colabora na organização do Catecumenato e, ao mesmo tempo, procura manter certa distância que, a seu ver, visa que as pessoas tenham respeito por ele.

*Eu acho que o padre ajudou a gente, porque a gente sabe que o seu Augusto conversava tudinho com ele, né? Bom, mas ele não vinha sempre, ele fica lá, sem muita intimidade, sabe? Ele tem um jeito todo dele, na missa, e tudo isso faz parte, né? Às vezes, ele veio e deu algumas palestras... duas, três vezes...ele ajudou muito, apesar que ele é sério, mas depois que eu passei a conhecer ele, eu achei completamente diferente, eu entendi que ele não vem assim com muita intimidade, é o jeito dele, talvez pras pessoas não misturarem com desrespeito...(risos) não sei. (Valéria)*

A reflexão de Afonso assume outra direção, ele valoriza os momentos nos quais o padre esteve acompanhando o grupo como referências, momentos marcantes, daquele que é o padre da comunidade. Ele fala isso com satisfação e considera que esta presença se deu em momentos precisos, de orientação e, por isso mesmo, tornou-a especial e sem cair na rotina.

*Eu penso assim... se o padre está o tempo todo conosco ele causa um impacto de início... Afinal de contas, você tá lidando com um grupo que está buscando a vida religiosa, e chega um sacerdote... você fica satisfeito. Mas eu acho que foi bom assim, sabe? Só em algumas reuniões, deu mais liberdade. O grupo vai, caminha e, ao mesmo tempo, a presença dele, quando acontece - vamos dizer assim - deixa todos satisfeitos, mas se fosse só com ele, viraria rotina...Assim, como foi, era um presente quando ele v inha...e nós ficamos muito orgulhosos por isso, pela atenção.(Afonso)*

Enfim, o fato deste grupo se reunir na *Casa de Oração Batismo do Senhor* é delimitador da mistagogia experimentada neste processo catecumenal. Os participantes deste Catecumenato se encontram em um espaço mistagógico, tanto no que se refere à estrutura física, como com relação à oração e à liturgia que ali

se vivenciam. A prática teológico-pastoral de Cirilo é demarcada por um lugar teológico: a cidade de Jerusalém, com suas primeiras comunidades cristãs. Para este pequeno grupo, a *Casa de Oração* é lugar teológico, é terreno fecundo para a experiência do Mistério de Deus, voltado para esta dinâmica de acolhida e resposta cotidiana à Graça de Deus na história.

### 3.3

#### **Avaliando a experiência do Catecumenato com Adultos na Casa de Oração Batismo do Senhor**

Para avaliar esta experiência catecumenal com adultos traremos as observações de alguns participantes do grupo, mas principalmente a visão do catequista e a visão do padre da Casa de Oração, o Pe. Domingos Ormonde. No caso do padre, sua avaliação tem um outro peso, devido à sua formação teológica, a especialização em Liturgia, e como fundador e orientador espiritual da Casa de Oração Batismo do Senhor. Além disto, o Pe. Domingos acompanhou e orientou esta experiência de Catecumenato com Adultos, sendo, portanto, conhecedor de todas as etapas do processo.

A entrevista com o Pe. Domingos Ormonde transcorreu como uma conversa informal, na qual tivemos em mãos um roteiro semi-estruturado, o que possibilitou aos dois sujeitos em diálogo - a pesquisadora e o padre -, a reflexão sobre etapas e questões específicas do processo catecumenal, acrescentadas ao roteiro inicial. Esta entrevista se deu apenas ao final do processo catecumenal, o que favoreceu uma avaliação mais ampla da experiência, assim como a construção de perspectivas para esta e outras experiências na Iniciação Cristã de Adultos.

Unindo nossa observação e análise do processo às contribuições dos participantes, encontramos algumas etapas que se destacaram nas avaliações: a seleção de conteúdos, os elementos fundamentais no Catecumenato com Adultos, os limites que foram encontrados por parte da avaliação do grupo, do padre, do catequista e por parte da pesquisadora.

Vejamos passo a passo a visão do processo de ICA experimentado ao longo de dois anos de caminho catecumenal sob a interpretação dos participantes.

#### **3.3.1**

## Seleção de conteúdos e elementos fundamentais

Muitos catequistas questionam qual a melhor forma de conciliar o caminho catecumenal proposto pelo RICA com os conteúdos que devem ser trabalhados ao longo deste processo. Enfim, é possível uma experiência que contemple as dimensões pessoais e comunitárias do Catecumenato com Adultos e uma formação básica no núcleo da fé cristã? Quais seriam os conteúdos imprescindíveis a serem trabalhados no Catecumenato com Adultos? É possível conciliar experiência subjetiva e comunitária, espiritualidade e formação cristã? Haveria um método que auxilie nesta trajetória?

Para o catequista desta comunidade, não é possível falar em planejamento do Catecumenato sem trazer a referência do orientador pastoral do processo, o padre da *Casa de Oração*. O Pe. Domingos Ormonde é conhecedor do RICA e estudioso do processo da Iniciação Cristã. Neste processo catecumenal, ele auxiliava no discernimento, no planejamento, na escolha dos temas dos encontros, nos rituais litúrgicos.

O catequista descreve abaixo o início do processo de planejamento e a preocupação do padre da Casa com a nova experiência catecumenal com Adultos.

*Quando eu vim pra cá com o grupo dos quatorze correu tudo bem. Embora o padre tenha achado que a gente precisava de um roteiro melhor. (...) Porque ele vinha sempre buscando, vendo a minha dificuldade de fornecer algum subsídio. Mas ele, à medida que vai pesquisando o ritual, também vai percebendo as dificuldades com mais clareza... Aí vai buscando novas maneiras... (Sr. Augusto)*

O próprio padre, contudo, percebe limites em sua atuação neste planejamento. Apesar de seu conhecimento prévio quanto às orientações do RICA para o Catecumenato, ele respeita a identidade do catequista, suas intuições e metodologia. Para Pe. Domingos, esse catequista possui o elemento mais importante neste caminho, ele é um mistagogo, e é esta característica essencial que ele decide priorizar em suas orientações para a ICA nesta comunidade.

*O Augusto já era o catequista do grupo na formação primeira, na Vila São Luis. Lá era uma catequese de adultos, que incluía alguns rituais litúrgicos do RICA, como os escrutínios e as bênçãos. Quando vieram para nossa comunidade, a meu convite, eu procurei não interferir no jeito que ele trabalhava com o grupo. Não orientei, por exemplo, conteúdos doutrinários... Achei melhor lidar com o que ele trazia, com o que ele possuía. Ele tinha uma boa formação teológica, simples, com uma base católica tradicional, da formação na infância, e de alguma*

*atualização que já havíamos feito na Diocese. Ele é mais que um catequista, e o mais importante ele possuía, é atento ao Espírito. Assim, o melhor seria transmitido, entende? ... deixá-lo caminhar, com sua sensibilidade pastoral e procurei orientá-lo em alguns momentos. O Augusto o é um mistagogo, sem formação teórica, mas tem o mais importante... ele segue a orientação do Espírito, e esta escuta leva ao sensus fidei. (Pe. Domingos)*

Sr. Augusto usava da própria sensibilidade pastoral para encontrar os melhores caminhos para seu trabalho. Para ele, era o início de tudo, não havia material pronto ou experiências a serem trocadas. Ele planejava juntamente com o padre e, ao mesmo tempo, por seus próprios recursos, estudava, pesquisava, selecionava metodologia e conteúdos.

*Olha só, lá no início, a gente tinha só dificuldade para abrir essa picada na mata, abrir esse caminho. Então a gente começou usando os nossos próprios recursos, tá? Então, uma vez, quando não tinha uma clareza, eu peguei os meus pelo lado mais fácil pra mim, mais prático pra mim, que eu gostava muito de ler a Bíblia, gostava muito de ter esse contato com a Bíblia. E eu tinha já uma visão razoável do tempo litúrgico.*

*Confesso que, na verdade, é provável que eu tenha sido muito fraco na parte da doutrina porque não é a minha praia... Então, na doutrina eu sou bem fraquinho mesmo, quer dizer, não que eu seja forte no tempo litúrgico, mas é que eu era bastante interessado, interessado e curioso com relação ao caminho que a igreja faz através dos tempos litúrgicos. Isso é a diferença que causou: acompanhando como é que a igreja caminha. E eu perguntava: vocês perceberam alguma relação entre uma leitura e outra? Acha que houve alguma mudança de itinerário? E eu percebi que vindo de lá pra cá, no caminho do ano litúrgico, a gente tinha uma amarração... (Sr. Augusto)*

O caminho escolhido foi fazer a trajetória do ano litúrgico, articulando os textos bíblicos de cada semana, o caminho eclesial, a liturgia e a vida. Ele faz um caminho mistagógico e, a cada elemento que ele une ao processo, este caminho se torna mais próximo daquele da Igreja dos primeiros séculos.

*Ele compreendia que o ano litúrgico não se resumia às leituras bíblicas, e esta escolha ficou ainda mais assentada depois da frequência aqui e do curso de Liturgia que ele fez. Eu optei por não sugerir um livro-texto e também não orientei conteúdos doutrinários. (Pe. Domingos)*

Nas duas falas está presente que o conteúdo selecionado para a formação catecumenato não seguiu exatamente um programa doutrinário. O catequista priorizou a caminhada bíblica do ano litúrgico, o vínculo entre o Antigo e o Novo Testamento, o seguimento de Jesus. No entanto, os participantes mencionam conteúdos doutrinários ao longo da caminhada, como é o caso de Nanci.

*Uma coisa que me marcou foram os mandamentos, né? Tudininho... Tudo explicadinho. Seu Augusto é uma pessoa muito abençoada, muito importante, mesmo... Eu entendi pela primeira vez tudinho, que não era só uma lista pra decorar e fazer, que era um conselho de Deus... e tava tudo lá na Bíblia, pro nosso bem, pra gente ficar bem no caminho, e não pra ter medo, de ser castigado... Olha, eu falo mesmo: Eu tive um catequista! Aquele, sim! Catequista pra ensinar mesmo. (Nanci)*

Em uma das reuniões, propusemos uma avaliação quanto aos temas trabalhados no Catecumenato até aquele momento. Fizemos uma relação dos temas que consideraram que já haviam experimentado e aprendido, e aqueles que ainda julgavam necessários para complementar o caminho. Vale ressaltar que, neste momento, não houve qualquer interferência dos assessores e do catequista para delimitarem os temas ou os elementos relevantes que serão apresentados logo a seguir.

Com relação ao calendário litúrgico, estávamos no final do Tempo Comum; duas semanas antes do início do Advento, ainda tendo, portanto, o período até a Páscoa seguinte para a continuidade do caminho catecumenal<sup>691</sup>.

<b><i>Temas elencados como fundamentais e já trabalhados:</i></b>	<b><i>Temas elencados como fundamentais a trabalhar:</i></b>
1. <i>Conhecer a Bíblia – a Palavra</i>	1. <i>Celebração Eucarística</i>
2. <i>Ano Litúrgico</i>	2. <i>Liturgia</i>
3. <i>Igreja diocesana – participação</i>	3. <i>Oração – novas formas</i>
4. <i>Convivência familiar</i>	4. <i>Prática da Leitura orante</i>
5. <i>Gesto concreto – os sofredores</i>	5. <i>O Pai Nosso</i>
6. <i>Testemunho pessoal</i>	6. <i>Credo</i>
7. <i>Oração diária</i>	7. <i>Os Sacramentos</i>
8. <i>Igreja – história e missão</i>	8. <i>Visão das outras religiões</i>
9. <i>Mandamentos da Igreja</i>	9. <i>Maria</i>
10. <i>Mandamentos da Lei de Deus</i>	
11. <i>Santíssima Trindade</i>	
12. <i>As parábolas</i>	
13. <i>Consciência crítica</i>	

Observamos que o grupo foi capaz de identificar muitos temas que estão presentes nos manuais como importantes para a formação cristã, como por exemplo, a Bíblia, a Igreja, os Mandamentos, a Trindade. E, além disso, apontou como trabalhados, outros temas que muitas vezes não são priorizados pelos manuais de catequese. Contudo, os temas elencados indicam o caminho

<sup>691</sup> Ver Anexo 2.

mistagógico trilhado pelo grupo, como: o ano litúrgico, a sensibilidade aos sofredores, o testemunho pessoal, a oração.

Também é interessante notar que, quanto aos temas que o grupo sentiu necessidade de serem trabalhados e aprofundados, foram evidenciadas questões nucleares na formação cristã, como, para exemplificar, o Credo e os Sacramentos. E ainda outros temas que brotaram devido à originalidade da experiência vivida na Casa de Oração, como, a prática da Leitura Orante, novas formas de oração, a Liturgia.

Após este momento, o grupo foi convidado a um olhar mais amplo para o processo de Catecumenato com Adultos e, a partir da experiência vivida, identificar quais seriam os pontos fundamentais para uma ICA. Após muitas considerações entre os participantes, chegaram aos quatro pontos abaixo:

1. *Uma Catequese viva – unindo a fé e a vida na comunidade*
2. *Relação de proximidade e convivência – pessoal e familiar*
3. *A noção de caminho – um processo, no qual se fazem novas escolhas e também renúncias.*
4. *A formação da Comunidade – respeitando as individualidades e estabelecendo os vínculos, como uma família.*

É muito interessante que o fato de não possuírem um livro-texto ou um roteiro de conteúdos pré-estabelecido não tenha significado prejuízo ao amadurecimento e à formação cristã dos participantes do Catecumenato. Por outro lado, isso não significa que o Catecumenato não tivesse um planejamento, com temas centrais, um caminho a ser percorrido e metas a serem atingidas. A capacidade que o grupo expressou de identificar os elementos fundamentais quanto aos conteúdos e ao estabelecimento das prioridades no caminho de ICA demonstra a seriedade do processo e o seguimento das orientações do Magistério.

*Como observadora recente do processo, considerei essa reunião excelente, já que apesar do grupo não ter uma formação teológica e nem o catequista coordenador, conseguiram ressaltar os aspectos fundamentais na formação cristã, sem relutar, enfatizando inclusive a centralidade da leitura bíblica, oração, vida comunitária, testemunho, conversão, compreensão da fé católica e ecumenismo. (Anotações de campo-13.11.2004)*

Guardando o distanciamento histórico e paradigmático entre o século IV e nosso tempo, ou seja, quando os Padres iniciam o caminho da Iniciação Cristã, e o momento atual, pleno de orientações da Tradição e do Magistério, os quatro elementos apontados pelo grupo como importantes para um caminho catecumenal com Adultos estão presentes nas categorias mistagógicas extraídas das Catequeses de Cirilo de Jerusalém. Também em Cirilo aparece a importância da integração entre a fé e a vida, a percepção do seguimento de Jesus como um caminho de conversão existencial, a pertença e participação na comunidade eclesial.

Após o momento de revisão na pequena comunidade, o Pe. Domingos Ormonde foi convidado a elencar os elementos fundamentais para o Catecumenato com Adultos percebidos nesta experiência catecumenal. Ele salientou dez elementos como constantes desta experiência:

1. *A **experiência de comunidade eclesial** – marcada pelo companheirismo, amizade, em sintonia com a comunidade eclesial maior, com a vida da Igreja paroquial e diocesana.*

2. *Um **catecumenato orante e litúrgico** – em chave de leitura vivencial, seguindo o método alegórico (como nos Padres da Igreja)*

3. *A **paternidade espiritual** – o catequista como mistagogo, orientador, pai, intercessor, modelo de discipulado.*

4. *A **dimensão cristocêntrica e pneumatológica** – centralidade da pessoa e do seguimento de Jesus e a presença atuante do Espírito na vida, não como um tema complementar ou como um dogma.*

5. *A **dimensão da conversão** – o catequista é testemunha desta dimensão, todos são chamados à conversão contínua. Esta passa pela aceitação da pessoa como ela é.*

6. *Uma **catequese não de ensinamentos e sim de abertura à dinâmica da Graça** – encontros nos quais se revê a vida cotidiana e se experimenta a ação da graça de Deus. O catequista é mediador, intérprete e mistagogo.*

7. *A **proximidade cultural entre o catequista e os participantes do Catecumenato** – mesma cosmovisão, universo cultural, visão simbólica da vida.*

8. *A **experiência de solidariedade** – sensibilidade entre os participantes do Catecumenato, familiares, sofrendores, amor aos pobres, à América Latina.*

9. *A **espiritualidade monástica** – assimilaram o modo de rezar monástico.*

10. *A **centralidade na Palavra de Deus** – reúne os elementos fundamentais para o caminho mistagógico, tanto individual como comunitária, tanto na fase de iniciação como de ensinamentos catequéticos.*

Como já consideramos anteriormente, temos aqui dois momentos de avaliação do processo. O primeiro, com o grupo de participantes do Catecumenato, os introdutores, os assessores e o catequista presentes. O segundo, entre dois teólogos - a pesquisadora e o padre da *Casa de Oração* -, no qual o padre elenca elementos percebidos nesta experiência catecumenal que nos conduzem a aspectos já levantados anteriormente em nossas fontes de consulta e elaboração. Seja com relação às *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, às orientações do Magistério eclesial, como também às reflexões dos teólogos e pastoralistas dedicados ao tema da ICA, encontramos nos dois depoimentos, constantes da experiência catecumenal.

Esses elementos levantados na pesquisa de campo estabelecem vínculos aproximativos entre as fontes e o surgimento de novos métodos, em diálogo com as comunidades e com o mundo contemporâneo. É sabedoria fontal, discernimento e escuta aos novos tempos, sinais de uma Igreja que caminha sob o impulso do Espírito, mistagogo de todos os tempos.

### 3.3.2

#### **Limites diagnosticados pelos participantes do processo catecumenal**

Depois de apresentarmos o diagnóstico dos elementos presentes nesta experiência catecumenal, vejamos os limites apontados pelo grupo de participantes e pelo padre da comunidade. Nos relatos anteriores já foram apontados alguns limites, como, por exemplo, a construção da identidade dos introdutores e seu acompanhamento efetivo aos participantes do Catecumenato.

Outros limites foram indicados durante as entrevistas e reflexões com o grupo de participantes do Catecumenato, com o catequista e com o padre-monge, Pe. Domingos Ormonde, entre os quais selecionamos quatro mais relevantes para nossa análise:

1. O conceito de Iniciação Cristã com Adultos que está presente nas comunidades, como formação sacramental ou formação permanente;
2. A delimitação de um tempo fixo de formação ou a abertura para o processo pessoal;

3. A realidade do mundo adulto com suas escolhas profissionais e afetivas;
4. Ausência de subsídios voltados para o Catecumenato em Adultos e a presença de lacunas doutrinárias na formação do catequista.

Apresentamos, a seguir, as práticas discursivas dos entrevistados com relação a estes elementos diagnosticados em sua caminhada de Catecumenato.

Com relação ao conceito de ICA, segundo os depoimentos dos participantes do Catecumenato e do catequista, o caminho catecumenal vem sendo assumido, na maioria das comunidades, como um caminho direcionado aos Sacramentos de Iniciação. A compreensão de uma formação permanente dos adultos ainda depende de uma reformulação de conceitos-chave como: os sacramentos, a pertença eclesial, a identidade cristã pessoal e comunitária. Segundo Sr. Augusto, seria importante dar continuidade ao caminho, dentro uma nova proposta de formação.

*Eu acho que há um caminho, e esse caminho tem um longo percurso... é necessário que haja encontros periódicos, sempre acendendo aquela chama lá do início. É o caminho da busca, da busca desse grande encontro com Jesus ... Você conhece Jesus, você tem intimidade com Jesus, mas você vai ao encontro d'Ele... Embora já tenha passado pelo sacramento, toda vez que você participa da eucaristia, você está fazendo um encontro pessoal com ele. E que esse caminho, ele tem uma profundidade sempre. (Sr. Augusto)*

Para o catequista, o Catecumenato com Adultos tem uma abrangência maior do que a catequese sacramental. Ele considera a inserção eclesial, a compreensão da liturgia e a integração com a vida prática como fatores a serem reunidos no processo, que exigem formação, tempo, continuidade, comunidade viva.

*Hoje eu vejo que o catecumenato tem uma abrangência muito maior, não só pela necessidade de se ter uma Igreja mais compreendida dentro da sua liturgia, mas... e há sempre uma resistência. Porque é muito fácil você ser um catequista de catequese comum...é você ter um programa todo definido na mão e chegar lá e passar. Agora, é mais complicado ter um programa e ter que vivenciar isso com eles. (Sr. Augusto)*

Em decorrência dessa compreensão, uma outra dificuldade é percebida pelo catequista e também presente na fala de alguns participantes: o fato de que o processo catecumenal exige tempo de dedicação. Para muitos, o período de dois

anos de caminhada é um período muito longo, uma escolha radical que afetará a vida da pessoa, da família.

*Outra dificuldade é com relação ao tempo, né? No início a gente percebe que algumas pessoas acham que o catecumenato é uma coisa assim que pode ser resumido em tempo mais curto. Tem igreja que é assim: duas semanas, dois meses, três meses. É, mas na verdade, não há uma formação. Há uma quebra de picada aqui e tal... Botou ele na trilha, mas ele vai com as próprias forças, vai ter que desbravar o medo, não o grupo fazendo um caminho. Uma picada na mata com uma foice é uma coisa, mas se você tem do teu lado cada um com uma foice, esse caminho vai ser mais bem feitinho, né?*

*E eles acham muito tempo. Eu acho que, às vezes, pra uns é pouco tempo e, às vezes, pra outros é o suficiente. Mas suficiente mesmo não é. (Sr. Augusto)*

Sr. Augusto compreende que o tempo não pode ser muito curto, que se deve fazer o caminho em comunidade. E vai além. Ele acredita que é um caminho permanente e, portanto, não tem uma data limite, é uma caminhada em direção ao encontro com Jesus.

O profundo vínculo de amizade e solidariedade característico construído nesse pequeno grupo o faz desejar a continuidade do processo catecumenal. Manifestam o desejo de permanecer juntos, firmar a comunidade, e trilhar novos caminhos, de acordo com uma etapa seguinte à formação sacramental.

*Aqui, muita gente acha que terminou, mas eu acho que não terminou. O pós sacramento, eu acho que as pessoas vão sentir falta. Eu penso assim... no início as pessoas ficam meio reticentes, mas depois que começar, que criar uma tradição, um ritmo, eles passariam a vir... mesmo que não fosse todo domingo, senão tumultua um pouco a vida, seria pedir demais... Eu acho que um estudo, um aprofundamento, o pessoal vai gostar porque muita gente às vezes sente falta. (Ana Maria)*

*Eu acho que deveria continuar esse caminho, tipo uma perseverança. Eu acho legal, a gente sente falta desses encontros, porque a gente vem aqui por família mesmo, sabe? A gente tá sempre toda semana assim, juntos... vai na casa do outro, vai...Então a gente acaba incorporando, né? (Maria)*

Para a maioria dos participantes, o processo catecumenal deveria ganhar uma continuidade pós-sacramento, para aqueles que foram em busca dos sacramentos, e um novo ritmo de reflexão e oração que incluísse os demais.

*Eu penso que a pessoa pode até procurar o catecumenato para o sacramento, mas no fundo não é só pra isso. O alvo de dentro, da pessoa, assim... não é só estudar, não é só a bíblia, é ela mesma, ela com Deus, entende? E isso não acaba né? O padre falou assim, não sei se você reparou: 'Todo mundo devia fazer o*

*catecumenato, mesmo quem já tem os sacramentos pra poder se atualizar'. Eu acho importante novas descobertas. O catecumenato é como o básico, um início... agora seria pra aumentar mais a nossa fé, a gente fortalecer mais a fé, não é? (Nanci)*

O próprio processo implementado pelo RICA e as atividades acrescentadas pelo catequista concorrem para que o grupo perceba que o caminho não poderia ser interrompido, ao contrário, deveria prever uma continuidade. Para muitos, é uma ruptura incoerente com o próprio processo vivido.

*Mas são tantas coisas que se pode fazer dentro do catecumenato... O catecumenato termina e as pessoas se sentem órfãs... quando começa fala-se em dois anos... MUITO TEMPO! Todo mundo fala que é muito tempo... Quando tava chegando perto de acabar... : Ai meu Deus do céu!... vamos sentir falta disso aqui, agora... e todo mundo já tava arrependido de um dia ter falado que dois anos era muito.(Afonso)*

Rosa sugere que haja uma retomada, com uma perspectiva de renovação ou aprofundamento periódico, de tempos em tempos, não apenas para aqueles que receberam os sacramentos de iniciação, mas para todos da comunidade.

*Eu acho que todo mundo aqui, até mesmo pra gente que fez dois anos, devia ter, tipo um check-up...Uma renovação, um reencontro, um tempo pra fazer de novo, de vez em quando...de ano em ano, de dois em dois anos... não sei direito...Todo mundo gostaria de se encontrar, pelo menos uma vez por mês pra rezar, ler a bíblia, mas também pra aprofundar uns temas da igreja ....e manter a chama acesa.(Rosa)*

Também Pe. Domingos acrescenta uma reflexão na qual considera o processo de Iniciação Cristã como um caminho que poderia conduzir a uma outra etapa, que ele denomina como 'missionária'.

*Neste grupo tivemos uma experiência muito peculiar. Eles saíram para ir ao encontro dos sofredores, e viveram ali uma experiência que me pareceu muito marcante em sua formação. Depois de todo o processo, penso que um dos caminhos que deveríamos pensar no sentido da continuidade do seguimento de Jesus, seria não apenas o cultivo dos momentos diante da Palavra e a Liturgia, claro, mas um direcionamento para a missão, poderíamos estar formando missionários. (Pe. Domingos Ormonde)*

O terceiro limite apontado pelo catequista é o fato de estar trabalhando com um grupo de adultos, com identidades configuradas e com escolhas já

realizadas em suas vidas, no campo profissional e no campo afetivo<sup>692</sup>. São dificuldades próprias da realidade do mundo adulto. Ele manifesta ter consciência das mesmas e estar em busca de como trabalhá-las.

*Uma das dificuldades que encontrei eu chamo de amor paralelo, né? É, maridos, namorados, mas também outros interesses que já estavam lá na vida da pessoa... Normalmente o início de uma relação causa uma certa estranheza, porque o caminho é caminho que é feito pelo catecúmeno parece que incomoda. Não só pelo tempo, mas a pessoa muda e nem sempre, às vezes, nós estamos preparados para a transformação do outro que vive conosco... Por exemplo: “Poxa, a gente tinha esse hábito ou aquele hábito a agora não temos mais disponibilidade para isso, não temos mais tempo para isso ou, ou você não sente mais vontade”. Essa última menina falou assim: “Eu não fui sabe por quê? Olha, eu gosto de dançar, gosto de tomar uma cervejinha”. Eu digo: “Continue dançando, continue tomando a cervejinha, mas venha fazer o catecumenato” (risos), Porque se ela tiver que deixar tudo isso, vai ser ao longo do caminho vai ser uma escolha pessoal dela. (Sr. Augusto)*

A vida adulta já é permeada de muitas escolhas e muitas situações e valores arraigados, solidificados. No processo catecumenal é importante, para o catequista, que estas escolhas sejam verbalizadas, que não se tornem obstáculos para a presença do candidato, mas que sejam elaboradas ao longo do caminho, a partir do discernimento pessoal. A mudança de hábitos, de visão de vida, de escolhas cotidianas, vai afetar as relações interpessoais e podem não ser acolhidas pelos parceiros familiares, afetivos, sociais. Os participantes observaram que há pessoas que encontram obstáculos e acabam se afastando na trajetória.

A metodologia do catequista prevê essa possibilidade e, esse é um dos motivos para as visitas familiares, e para o contato mais amigo e próximo durante o período de formação. Também o introdutor teria a função de acompanhar e, sempre que possível, reconduzir o neófito ao caminho catecumenal.

*Eu vi uma dificuldade da pessoa permanecer no caminho. Porque, às vezes a pessoa entra muito motivada, mas vê outra coisa: ‘ah, não é isso que eu quero e a pessoa, às vezes vai, talvez cansando. Eu vi duas desistências, pararam no meio do caminho. Eu acho que só quem tem a perder são eles. Mas eu entendo que tem as dificuldades, às vezes uma não podia vir por causa do marido, outra porque era domingo, cinco horas...*

<sup>692</sup> H. Bourgeois apresenta algumas características próprias do mundo adulto no Catecumenato com Adultos, como: não se adequar a uma metodologia nos mesmos moldes já vivenciados na infância; a necessidade de considerar o processo decisório na vida adulta; as ‘seduções’ do mundo moderno; os hábitos já constituídos a serem repensados; a administração do tempo com as tarefas próprias desse estágio da vida; o receio de não concluir o caminho. Cf. BOURGEOIS, H. op. cit., pp. 153-154.

*Mas eu acho assim, que toda dificuldade, se você quiser, pode ser superada. Dona Teresa tinha dificuldade com os filhos, parece que ficavam sozinhos... Ela vinha assim mesmo, entendeu? Trabalhava a semana toda. Sábado e domingo ela tava com a gente. Começou rateando um pouquinho, perseverou no caminho e foi... Acho que a dificuldade maior é essa... As pessoas compreenderem que há um esforço. (Maria)*

Sr. Augusto cultivou um espaço de familiaridade entre os participantes do Catecumenato. Não os deixa sozinhos com os problemas que surgem durante o caminho, mas faz parceria, visitas, busca a melhor forma de apoiar o caminho iniciado e conduzi-lo à perseverança.

*Desde o início da caminhada, no pré-catecumenato, o catequista já alerta para a importância de decidir e se comprometer com o caminho. Fala que Deus é que escolheu cada um e que, esse amor tão grande de Deus, só pede o esforço de responder, na medida do possível, a esse convite de honra. (Anotações de campo, 12/06/2004)*

Em função desse compromisso assumido, as renúncias estavam previstas, e surgiam na vida de cada um dos participantes do Catecumenato naturalmente e, também dessa forma eram absorvidas e trabalhadas na pequena comunidade. Para alguns, a renúncia era também um sinal de testemunho.

*Minhas amigas falavam: 'Poxa, Nanci fez uma renúncia' Sempre lembram que eu renunciei ao churrasco com samba... mas eu nem senti aquela pena, eu pensei, ainda vai ter muitas festas. Você sabe que naquele dia minhas amigas acabaram de crer que eu tava num caminho firme? Acho que meu jeito disse alguma coisas pra elas. (Nanci)*

Pe. Domingos diagnostica um quarto elemento como um limite no caminho desse pequeno grupo de Catecumenato: a dificuldade de encontrar subsídios voltados para esta formação e as limitações no conteúdo doutrinal do próprio catequista.

*Uma das dificuldades que experimentamos durante todo o processo foi a ausência de subsídios que trabalhem o Catecumenato com Adultos na ótica que estamos desenvolvendo, ou seja, neste eixo, que não é de catequese, mas de formação integral, onde o centro é a experiência de encontro com Jesus Cristo, e a integração entre a vida pessoal, familiar, social, e a comunidade. O que acontecia é que procurávamos recolher textos avulsos, ou mesmo escrever nesta direção, algum artigo, e depois sentávamos juntos, para tirar dúvidas e planejar. (Pe. Domingos Ormonde)*

Ainda em continuidade com esta dificuldade, o padre percebe que o catequista possuía lacunas em sua formação doutrinal e dificuldade para expor alguns Mistérios da fé. Contudo, como já vimos anteriormente, o padre percebe que este possui outros valores que fazem com que seja um catequista responsável e consequente nos encaminhamentos e reflexões. Para compor esta carência, foram convidados alguns teólogos para a assessoria do grupo em momentos-chave da formação, como, por exemplo: o tema do ano litúrgico, o tema dos sacramentos, a prática da leitura orante da Bíblia, a preparação e participação nos retiros.

*O Augusto é um homem de Deus, muito dedicado a este serviço, o toma para si, como missão e sentido da sua vida. Isso é muito importante, é mais do que uma atividade pastoral que ele acrescenta à sua vida. Contudo, mesmo de longe, pudemos perceber que alguns temas para ele eram muito difíceis de trabalhar, e ele muitas vezes pediu nossa ajuda. O que também foi um valor, porque durante o caminho, o grupo pode dialogar com outras pessoas, com outra formação, e isso, com certeza, foi um acréscimo nesse caminho. (Pe. Domingos Ormonde)*

Os limites acima diagnosticados demonstram uma comunidade atenta, em processo de amadurecimento eclesial constante, e que procura responder, através de sua dinâmica pastoral, às linhas pastorais propostas pelos bispos latino americanos reunidos em Santo Domingo: “acentuar uma catequese querigmática e missionária”<sup>693</sup>. Esta catequese, afirmam os bispos, “deve ter um itinerário continuado que abarque desde a infância até a idade adulta”<sup>694</sup>. Mais adiante, os bispos interpelam as paróquias a converterem-se em “comunhão orgânica e missionária, para que seja uma rede de comunidades”<sup>695</sup>. Pedem expressamente “renovar as paróquias a partir de estruturas que permitam setorizar a pastoral, mediante pequenas comunidades eclesiais nas quais apareça a responsabilidade dos fiéis leigos”<sup>696</sup>, e que se “ratifique a validade das Comunidades Eclesiais de Base fomentando nelas o espírito missionário e solidário, e buscando sua integração com a paróquia, com a diocese e com a Igreja universal, em conformidade com os ensinamentos da *Evangelii Nuntiandi*”<sup>697</sup>.

---

<sup>693</sup> DSD 49.

<sup>694</sup> DSD 49.

<sup>695</sup> DSD 58.

<sup>696</sup> DSD 60

<sup>697</sup> DSD 63; EN n. 58.

A seguir, consideraremos outros limites percebidos durante o período de pesquisa no Catecumenato com Adultos na comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor*. Estes limites foram diagnosticados por nós, com o aparato crítico teológico e uma visão que inclui a bibliografia consultada e as orientações do Magistério no que concerne à Iniciação Cristã de Adultos.

### 3.2.3

#### Limites diagnosticados pela pesquisadora

Durante este processo de pesquisa participante atuamos não apenas como observadores, mas também na assessoria teológica e no acompanhamento do grupo de Catecumenato com Adultos. Portanto, diagnosticamos avanços e dificuldades ao longo da trajetória do grupo, como também, após a conclusão do período de pesquisa, elaboramos reflexões teológicas a partir da experiência vivida e observada. Serão apresentadas como dificuldades percebidas: a formação de orientadores num perfil mistagógico, uma revisão metodológica que supere a tensão conteúdo-método e a diversidade dos estágios de maturidade no grupo de participantes.

A primeira dificuldade que percebemos é com relação à formação do orientador do processo catecumenal, ou seja, o catequista de adultos. O papel deste catequista não se restringe a uma transmissão de conteúdos, mas abarca dimensões mais amplas, que exigem um perfil de amadurecimento pessoal, eclesial, pastoral e teológico. Além disso, segundo as orientações do RICA e das categorias mistagógicas que extraímos das *Catequeses* de Cirilo de Jerusalém, este catequista também deveria ser formado como mistagogo.

No caso do catequista deste grupo específico, da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, o padre-monge percebe nele uma identidade mistagógica e, inclusive, prioriza esta identidade em seus acompanhamentos e avaliação. Também os participantes do Catecumenato apontaram características do catequista as quais identificamos com o perfil de um mistagogo: mediador do chamado que Deus faz a cada pessoa, testemunha pessoal do evangelho de Jesus Cristo, relacionamento pastoral e afetivo com os participantes do Catecumenato.

Sabedores da confluência de fatores relevantes para que o catequista seja esta presença formadora entre os iniciantes, como também, da originalidade que

consiste em um posicionamento mistagógico no processo catecumenal, percebemos que houve um esforço sistemático da parte do Sr. Augusto para assumir sua responsabilidade e se qualificar. Contudo, como também avaliou o Pe. Domingos Ormonde, há uma ausência de subsídios para essa formação. Os cursos de formação para os agentes de pastoral e para o Catecumenato com Adultos passam por um processo de revisão, de replanejamento e busca de compreensão das novas orientações eclesiais e pastorais<sup>698</sup>.

A compreensão de ICA como um caminho mistagógico, de amadurecimento integral e configuração da própria vida em Jesus Cristo pede uma renovação na formação dos orientadores. Acreditamos que dois elementos são fundamentais para esta formação.

O primeiro elemento seria a participação em uma comunidade que experimente a eclesiologia de comunhão, a liturgia mistagógica, a abertura e diálogo fecundo com os novos tempos, em estado de missão, em unidade com a Tradição e o Magistério.

O segundo elemento seria a formação centrada no eixo mistagógico, considerando as dimensões a serem integradas e articuladas no processo de Catecumenato com Adultos. Especificamente, uma formação teológica voltada para a compreensão da relação dialógica entre Deus-pessoa-comunidade-mundo; para a compreensão da ICA como itinerário vital, processual, que engloba a todos; a formação na oração, na leitura bíblica e na liturgia, como princípios ativos e fecundos na ICA; a capacitação para a integração entre a fé e a vida; orientações pedagógicas para o processo mistagógico.

O segundo limite diagnosticado por nós diz respeito à demanda de superar a concepção catequética ainda presente em muitas experiências de Catecumenato com Adultos, através de uma revisão metodológica.

Observamos que, mesmo com as escolhas desenvolvidas no planejamento deste processo catecumenal, quais sejam - o primado da Palavra de Deus, a trajetória do ano Litúrgico, a participação na Liturgia, a integração entre a fé e

<sup>698</sup> Sobre este aspecto conferir a avaliação de ANTONIAZZI, A. Formação de cristãos adultos: desafios e respostas. In: CNBB. *O Itinerário da Fé na "Iniciação Cristã de Adultos"*. São Paulo: Paulus, 2001, especialmente páginas 259, 261, 262 e 270. Esta avaliação está presente desde 1994 no estudo de C. ROCCHETTA, *Como evangelizar hoy a los cristianos*, já citado anteriormente. Neste trabalho, no qual estuda e avalia o documento RICA e suas implicações na evangelização hodierna, C. Rocchetta alerta para a necessidade de uma formação de catequistas e animadores que compreendam profundamente o embasamento teológico, a liturgia e o caminho catecumenal deste itinerário de fé cristã.

vida, a identidade cristã e a participação no Povo de Deus – ainda assim surgiu uma preocupação com o conteúdo doutrinal.

Consideramos que esta preocupação manifesta uma concepção de transmissão de fé centrada no conteúdo. Neste caso, esta concepção ainda estaria presente nas práticas pastorais das comunidades locais, herança de uma catequese centrada na adesão a fórmulas e conteúdos, já em muito revisada na caminhada da Igreja<sup>699</sup>. Além desse dado, muitos orientadores pastorais se questionam quanto ao método para o Catecumenato com Adultos. E ainda, se perguntam se, ao privilegiar uma metodologia centrada na mistagogia, estariam comprometendo o conteúdo doutrinal, e vice-versa.

A Iniciação Cristã de Adultos compreendida como caminho mistagógico, como experiência de abertura progressiva ao mistério de Cristo e na vida da Igreja, supera esta tensão, pois concebe a transmissão da fé como uma relação de intercomunicação entre a dimensão objetiva a ser transmitida e a dimensão subjetiva que experimenta e dialoga com o anúncio querigmático. Para tanto, a trajetória metodológica e os conteúdos da fé cristã devem viver em diálogo constante.

Durante o momento de revisão e avaliação do processo catecumenal do grupo observamos justamente que os conteúdos doutrinários não estavam comprometidos pela dinâmica mistagógica, ao contrário, não eram apenas conteúdos aprendidos intelectualmente, mas foram absorvidos por aquele grupo de participantes como conteúdos de fé, como parte de sua identidade cristã.

Ao seguir as orientações do RICA, o padre e o catequista conduzem a formação deste grupo à pedagogia que estrutura a ICA, ou seja, uma pedagogia de síntese total, dentro da qual se deve viver cada momento, não simplesmente um depois do outro, mas numa experiência real de unidade vital e de síntese. A análise de C. Rocchetta sublinha esta observação.

Se trata de fazer catequese superando qualquer redução ou dissociação. A fé crista é vida, é experiência da vida de Cristo em nós, é experiência de ser Igreja e da graça do Espírito Santo derramada em nossos corações. Os conteúdos da doutrina de fé devem situar-se dentro desta experiência vital e devem conduzir a realizá-la em plenitude<sup>700</sup>.

<sup>699</sup> Cf. CR, especialmente números 21, 25, 29, 94-102.

<sup>700</sup> ROCCHETTA, C. op. cit., p. 107.

Nos depoimentos recolhidos e nos encontros dos quais participamos percebemos uma tensão constante: em muitos momentos o orientador se manifestava tranquilo diante do processo; e em outros, ele se julgava muito aquém do que a Igreja pedia dele como orientador, principalmente por não se sentir preparado teologicamente para desenvolver alguns temas da fé cristã.

Este desafio, que este catequista tomava para si, vai além de seus limites pessoais, pois exige uma revisão da concepção central de transmissão da fé e, com ela, da antropologia teológica que fundamenta a identidade da ICA.

Por outro lado, percebemos que os protagonistas deste processo que estamos analisando, estiveram atentos às prioridades apontadas pelo RICA, numa atitude de humildade e tolerância, diálogo permanente e revisão de atividades, de acompanhamento de todos nas suas diferentes situações e espiritualidade renovada.

O terceiro limite diz respeito à diversidade dos estágios de maturidade no grupo de participantes do Catecumenato. Mesmo sendo formado por adultos, todos provenientes do mesmo contexto social e cultural, o grupo não possui hegemonia no que concerne à Iniciação e formação na fé cristã, nem tampouco no que diz respeito à maturidade afetiva. Esta configuração heterogênea necessitou de uma atenção especial por parte do catequista, a fim de respeitar os processos individuais e, ao mesmo tempo, conduzir o grupo a certa unidade de comunicação e experiência de encontro com Jesus Cristo.

E. Alberich é um dos autores que apresenta modelos de experiência com o Catecumenato com Adultos a partir desta diversidade. Diante desta questão ele analisa práticas catecumenais que se organizaram em função das características específicas dos participantes e em função da demanda de formação pastoral<sup>701</sup>. Contudo, ressaltamos que na realidade das comunidades locais, não é uma tarefa simples configurar grupos considerando tantos fatores individualizantes. Implicaria a existência de um número expressivo de orientadores qualificados e com itinerários metodológicos e conteúdos diversificados. A ICA em diferentes

<sup>701</sup> O autor analisa 11 variações do Catecumenato com Adultos já experimentadas: 1. como iniciação à fé; 2. como reiniciação à fé; 3. para recuperar o aspecto vital da fé; 4. individual ou grupal, com a ajuda de livros e documentos; 5. para pais por ocasião dos sacramentos dos filhos; 6. no marco litúrgico e comunitário; 7. como catequese bíblica; 8. como serviço à ação transformadora; 9. como renovação paroquial; 10. através dos meios de comunicação; 11. como formação teológica. Cf. ALBERICH, E. e BINZ, A. *Formas e modelos de catequese com adultos*. op. cit., pp. 22-23.

grupos exigiria ainda o planejamento de momentos de partilha em função da unidade do projeto pastoral.

## Conclusão

Após este levantamento e diálogo com os dados recolhidos na pesquisa de campo no Catecumenato com Adultos na *Casa de Oração Batismo do Senhor*, alguns aspectos que levantamos em nossa revisão teórica foram reforçados. Além disso, surgiram novos elementos, a partir da experiência desta comunidade local.

Ao estabelecermos uma aproximação entre a prática catecumenal nesta comunidade e a mistagogia de Cirilo de Jerusalém, observamos algumas constantes no caminho de Iniciação Cristã de Adultos.

1. A interação entre a Sagrada Escritura e a Liturgia se tornou fonte e orientação segura no caminho de fé dos iniciantes;
2. O caminho da Iniciação Cristã de Adultos integra as dimensões pessoal, comunitária e social – abertura, conversão existencial, pertença eclesial e testemunho;
3. O processo de Iniciação Cristã de Adultos é antropológico e eclesiológico;
4. O catequista é mediador no diálogo entre Deus e a pessoa humana;
5. A mistagogia é um elemento constante, um eixo em torno do qual se estrutura todo o processo de Iniciação Cristã de Adultos.

Além dessas constantes observadas nos dois caminhos de Iniciação Cristã de Adultos tão distantes no tempo cronológico, mas tão próximas no tempo kairológico, também extraímos alguns aspectos originais, que podem nos auxiliar na revisão das práticas contemporâneas.

1. A comunidade eclesial também está em processo de Iniciação permanente;
2. O caminho catecumenal do pequeno grupo é renovador da comunidade eclesial. Ao longo da trajetória dos participantes do Catecumenato, a comunidade é, ao mesmo tempo, geradora e gerada, fecundante e fecundada na experiência de abertura ao Espírito de Deus;

3. O processo de Iniciação Cristã de Adultos inclui a aproximação e possível integração com a realidade familiar do participante do Catecumenato;

4. A dinâmica comunitária é fonte de circularidade hermenêutica, renovação e comunhão eclesial. É construtora de identidade crística e pertença eclesial.

5. As orientações do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, o RICA, possuem eixo mistagógico, ou seja, estão embasadas e desenvolvidas de modo a contemplar as categorias mistagógicas encontradas em Cirilo de Jerusalém;

6. O caminho catecumenal experimentado a partir das orientações do RICA torna-se portador do modelo fundamental de Igreja, à luz das fontes patrísticas, de uma igreja evangelizadora e iniciadora.

Esta dinâmica de aproximação também nos conduziu ao encontro de dificuldades, de desafios para o Processo de ICA. Na análise das práticas discursivas e das observações desta experiência catecumenal local identificamos quatro desafios que devem estar diante de nós nesta análise.

1. O tema da identidade da Iniciação Cristã com Adultos ainda em processo de amadurecimento – iniciação e reiniciação, formação sacramental e formação permanente;

2. A questão do tempo de caminhada da Iniciação Cristã com Adultos: um tempo determinado, um tempo flexível aos estágios de maturidade pessoal, ou um tempo contínuo de formação, avançando conforme os estágios de amadurecimento;

3. Um Catecumenato com Adultos: em diálogo permanente, planejamento conjunto, conhecimento do contexto sócio-econômico-cultural, integração com as escolhas profissionais e afetivas;

4. A formação do catequista como mistagogo: ausência de subsídios, necessidade de uma formação que abarque a complexidade desta missão.

Esses três conjuntos de elementos que identificamos ao analisarmos as práticas discursivas e o processo de ICA do grupo de Catecumenato com Adultos observado são dados abrangentes e complexos. Para uma avaliação consequente, lembramos que toda a nossa análise considera o chão da realidade brasileira e as

orientações do Magistério Eclesial, mas nossa chave teológica remonta à sabedoria fontal da mistagogia de Cirilo de Jerusalém.

A participação da experiência de ICA em uma comunidade local torna-se um referencial crítico importante, a fim de possibilitar a interlocução entre os princípios fundados nos primeiros tempos da Igreja, quanto ao processo catecumenal, e os desafios encontrados neste campo, na evangelização atual. Faz-nos retomar as questões que principiaram esta pesquisa: O processo de Iniciação Cristã de Adultos hoje pede uma revisão do modelo eclesiológico? A mistagogia dos primeiros séculos da Igreja é fonte fecunda para a Iniciação Cristã de Adultos em nossa sociedade? Quais os elementos que permaneceriam e quais os elementos que precisariam de modificações a fim de dialogarem com os novos tempos? As comunidades locais possuem condições de resgatar a sabedoria da Mistagogia? O que seria necessário para tanto? A Igreja nos oferece orientações, embasamento e apoio para efetivar um processo de ICA em eixo mistagógico?

Para concluirmos esta reflexão, trazemos a interpelação do papa João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Missio*: como recompor o tecido de nossas comunidades para que sejam realmente capazes de iniciar na fé aos seus próprios membros, capacitando-lhes para assumir sua própria parte de responsabilidade na comunidade eclesial e para converter-se em uma força viva, fermento da comunidade humana? Apenas uma comunidade de autênticos crentes é capaz de ser uma comunidade missionária<sup>702</sup>.

Elas são um sinal da vitalidade da Igreja, instrumento de formação e evangelização, um ponto de partida válido para uma nova sociedade, fundada na civilização do amor.

Tais comunidades descentralizam e simultaneamente articulam a comunidade paroquial, à qual sempre permanecem unidas; radicam-se em ambientes simples das aldeias, tornando-se fermento de vida cristã, de atenção aos “últimos”, de empenho na transformação da sociedade. O indivíduo cristão faz nelas uma experiência comunitária, onde ele próprio se sente um elemento ativo, estimulado a dar a sua colaboração para proveito de todos. Deste modo, elas tornam-se instrumento de evangelização e de primeiro anúncio, bem como fonte de novos ministérios; enquanto, animadas pela caridade de Cristo, oferecem uma indicação sobre o modo de superar divisões, tribalismos, racismos<sup>703</sup>.

Enfim, o processo de Iniciação Cristã de Adultos é um processo eclesial, comunitário. Reside em um equilíbrio entre a função teológica e a função

<sup>702</sup> Cf. ROCCHETTA, C. op. cit., p. 23.

<sup>703</sup> RM 51.

pastoral-pedagógica. O princípio que enraíza e fecunda esta dinâmica é o eixo mistagógico, enquanto compreensão teológica, enquanto fonte de espiritualidade e de ação pastoral. As categorias mistagógicas que brotam das práticas discursivas são, na verdade, muito mais do que referências metodológicas, e sim revelam que a mistagogia é a fonte de inspiração e dinamismo que realiza o projeto dialógico entre Deus e seus filhos e filhas.

Após este processo de aproximação entre a Mistagogia de Cirilo de Jerusalém e a experiência de uma comunidade local no processo de ICA, veremos a seguir, quais os pressupostos teológicos e quais os elementos teológicos que, a partir de nossa análise, são sugeridos para o resgate da Mistagogia como eixo referencial para a ICA em nossa sociedade.